

RICHARD
MARS
L^{HA}

A HISTÓRIA

PROJETO GÊNES
O ELEMENTO

WOOD ZUMBI

Richard

RICHARD
MARS
L^H 3

A HISTÓRIA

PROJETO GÊNES
O ELEMENTO



ZUMBI



7 WOOD

O ELEMENTO ZUMBI PROJETO GÊNESE

RICHARD THE MARS

Direitos autorais do texto original © 2017 Richard The Mars

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

a

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Todos os direitos reservados

Em memória de meu pai, cujo legado inspirou, moldou e transformou sua família; tão sonhada, instituída como um refúgio do amor, da integridade, da virtude e da **Palavra**.

Sinopse

Jack é um bilionário cientista viajante do tempo que acaba se metendo em uma situação extraordinária jamais imaginada. Uma máquina capaz de captar sons pré-históricos, com absoluta clareza, destrói incrivelmente uma parte do sol. Isso faz com que ele tenha uma tarefa quase impossível: voltar no tempo, algumas vezes, fazendo tudo aquilo que ele nunca fez para salvar o planeta.

Corajosamente, ao seu lado, uma médica muito inteligente, chamada Kim, se mantém firme, porém jamais imaginando o que haveria de sobrevir, se não fosse pela mais bonita e inesperada história de amor, que promete vir a acontecer em meio a aquilo tudo. A saída que Jack encontra para se manter vivo, junto à Kim, é o começo do fim e o início do entendimento de que não somos aquilo que pensamos ser.

Sobrepular esse terrível destino imposto à humanidade deveria ser a sua única preocupação, mas o desfecho dessa história terá o preço enigmático de um efeito colateral inacreditável.

Prefácio

Como amigo de Richard, eu achei por bem prefaciá-lo acrescentando esse comentário à descrição de seu livro, pois a intenção de sua obra para mim é a da mais relevante valia, causa para uma crescente literária que parece despontar como um valioso acréscimo de serventia e eficácia ao conhecimento. Se não ainda um instrumento literário especialmente qualificado que, por ser portador de novos horizontes humanitários, pode vir a ser capaz de reverter e até alavancar novos desdobramentos de uma minguante escala da ciência da erudição, sempre tão latente nos mecanismos de acessos sociais.

Alem do que, ele próprio me disse que eu era a pessoa certa no lugar certo para falar sobre a sua obra. Dessa forma, tratei aqui de dizer tudo o que achei de mais relevante e até de incrivelmente distinto.

Em poucas palavras, o Richard fala sobre o elevado potencial de sua obra.

Sua principal característica é a de realmente ser a primeira obra, pois é a única com tais características distintas. Isso realmente faz com que o livro 7wOOD seja único. Richard, o que está fazendo com que a sua obra, o 7wOOD, seja esse verdadeiro objeto de desejo entre os seus leitores?

“Leandro, como uma forma de aproximação e de conexão com o leitor, eu começo dizendo o seguinte: esse não é um livro que você vê o seu investimento na compra indo embora em questão de horas. O 7wOOD é um eVIPE-BOOK que certamente é a referência que pode fazer com que você tenha o desejo e o gosto de ler; e depois o de reler sempre, claro que em intervalos de tempo, contudo, mas como se fosse pela primeira vez.”

“O 7wOOD trabalha a concentração ou a compreensão ou ainda a interpretação, quando então emprega o uso da **relevância** e da **conveniência**.

“A ação resultante dos leitores é a de postar e partilhar, nas redes sociais com os seus colegas igualmente leitores.”

Contando para mim sobre a história que envolvia a sua obra, o Richard me disse coisas que até então eu não sabia sobre a sua vida. Ele reparou que depois de ter terminado a universidade, quando se tornou um cientista e estudioso, *sciences corporations*, suas pesquisas e a liberdade de cátedra fizeram com que o seu gosto pela ficção fosse ainda mais aguçado.

A leitura do seu eVIPE-BOOK 7wOOD atrai todas as atenções para o pensar, a partir de uma distinta inspiração literária, onde o jogo de ideias ou o emprego de diferentes vocábulos acrescentam o estímulo interativo, capaz de postar o meio para o qual essa leitura divertida junte o útil ao agradável. A mim, isso parece soar como o advento de uma nova escola literária, onde a preocupação com o pensar se torna o ponto alto, digamos, dessa “tecnologia literária”.

Eu li o livro e percebi que isso acontece em todos os capítulos de forma tranquila e introdutória, onde a intenção do Richard, como de fato ele próprio afirma, “é a de que o marco de um possível novo status possa aos poucos alcançar a devida condição, onde ela possa ser conduzida por meio de uma cadenciada jornada literária que seja, sobretudo, tranquila, gradual e contínua”.

Esse pensamento surgiu quando ele ainda estudava matemática em um curso muito conceituado. Sua linha de evolução, na capacidade de pensar, era fantástica quando então foi registrada em um tempo recorde, posicionando-se entre os melhores no país, já em seu primeiro ano de estudos.

“A ideia de perder aos poucos o vocabulário adquirido ao longo do tempo é estarrecedora. É desagradável pensar que a superficialidade pode nos fazer perder o conhecimento literário adquirido ao longo de nossa trajetória de vida. Uma pessoa que não perde o seu conhecimento e consegue ainda agregar valor ao seu vocabulário, em certas ocasiões, pode certamente se projetar. Ocupar um status distinto em um grupo dotado de seletas habilidades linguísticas.”

O Richard também é certamente alguém que precisa do carinho da sua leitura. Assim, eu também sei que essa obra é algo para se merecer, algo único. Por isso eu vejo esse livro como o que há de melhor.

Tranquilamente eu posso dizer que as pessoas que virem você lendo o 7WOOD já vão saber, imediatamente, que você é alguém com quem elas gostariam de falar. Elas vão saber que você é um eVIPE-BOOK lendo um livro com o selo de qualidade Richard The Mars.

Entre as coisas das quais eu não sabia sobre o meu amigo Richard, ele me contou que como músico e compositor ele fez questão que sua forma de escrever tivesse o toque artístico de suas composições. Autor de algumas músicas, sua intenção era a de fazer com que a sua obra ganhasse um traço musical em cada um dos capítulos.

Vencer o campeonato estadual dos jogos escolares na modalidade cem metros sem barreira, em sua infância, a custo de muito esforço, pode lhe ensinar que a velocidade naquele esporte não devia ser o requisito mais buscado, mas sim a regularidade nos treinamentos e a qualidade com que eles eram executados.

Refletindo sobre isso, Richard pensou que a leitura poderia ser cada vez mais proveitosa se apreciada e exercida com uma qualidade literária e uma regularidade intelectual, através da fusão entre a música e a sincronia literária.

O Richard está no seu site richardthemars.com e também no Facebook

@richardthemars.

Leandro Santos,

Escritor, empresário e amigo de Richard.

ÍNDICE

[CAPÍTULO 1](#)

[A entrada pelo beco.](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[A constatação de um lapso no tempo.](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[Em meio a isso tudo o inesperado aconteceu: ele a viu.](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[No caminho para o banco, um super-herói.](#)

[Já no banco, um vilão.](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[Golpe de sorte ou obra do destino?](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[O taxista e o laboratório.](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[O mundo encantado de Bill.](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[Tentativa frustrada de coisa alguma.](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[O homem da cabeceira.](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[A Entrada pelo cano.](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[Prontos para sucumbir como todo o resto?](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[A máquina dos sons.](#)

[CAPÍTULO 13](#)

O descortinado sem fim.

CAPÍTULO 14

Entre o nada e o nada do horizonte.

CAPÍTULO 15

Do outro lado da parede.

CAPÍTULO 16

A viagem pelo centro do sol.

CAPÍTULO 17

Ouvir o unimaginável, em grande estilo, jogando um grande jogo.

CAPÍTULO 18

Como foi ser considerado louco por engano?

CAPÍTULO 19

A construção da máquina do tempo e o reencontro entre Kim e Jack.

CAPÍTULO 20

Tragado por milhões de máquinas do tempo.

CAPÍTULO 21

Acho que conheço você!

CAPÍTULO 22

O que é você? Um físico mágico?

CAPÍTULO 23

Aquilo foi estranho.

CAPÍTULO 24

Você se lembra daquele dia?

CAPÍTULO 25

Lá vem pedrada!

CAPÍTULO 26

O último tá pensando!

CAPÍTULO 27

Não me lembro de um tiro de tão longe ir tão alto.

CAPÍTULO 28

[A memória de Jack.](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[O tão esperado som.](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[Então o começo, o pedaço que cai e a voz que fica.](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[O estrondo do pedaço do sol que caía.](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[O retorno ao passado e o começo do fim.](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[O que há no final de tudo, depois da última estrela?](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[O nascimento do herói.](#)

CAPÍTULO 1

A entrada pelo beco.

Hi guys! Vou começar falando sobre o Jack. Opa! Será que eu deveria?! É que ele é um... Pensando bem, acho melhor não. Vai parecer que estou querendo fazer mistério... Mas tem muita, muita, muita coisa que eu sei sobre ele e que já posso te dizer!

Sendo assim, eu começo dizendo que Jack Wood era um jovem visionário que não gostava daquilo que pudesse ser mais evidente, mas sim do que conseguisse ser mais enigmático ou ainda do que fosse capaz de ser menos acessível. Desvendar era o seu lema. Em seu trabalho, se um determinado desdobramento não o favorecia, resiliente, ele logo se adaptava a uma nova realidade e isso não o sobrepujava, mas sim o revigorava.

O triunfo não o inspirava, contudo, essa coisa menos acessível, mesmo não estando ligada a nenhum júbilo, jamais poderia subjugar-lo em sua vivência, nem tão pouco forçá-lo ao cumprimento de nenhum padrão ficto de existência, ou seja, ele jamais deixaria de ser quem ele era para alcançar um resultado.

Sua inclinação profissional não revelava a sua personalidade; que ora era a

de alguém introspectivo, ora a de alguém comunicativo. Ele executava o seu mister, com esmero, demonstrando uma desenvoltura singular, que se pudesse ser comparada a alguma sonoridade, por exemplo, acabaria por se assemelhar a alguma coisa vinda de algum juízo elevado e extraordinário.

Jack ostentava uma feição atlética, na verdade, ele era um indivíduo nada arqueado e até apumado; o que claramente não se aproximava do biótipo de alguém em seu segmento profissional, e isso era estranho. Ele era um cientista, um físico nuclear, que nas horas vagas fazia jus ao perfil de um atleta olímpico, ou seria o contrário?

Ele era o sétimo na linhagem Wood e esse era o motivo pelo qual, de geração em geração, uma lenda teria sido preservada. A lenda alimentava a ideia de que a descendência da família Wood era portadora de uma maldição que os levaria a uma grande adversidade ainda não descoberta, um infortúnio carregado ao longo dos séculos, mas que os levariam a alcançar algo jamais imaginado.

De família abastada, sua fortuna proporcionava a ele a possibilidade de alcançar voos financeiros, inimagináveis, tanto na vida pessoal, quanto na profissional. Em alguns momentos, ele chegava a incomodar certas pessoas, não menos influentes que ele, quando então deixava muitos banqueiros impressionados. Apesar disso, na maioria das vezes, ele fazia questão de estar onde todo mundo estava, e fazer o que todo mundo fazia; assim, por conta desse seu costume amiúde, ele acabava se passando por uma pessoa comum.

Apesar da pouca idade ele já havia concluído o doutorado que começara há dois anos. Sua trajetória intelectual fora entalhada de modo a estender o seu fado com a composição de um verdadeiro acervo de outros títulos “pirotécnicos”. Sua “carreira” de conquistas deixava o fino rastro da sublimidade, além de deixar também um punhado de catedráticos desconsertados.

Aqui vamos nós! Sou pau para toda obra! Não sou perfeito e sei muito bem disso, mas se o futuro for incerto e algo estiver errado, dou um jeito e improviso; me desdubro se preciso! — ele **diria**, numa rima ligeiramente improvisada, onde ele pareceria ser alguém não subestimável, que sabia de alguma coisa a mais ou até de

algum segredo.

Jack era muito corajoso e altruísta, por isso sua compaixão era bem marcante em suas atitudes. O seu coração era grande; a ponto de facilmente comprometer a sua segurança, ou uma zona de conforto, em benefício de alguma pessoa que precisasse de sua ajuda ou estivesse sendo injustiçada, oprimida, desprezada ou tão somente não valorizada. Não que ele não tivesse dias ruins, que trazem aquela necessidade de uma automotivação para sanar todas aquelas variações de humor de uma rotina de vida, mas a sua alma era pura e o seu ânimo e as suas escolhas já não eram as dele, mas sim as do amor, que ele tanto buscava. O mesmo amor para o qual muitas pessoas já não davam tanto valor. Aquele que é desinteressado, que não busca algo em troca e que sente que ver a felicidade nos outros é o motivo para o qual estamos aqui e pelo qual devemos dar sentido às coisas.

Há de se dizer que a princípio o essencial aos nossos olhos deveria ir também além de uma bela vocação ou um belo trabalho. Deveria haver uma ideia, bem completa, que poderia ser mais do que partilhada. Por exemplo, a possibilidade de se descansar depois de se cumprir com as obrigações de uma profissão poderia ser de um jeito único.

Alguns diriam até que de forma alguma se deveria economizar tempo ou dinheiro para se fazer algo como viajar, por exemplo.

Sabe aquele lugar maravilhoso; aquelas férias que uma pessoa jamais poderia esquecer? Passar por essas férias novamente e novamente, claro que de formas diferentes, deveria ser uma lei: nas de verão, nas de inverno; não se poderia perder a oportunidade de se aventurar nem mesmo nos feriados prolongados.

A vida pode ser feita de rotinas difíceis, contudo, é possível, por exemplo, arrumar uma maneira para se alugar um iate, em qualquer lugar do mundo, navegar, mergulhar, além de esquiar na neve ou conhecer paisagens, praias e tantos outros lugares, se assim você também desejar. Até porque viver não é para sempre e certas atividades não são vitalícias. Sendo assim, #leidasfériasinesquecíveisjá!

Próximo à rua, na calçada, o jovem doutor, inexplicavelmente, se encontrava deitado no chão, desacordado. Para aumentar ainda mais o mistério não havia

ninguém por perto.

Aquele tema intrigante, que ali se apresentava, sem dúvida nenhuma, poderia ser desdobrado em um ambiente musical, onde Bach teria a sua Toccata and Fugue apresentada, sem qualquer descontextualidade, vigorosamente ambientalizada, com toda a sua funcionalidade, como há tempos tem se visto em muitos filmes de mistério.

E foi aí que uma sequência de reações inexplicáveis tomou conta daquela disposição de mistérios. Tudo começou no exato momento em que ele despertou; na verdade, ele mesmo não teria dito isso, o que só vinha a aumentar ainda mais aquele dilema enigmático, claramente desconhecido. Assim, enquanto o jovem doutor Jack Wood abria os olhos, o seu arco reflexo lhe mandava um aviso mais ou menos assim:

“Seu rosto está pronto para um banho?”

Ele acabara de receber uma generosa quantia de lama em seu rosto, que o pneu de uma despreziosa moto oferecera a ele a um palmo e meio de seu nariz. Merda! — “lamauriou”, enquanto cuspiu e limpava do rosto a merda da lama. Traduzindo “LAMAuriou”: lamúria pela lama. Sacudindo a cabeça ele se levantou de onde havia desmaiado após ter cabeceado o asfalto.

“Mas o que está acontecendo? Que droga! Ai! Ai!” — lamentava, pressionando sua cabeça com as mãos.

Ele sentia dores e alguma revolta, com a lama ainda pingando em seu queixo, mas o sentimento que o cercava naquele momento não era somente o da angústia, era também o da estranha necessidade de saber em que dia do ano ele estava.

— Por favor, que dia do ano é hoje? — perguntou Jack a um pedestre, que passava pela rua onde ele estava.

Não há nada de estranho em perguntar a alguém qual é o dia do ano, ou simplesmente: que dia é hoje?

No entanto, a forma com que Jack fez a pergunta ao pedestre, ou como ele se expressou para ele, acabou sendo no mínimo diferente. Isso por que ele perguntou

de uma maneira que fez com que a resposta só pudesse ser para ele um divisor de águas, algo que mudaria toda a sua vida.

A rua era relativamente estreita: um beco, meio escuro, com algumas latas empilhadas além de algumas caçambas nas laterais repletas de lixo. O pedestre vestia-se de forma adversa, digamos assim: uma jaqueta preta de couro, bastante afetada, que acabava passando despercebida diante do grande relógio de pulso; o qual era exibido com muita satisfação. Ele usava também uma espécie de cera fixadora para os seus cabelos. Estes, ele fazia questão de que estivessem mais do que arrepiados.

O que é que tá pegando? — **diria** o pedestre.

Na prática, aquele Jack de tantos predicados e atributos era agora, tão somente, uma pessoa qualquer, desprezado e julgado até mesmo por aquele humilde pedestre. Ele poderia ser alguém como um morador do bairro ou o carinha do celular que tropeçou na lama e perdeu a noção ou mesmo um estagiário correndo no horário do expediente para não chegar atrasado à primeira aula da faculdade.

— Dez de fevereiro de dois mil... — disse o pedestre, pausadamente, achando a pergunta meio excêntrica (logo ele), no mínimo atrapalhada, porque normalmente uma pergunta dessas acaba sendo feita, por exemplo, assim: que dia é hoje? E não “que dia DO ANO é hoje”. Ele também achou Jack meio estranho porque normalmente ninguém pergunta isso a uma pessoa desconhecida.

Dez de fevereiro — **pensou** Jack, repetindo consigo mesmo, quase junto com o pedestre.

— De que? Não, você não entendeu — disse Jack, com os olhos fixos e arregalados, como se olhasse para o nada.

CAPÍTULO 2

A constatação de um lapso no tempo.

Acho que estou desacordado de minhas faculdades racionais e lógicas!

Ainda sem reações, Jack notou que ali perto havia uma banca de jornal próxima ao final da rua. Então ele arregaçou as mangas e começou a correr,

atravessou a rua com dificuldade esbarrando nos pedestres e nos carros até chegar à banca.

Jack trajava um macacão que devia ser feito à base de um tecido como o elastano ou como a lycra, o qual cobria praticamente todo o seu corpo. O seu tênis exibia uma aerodinâmica muito distinta; ele era constituído de um material parecido com o da roupa, que também servia bem ao propósito.

Ele fora feito a partir de tecidos humanos não biodegradáveis. No final das contas ele acabava sendo dispensável, contudo, ajudava muito a garantir o isolamento radioativo direto, na entrada da... — ele diria.

Opa! Pois bem, o macacão tinha cor vermelha; havia também um capuz, no mesmo tecido do macacão, que tirou e colocou do seu lado antes de ter cabeceado o asfalto, depois de uma forte vertigem:

Seria eu uma roupa suja numa máquina de lavar? Acho que exagerei na dose do sabão em pó!

Acho que sou um bebezinho de dois aninhos de idade e fiquei paradinho em frente a uma maquininha de lavar roupinhas com o visor redondo, daquelas que a mamãe lava.

Eu fiquei muito tempo olhando a roupa da mamãe rodando no sabão e fiquei tonto!

Mamãe, o mundo tá girando, você consegue fazer de novo? — **diria** Jack, completando a frase com um discreto resmungo e uma paz inocente, a qual viria a surgir repentinamente.

Momentos assim, como esse, em que um bebê apronta e acaba por te ensinar muita coisa, mostram que o amor te ensina tudo aquilo que não se aprende, por exemplo: onde não se tem um bebê ou uma criança pequena para amar. Momentos como esses se encarregam de ser um dos instrumentos capazes de explicar o infinito significado do amor.

Chegando lá, pegou o primeiro jornal. Então ele leu a manchete:

“Mais um jantar?!” — disse Jack, ao ver a notícia da esposa do presidente em fotorreportagem que dizia:

“PRIMEIRA DAMA ESTARÁ PRESENTE HOJE NO JANTAR BENEFICENTE DO GOVERNADOR”.

Ele colocou o jornal no lugar de onde tirou e depois, perplexo, viro-se e disse:

“Mas a primeira dama não é... Não pode ser!”

Dentro da banca, o jornalista sorria encantado, enquanto movia o ‘Condor’ para fora de seu quadrante em um tabuleiro de “ZUMBBI ou Gênese”.

Então tornou a pegar o jornal; mas dessa vez, com requintes de rapina, foi direto ao cabeçalho.

Nada poderia ser mais importante para ele naquele momento. Era um sentimento único; impaciente e até faminto. Como quando se prepara um filé muito bem temperado e apetitoso, daqueles que não se consegue esperar, para comer, nem um segundo além do combinado, porque o cheiro é tão fabuloso que se começa a salivar só de se pensar na “consumaçãodoabocanhamentoacerbado”.

Traduzindo: consumação do abocanhamento acerbado, em outras palavras, ir para cima do filé como se fosse a única opção de sobrevivência. Como se você estivesse correndo para chegar à arca de Noé já com a água do dilúvio alcançando as suas pernas. Conseguir-se-ia imaginar algo assim?

É. Acho que está tudo aí. Gostei particularmente, muito mesmo, daquele inaudito pedaço de filé com orégano ao molho de alho frito, pimenta do reino e vinagre à esquerda... Agora eu vou como louco pegá-lo, mas terei que partilhá-lo, contudo, com quem quer que seja, se me pedirem. Afinal, ninguém pode ter tudo, que droga! — ele diria, faminto, ao olhar para a mesa repleta de familiares num dia de festa.

Dez de fevereiro de dois mil... — pensou Jack, novamente, repetindo a frase.

Mas que merda! — disse Jack, depois de ter lido o cabeçalho e constatado que havia voltado 10 anos para o passado.

Jack sentiu um grande vazio, uma espécie de isolamento existencial, como se estivesse bem no meio do deserto do Saara andando, lentamente: uma tartaruga.

Sabe quando se está descalço em pé em um calçamento que está quase fervendo devido ao calor do sol ou ao contrário disso, descalço sobre o gelo? Jack olhou para cima e também em toda a sua volta tentando refletir ou descobrir o que poderia ter dado errado.

Não.

(Santo Deus!) — disse Jack, agora 10 anos no futuro.

Não! Não pode ser. Eu programei para 10 dias, eu programei... — pensou Jack, ainda 10 anos no passado.

(Jack digitava uma sequência de números no computador. E então aconteceu um grande tremor. Livros e objetos pequenos caíam no chão da sala; a placa na porta dizia: SALA RESTRITA. Jack a invadira por arrombamento com o despojamento de um Bruce Lee.

“Acho que 10 dias são o bastante!” — disse Jack, em pânico, ainda digitando. O estrondo era muito maior do que o de um trovão. Esqueçam os adágios, alegros, andantes; aquilo era o horror multiplicado. Ecoava como num acorde grave que se enriquecia com diversos outros, os quais eram ainda, cuidadosamente, somados a diversos estouros e a impactos metálicos ensurdecedores. Algo inimaginável. Não havia como alguém um dia ter presenciado nada parecido. Era como se o centro da Terra viesse à superfície e esta ao centro da Terra; como se o planeta estivesse sendo vítima de um “vira-aí-do-avesso-para-mim”: vira aí do avesso pra mim.

As luzes piscavam avisando um blecaute; o lugar estava tão quente, que parecia ser o interior de uma caldeira: o inferno. Como alguém poderia reimaginar o holocausto contemporâneo e enfim reinventá-lo?!

Era preciso que ele conseguisse fazer o que pretendia logo, no entanto, uma queda de energia fez todos os computadores e máquinas pararem. Até que o gerador viesse a restabelecer tudo, em uma questão de segundos um momento mágico então aconteceu.

A sala estava escura e as paredes tinham rachaduras por onde passavam luzes muito fortes. Entre as rachaduras havia uma janela redonda alta, de mais ou menos dois metros e meio de diâmetro.

Jack se levantou, mas por causa de um forte tremor, caiu. Caiu debaixo da janela redonda. Através dela, ele viu o que só poderia ser visto por meio de um telescópio de grande potência.

Um inexplicável e imenso pedaço do sol caindo em sua direção. Era possível ver, maravilhosamente, todos os detalhes de seu formato: como uma pessoa que só está acostumada a ver os helicópteros no céu e um dia acaba vendo um descendo em terra, bem em frente à sua casa. Em outras palavras, era possível ver todos os detalhes daquele gigantesco pedaço do impossível. Ver um helicóptero nessas condições realmente causaria uma bela surpresa. Por outro lado, diferentemente de uma bela surpresa, aquilo vinha a ser o espanto elevado a um número infinito.

“Santo Deus!” — disse Jack.

Um segundo depois a energia voltou. Ainda com dores nas costas por causa da queda, Jack arrastou-se até à mesa, deu sequência aos números recuperados pelo sistema antes da queda de energia e concluiu com um breve suspiro de alívio.

“Vamos lá, máquina! Mostre alguma coisa!” — disse Jack, apertando a tecla ENTER.

Num segundo, ele estava em uma espécie de túnel. Como ele mesmo dissera numa entrevista: “uma fenda no tempo que surge depois de uma combinação de fatores tridimensionais, adicionados às dimensões de tempo-espço, observadas após o nascimento de um universo de ondas “para-gravitacionais”.”

O começo do túnel era similar ao interior de um anelídeo em grandes proporções, que se tornava mais espesso e largo do meio para o fim.

A minhoca era grande! — ele diria, em um momento de descontração.

Passar por aquele túnel era como estar na pele de um surfista, que encara o maior tubo do Havaí.

O interior daquele túnel exibia a porcaria de uma iluminação, altamente, incandescente, assim como um circuito de lasers, que sofria alterações simultâneas de cores “curto-circuíticas”!

Jack levou alguns segundos dentro do túnel até que seu corpo, inexplicavelmente, viesse a se dizimar em milhões de pedaços.

Ao seu final, o mesmo túnel criou uma distorção de imagem que se afunilava, gradualmente, na parede lateral de uma padaria por aonde ele veio a bater a cabeça depois de ser jogado.)

CAPÍTULO 3

Em meio a isso tudo o inesperado aconteceu: ele a viu.

Novamente na banca o antebraço direito de Jack, desapareceu. Ele não acreditou. O jornal ainda estava como se ele o estivesse segurando. Porém ainda com a mesma reação de espanto, mas sem dar tempo a qualquer outro acontecimento, o seu antebraço começou a reaparecer até que, lentamente, ele voltou a ficar visível. Perplexo, frustrado e sem entender nada, Jack devolveu o jornal à banca.

— Vai levar o jornal? — perguntou o jornaleiro da banca, que atendia pelo nome de Tio, com uma aparente falsa simpatia. A princípio, ele parecia ser meio “monetizado”, ou seja, ele estaria mais preocupado com o êxito do seu negócio do que com o que quer que viesse a acontecer ali.

O sorriso amarelo pode ser a ferramenta mais usada em situações de rotina; é quase imperceptível a sua aplicação, muita gente até nem mais se dá conta de que é “partidário do *delivery* sorrisos amarelos 24h”: partidário do *delivery* sorrisos amarelos 24h.

— O que eu faria com um jornal velho? — perguntou Jack, totalmente desanimado.

— Como Sr?

— Esqueça!

— O senhor está bem? — perguntou o jornaleiro, olhando para sua roupa, como quem desconfia da sanidade de alguém.

Jack olhou para ele, franzindo a testa, mas não respondeu nada.

Do lado de Jack, uma moça muito bonita, usando óculos, contava o dinheiro trocado para pagar uma revista de ciências a qual já a estimava em sua posse: ela meio que abraçava a revista. O nome dela era Kim.

— Olá Tio, como vai? — perguntou Kim.

— Tudo bem Kim, ainda tentando entender a cabeça das pessoas?

— Não é assim tão complexo — respondeu Kim, sorrindo.

— Você precisa dizer isso pra minha mulher — disse, franzindo a testa.

— Parece que você é quem precisa ouvir isso — disse Kim, dando-lhe uma indireta.

Ela acabou chegando à conclusão de que, se ele estava apontando um defeito na esposa, a razão disso poderia ser a de que ele mesmo devia estar se reconhecendo em uma possível dificuldade conjugal.

— Pegue aqui o dinheiro, Tio! Pode ficar com o troco!

— Obrigado, Kim! Se precisar é só chamar! — disse Tio, sorridente.

— Obrigada também, Tio! — respondeu Kim, também sorridente.

— Tenha um bom dia! — disse Tio

— Ah, chegou aquele livro que te pedi outro dia?

— Sim, está aqui! Essa é uma ótima leitura e está na moda, sabia?! Ler sobre aquilo que te motiva a se superar e a encontrar o amor — ele passou o livro para ela, que sorriu para ele.

— Disse muito bem, Tio.

Kim vestia, por cima da roupa, um guarda-pó branco, longo até o joelho, e tinha os cabelos em forma de coque.

Jack notou a moça ao seu lado e achou ter notado também algo como um “quemsabepoderolaratéumcinema”: quem sabe pode rolar até um cinema. Como ela também notou a presença dele acabou ficando evidente que ambos estavam à procura de um grande amor.

Do lado de Kim havia outra moça e isso fez com que ela ora olhasse para Jack, ora se lembrasse de que essa outra moça estava ali ao lado dela. Por essa razão, aparentemente, o pensamento de Kim acabou ficando um pouco instável ou até aturdido:

Com certeza o meu cabelo deve tá horrível, e a minha cara, então, deve tá u Ó!

E essa roupa? No mínimo pisaram nela!

Até que ele é bonito. Cadê o meu espelho?

Como seria um menininho com a cara dele?

Mas o nosso filho tem que parecer mais comigo, os cabelos até podem ser como os dele, os olhos também, mas o resto tem que parecer comigo. Adoro bebês.

Se eu não gostar da mãe dele eu juro que...

Já vou logo deixando bem claro que não me visto assim e que saio muito!

Onde tá o meu pó? Socorro, minhas unhas!

Com esse físico essa roupa ou ele é um rato de academia, ou um palhaço, ou um safado! Será que ele é formado, trabalha, cozinha?Hum...

Cadê o meu espelho! Onde eu coloquei o meu celular?

Bom, se ele está me olhando quer dizer que eu estou linda, perfeita!

Cadê o meu espelho, urgente, preciso tirar muitas fotos! — pensou Kim.

E então, dando corda àquilo que era quase um flerte, Jack sussurrou:

“Ela é muito atraente, sim! O primeiro passo é não tentar comprar a revista dela, como fiz com o jornaleiro! Depois é inventar uma boa desculpa para o uso dessa roupa; não seria interessante que ela soubesse de nada agora!”

Enquanto a moça guardava sua carteira na bolsa, ela ouviu o sussurro de Jack ao seu lado. Aquilo a fez sorrir, sem que ele percebesse.

Quando Jack se virou, não havia mais nenhuma moça e nem tampouco algo como um “quem sabe”.

“Droga! O que estou fazendo?!”

Não posso esperar 10 anos para resolver isso — pensou Jack, agora na questão anterior.

CAPÍTULO 4

No caminho para o banco, um super-herói.

Já no banco, um vilão.

Jack precisava ir à Harvard University e via em seu macacão um bom motivo para passar em seu banco e sacar algum dinheiro.

“Preciso ir ao banco”.

Disse isso e logo em seguida ele saiu da banca.

A sua agência bancária, isto é, a agência da qual ele era cliente 10 anos atrás, no tempo em que ainda era estudante universitário, ficava a duas quadras.

No caminho as pessoas reparavam em Jack, que parecia no mínimo algum tipo exótico de artista circense.

— Que tipo de super-herói é você? — perguntou um menininho de uns três anos; que tocou ligeiramente a perna de Jack.

O garoto usava uma bermuda, que nele mais parecia ser uma calça, e segurava um “enternecido” sorvete, já em processo de liquefação.

Podi respondê inquantu ô tô per... guntanu? Qui graça tem cê bincá de lagartiça e não subi na paiedi? Qué soveti? Ele é geladu! Pega um poco? É bom!

Tladuçãum: você é uma criança grandona? — diria o menino, ainda indeciso em suas asserções, com relação ao emprego de suas proposições.

A respeito do que ele teria dito anteriormente: “InquantU Ô tÔ per... guntandU?” não teria sido bem o que ele teria dito, mas foi bem bonitinho.

— Do tipo que você não acharia graça — disse Jack, com um sorriso inocente, porém impaciente, em meio ao dilema que o atormentava.

— Por que? — relutou o menino.

— Ora, porque eu não tenho um batmóvel.

— E o que é que você tem?

— O que é que eu tenho? — respondeu Jack, com um sorriso e uma expressão pensativa.

(*AH! UAH, UAH!*)

Veio à sua mente a imagem de um pedaço da experiência que teve dentro daquele túnel.

Jack encolheu o sorriso, ajeitou os cabelos e depois encolheu novamente o sorriso.

A experiência ou essa imagem que ele acabara de ter naquele instante, uma espécie de viagem psicodélica materializada, que só ele sabia até o momento, o deixara muito abalado.

— Uma máquina de lavar roupas — respondeu Jack.

Em seguida, depois de dar um leve tapinha no ombro do menino, com seus olhos já começava a procurar por uma loja de roupas. O menino, sem entender nada, não riu e esqueceu os porquês.

— Hum? — perguntou o interjetivo menino.

— Na verdade, eu sou um escritor. Eu escrevo sobre aquilo que te motiva a se superar e a encontrar o amor — disse Jack, se agachando. É claro, que Jack só disse aquilo para ver a reação do garoto. O menino sorriu, assim como Jack.

— Mas agora preciso ir — disse Jack.

“ROUPAS MASCULINAS”, Jack avistou uma loja de roupas.

Pela calçada, as pessoas continuavam reparando nele.

No banco, Jack passou com tranquilidade pelo detector de metais, visto que em sua roupa não havia nenhum tipo de metal. Cumprimentou o ressabiado segurança e entrou na pequena fila de espera. Os clientes olhavam para ele espantados:

Assaltante ou trapezista de circo? Por que a máscara? Caramba! Não achei que essa fila era a de ingressos! Pensando bem, será que eu sei qual é a certa? Será que os banqueiros sabem? — diriam.

A partir de hoje todos os clientes deste banco terão de se vestir assim como eu — pensou um dos clientes, franzindo a testa, no que eventualmente poderia ter dito o misterioso homem. Esse cliente vestia um terno de banqueiro e uma fina gravata. Os funcionários da agência não sabiam se colocavam o dedo no alarme ou aplaudiam. A fila foi andando, até que Jack chegou ao caixa eletrônico, que também ficava próximo às mesas e aos caixas.

“*APERTE A TECLA ENTER PARA INICIAR*”, dizia na tela do caixa eletrônico.

Jack apertou a tecla e a resposta da tela foi: “*PASSE O SEU CARTÃO*”.

“Ah, o cartão! Eu esqueci... mas não tem problema. Eu conheço o dono do banco e o gerente e... ele vai dar um jeito.”

Foi até à mesa do gerente. Ele era um homem baixo, seus óculos tinham lentes grossas e sua camisa branca e lisa tinha sido muito bem passada.

Dê-me cinquenta e eu lhe darei trinta! Que dia é hoje? Digo; mas me empreste o seu calendário... e não espere que eu o devolva! — diria o gerente. Ao final de suas cartas ou mensagens ele seria ainda mais operante:

Sem mais para o momento, menos cinquenta é igual a uma perda de cinquenta, porque o “Sem” foi escrito com “S”.

A mesa era de um vidro grosso fumê; em cima dela havia papéis num canto, porta-retrato e uma placa de gerente no outro.

— Senhor Brown, preciso lhe falar! — disse Jack ao gerente, que estava sentado ao telefone.

— Só um minuto, Senhor! — disse o gerente, interrompendo sua conversa ao telefone. Em seguida apontou, cordialmente, com a mão para a cadeira do cliente, sugerindo ao Jack que se sentasse.

Jack se sentou por alguns segundos, desconfiando da indiferente recepção dada pelo brincalhão e “amigo” senhor Brown.

Se o fogo viesse a pegar não se teria certeza de onde essa “amizade” realmente iria parar.

Não era o caso do Jack, mas na primeira crise financeira iria ser só um “osenhornosacuda”: o senhor nos acuda. A “amizade” afetuosa, fraterna e carinhosa, “parcerão”, iria dar lugar a um “sintomuitomasinfelizmentenão”: sinto muito, mas infelizmente, não. Seria necessária mesmo uma crise para isso?

O perdão teria de ser a ferramenta mais acessada por “entre as nuvens”.

Principalmente em tempos difíceis; tempos em que deveríamos pretender buscar ainda mais a felicidade, independentemente de onde estamos ou de quem somos.

“Sim... sim... claro..., o senhor tem toda a razão! Fique tranquilo, ok?! Até logo!” — disse o gerente, desligando o telefone em seguida.

— Em que posso ajudá-lo? Senhor... — disse o gerente, educadamente.

— Senhor Brown, não está me reconhecendo? Sou eu, o Jack, lembra? Jack Wood, o seu cliente universitário — disse, ainda mais impaciente. Jack gostava de se manter invisível, mas nesse caso, ele desejou muito ter dito a ele, quando pode, que era bilionário.

— O senhor lembra muito um cliente nosso, que tem exatamente esse nome, mas ele é mais magro, tem cabelos longos, e uns vinte anos mais novo que o senhor.

Vinte anos, filho da mãe! — pensou Jack.

“Ou você é o pai ou é um irmão mais velho de Jack, ou isso é uma brincadeira

fantasiosa de mau gosto.”

— Senhor Brown, eu estou sem o meu cartão magnético e preciso sacar um dinheiro da minha conta.

— Por que o senhor não usa o seu macacão magnético? — perguntou o senhor Brown, rindo um pouco, em tom de brincadeira.

— Eu sei que parece estranho, mas o que o senhor está vendo é uma fantasia de super-herói. E no meu rosto, um belo trabalho... uma bela máscara de envelhecimento. O senhor não consegue esse dinheiro pra mim? — perguntou Jack, se desdobrando, sem nenhum embaraço.

— Isso é uma bela história, muito criativa por sinal. O senhor já pensou em ser escritor? Ah, eu penso nisso todo o dia. Largar dessa vida aqui e ser um bom escritor. Escrever sobre histórias de superação depois de grandes dificuldades e catástrofes. Sobre aquilo que te motiva a se superar e a encontrar o amor. Isso está na moda, sabia?!

— É, parece que está mesmo! — disse Jack, sorrindo, lembrando-se do menino e depois da Kim na banca de revistas.

— Em tempos de crise, as pessoas querem ler algo que traga força e que te encoraje a não desistir e a lutar até o fim. Eu quero escrever algo positivo, que transmita às pessoas aquilo que todo o restante não se dá conta. É isso que eu quero. Você deveria pensar nisso, amigo! Grandes escritores são celebridades, têm prestígio e vivem tranquilos. Se você fosse um escritor dificilmente você estaria aqui tendo problemas com o gerente do banco — disse o senhor Brown.

“Contudo, eu lamento! Sem um documento ou o cartão, Senhor...” — disse, com uma compaixão desconfiada, balançando a cabeça: um não.

Jack deu um sorriso, com o canto da boca, levantou-se da cadeira, apertou a mão do tal gerente indiferente, e saiu do banco.

Caminhou um pouco pela calçada, sem se ater a nada que ocorria ao seu redor, e então viu novamente aquela loja “*ROUPAS MASCULINAS*”.

CAPÍTULO 5

Golpe de sorte ou obra do destino?

Era uma loja pequena, uma boutique, onde a quantidade e a variedade dos produtos refletiam um padrão de opções bem eclético. Não parecia ser um varejo de seguimentos específicos. Em outras palavras, a loja era bem diversificada; com artigos de fina elegância e bom gosto, havendo desde belos sapatos a um bom chapéu ao estilo clássico inglês. Pequenas e discretas caixas de som ecoavam Mozart, no andamento adágio-alegro.

Então Jack teve manifestada a motriz pensante de seu cérebro por meio de uma criatividade intuitiva, nada involuntária, ou seja, acabara de ter uma grande ideia.

“E se eu trocasse essa fantasia exclusiva, rara, em ótimo estado de conservação, do século V antes de Cristo, feita com pele de animais, doada pelo próprio super-herói da época, por um básico e mísero esporte chique: calça e camisa? Ninguém recusaria tal proposta” — disse Jack, em voz baixa.

Jack entrou na loja, certo de que de uma forma ou de outra sairia dali com roupas normais.

— Boa tarde! Em que posso ajudá-lo? — perguntou o balconista, com um afetado sorriso cordial.

Onde é o baile, bonitão?

O balconista era um homem alto e magro. Vestia um uniforme azul-marinho do qual se gabava, a ponto de se dizer “o balconista”.

Eu vendo gelo até pra esquimó! Faço para você seis por meia dúzia e divido em três vezes sem juro pelo preço de custo! Você só precisa me dar um sinal de vinte! — ele diria, sem nenhuma pretensão, é claro.

— Eu gostaria de comprar algumas roupas. Na verdade, eu tenho uma proposta a lhe fazer — disse Jack.

— Agora piorô! — disse o balconista, em voz baixa.

Nem pense nisso!

Novamente o balconista afetou o seu sorriso cordial.

Repentinamente, outro “uniforme” azul-marinho, de óculos e grisalho, surgiu em sua retaguarda.

Posso tocar a sua audição suavemente com a minha voz? — diria o “uniforme” azul-marinho. Um barítono “assoprado”: um barítono soprano. Simpático e dedicado: um bom vendedor.

— O Senhor não gostaria de colocar uma roupa mais apropriada? São as normas da loja — disse o “uniforme” azul-marinho, ao pé do ouvido de Jack, preocupadíssimo com os outros clientes, que já apresentavam uma espantada rejeição para com o exótico cidadão.

— Sim, claro, que cabeça a minha — respondeu Jack procurando agradar, porém sem desmerecer o seu ego, que despontara subitamente.

Satisfeito com o golpe de sorte, ele entendeu que seria conveniente, naquele momento, falar pouco. Então o “uniforme” o acompanhou até o provador de roupas, onde pode trocar-se.

Jack não estava certo do que poderia acontecer depois que ele saísse do provador, mas aquela confiança, que parecia ser inerente a ele, o guiaria. Isso era algo que fazia dele alguém especial. Ele sabia que uma melhora era sempre seguida de outras melhoras quando se fazia a coisa certa, quando se seguia pelo caminho correto.

Deus fecha uma porta e abre duas, mas para o meu filhinho ele abre três! Coisa linda da mamãe! — diria sua mãe coruja, com um largo sorriso amarelo, numa frase herdada da avó fazendeira. Fora daqui, a custo de muito trabalho com a venda de madeiras, que a fortuna da família teve início.

Ela era uma mamãe bastante atarefada, contudo, não abria mão de ser amorosa. Quanto mais doce o café, maior o amor; ela sempre dizia.

Fazia doces como ninguém, preocupada com tudo, nunca se descuidava dos detalhes, pegava no pé de cada um na família, o dia todo, e isso aconteceu por toda a infância de Jack. Fazia questão de fazer tudo pelos filhos, pessoalmente.

Ela era inteligente, carinhosa, comunicativa, porém algumas vezes brava, chata e chorona. Estava sempre cheia de coisas para fazer. Até mesmo quando não havia nada ela acabava inventando alguma coisa para ajudar alguém. Mãe: exemplo perfeito do verdadeiro amor.

A roupa caiu em Jack como uma luva, ainda assim uma luva sem dinheiro.

Ela não era uma roupa de uma grife famosa, nem tão pouco ele, naquele momento, de uma elegância não latente, mas aquilo iria servir. Jack deu uma boa olhada no espelho e achou ter ficado bem naquela calça e camisa.

Hum... Acho que agora até daria mesmo para salvar o mundo!

Por obra do acaso, ali no chão dentro do provador de roupas, havia um par de sapatos de couro com solas flexíveis.

“Olha só isso” — disse Jack, surpreso.

Calçou os sapatos, abriu a cortina do provador e teve uma grande surpresa.

Algo imprevisível aconteceu; um inesperado acontecimento, que parecia ser o reflexo de alguma “força maior” dentro da curiosidade de cada dia. Nenhum dos vendedores ou clientes estava dentro da loja. Um clima de agitação acabou tomando todos os que estavam ali por perto. Um grande acidente entre dois carros de passeio havia ocorrido nas imediações. O estrondo emitido fora bastante estridente.

O que parecia ser o gerente da loja foi o que mais perto dela ficou. Ficou do lado de fora, perto da porta.

Uma maré de sorte!

Jack saiu do provador e passou pela porta da loja, se espremendo pelos cantos para não esbarrar no gerente. Ele não queria que nada colocasse sua sorte em xeque ou em arremate, como se costuma dizer no final da partida do jogo de tabuleiro “ZUMBBI ou Gênese”. Por essa razão ele seguiu pela calçada até dobrar a esquina contrária a do acidente dos carros, cuidadosamente.

Jack colocou as mãos nos bolsos da calça, inspirado pela maré de sorte, somente para descansar os braços, e adivinhem? Encontrou duas notas de cem no bolso direito. Aquela roupa devia ter sido usada por alguém distraído.

“Muito bem, agora vou à Harvard evitar o fim do mundo e talvez depois ganhar algum dinheiro apostando em alguma coisa, assim poderei dobrar o meu patrimônio. Isso parece ser bem significativo — comemorou — na verdade, isso não importa muito.” — relevou Jack.

Ele andou por mais uma quadra até o primeiro ponto de táxi e depois entrou em um que, como todos os outros da companhia, tinha aquela placa luminosa com imã em cima. Contudo, aquele era um carro muito confortável, de uma marca bem famosa. Seu motor emitia um som bastante distinto; perfeito para momentos de descontração entre aqueles que apreciavam o estilo.

CAPÍTULO 6

O taxista e o laboratório.

— Harvard, por favor! — disse Jack.

— O Senhor tem pressa? — perguntou o motorista. O sujeito era forte, tinha orelhas grandes e vestia camisa e calça sociais. Ele era alguém que, inicialmente, parecia ser bastante instruído.

A sociedade como um todo está despreparada para interagir globalmente no que se refere ao momento coexistencialista em que vivemos! — ele diria.

— Não. Quem sabe daqui a dez anos — disse Jack, com sarcasmo. Aquilo não foi muito educado e não pareceu ser a coisa certa a ser dita a alguém que ele nem conhecia, mas o momento pelo qual ele passava não o deixava muito confortável.

— Senhor?

— Nada! — respondeu Jack.

A universidade de Harvard era classificada como a melhor do mundo no campo em que Jack atuava. Obteve o reconhecimento internacional em sua pontuação alcançando a nota dez, acrescida de uma distinção e de um louvor, mas isso não parava por aí.

De onde Jack veio, do futuro, ela é responsável por dezenas de descobertas que resultaram em inventos que mudaram o mundo.

Descobertas como: a roupa antigravitacional, a invisibilidade e a permeabile in solidu, que consiste na incrível e inadmissível, para os dias de hoje, passagem de um organismo vivo por alguma coisa sólida, como uma parede, por exemplo.

Além, é claro, da máquina dos sons, que faz parte do projeto Gênese, também de autoria dessa reconhecida universidade.

O taxista deu partida no carro. O som da aceleração que o motor daquele carro emitia, era o de um íncrito tão surpreendente para aqueles dois, que se eles dependessem de exercer qualquer outra atividade, naquele momento, eles a fariam suprimir, depois de a transformarem em uma completa e interventiva ausência de uma.

Em seguida, o taxista acelerou e eles seguiram.

LABORATÓRIO INTEGRADO DE FÍSICA GERAL, dizia a placa da porta ao ser empurrada pela mão de um cientista, que entrava em uma das salas de pesquisa de Harvard.

A sala era suficiente para acomodar seis mesas repletas de experimentos.

Havia lá muitas máquinas, vários computadores, notebooks e celulares, um para cada cientista e mais três outros grandes aparatos, que mais pareciam foguetes.

Mesmo com a tecnologia da época eles já se mostravam bem interessantes. Eles supostamente serviriam para alguma outra faceta que não fosse para nenhuma outra qualquer, ou seja, onde uma peculiaridade como essa teria sido considerada como óbvia na rotina científica.

Estantes, armários, equipamentos e experimentos eram as ferramentas ou a prova de alguma coisa dentro das leis da física. Na sala também havia espelhos, refletores; tudo científico, enfim, nada daquilo que normalmente pudesse ser encontrado em casa.

Ali estavam quatro cientistas muito jovens, todos de guarda-pó, sentados e concentrados em seus computadores.

Um deles era Félix. Um chileno magro de estatura mediana. Ele não tinha uma voz forte; mal se podia entender, na verdade, o que ele falava. Para melhorar, ele ainda era a “autoconfiança” em pessoa.

Eu até consigo; acreditem, mas antes preciso de ajuda! Acho que quero dizer muita coisa com isso. Talvez eu não tenha muita vocação, o salário conta muito, admito. Desenvolvo o que for preciso para fazer parte de algo e ter alguma coisa para me orgulhar; mas preciso de ajuda, contudo! — ele diria, quase sussurrando e com sotaque.

De família pobre e sem muita orientação ele custou a encontrar o caminho para os estudos, mas depois que estudou conseguiu formar-se, tornando-se um exemplo de professor universitário e pesquisador. Contudo, sempre ao custo de muito esforço e dedicação. Infelizmente Félix estava trabalhando em um projeto quase impossível.

Nada mais nada menos do que tentar anular a gravidade. Não por queda livre ou pela ação da força centrípeta, mas por uma forma utópica, que nem mesmo eu acredito ser possível! — ele diria.

Do lado de Félix estava Susan. Seus cabelos encaracolados caíam sobre os óculos. Suas boas maneiras pareciam ser socialmente aprováveis, como ela mesma teria dito.

Em relação a esse tema, uma reflexão poderia ser proposta para que pudesse vir à tona. Por exemplo, em um evento social tudo parece ser tão elegante e encantador. Onde poderia estar a verdade ou a felicidade, em muitas ocasiões, levando-se em conta aqueles momentos em que fazemos parte somente para não deixar de fazer, ou ainda, somente para a consecução de algo que leva a um benefício próprio?

Algumas vezes, parece ser um compromisso fazermos parte de um mundo revestido de um perfil assim, do qual deveríamos nem ter conhecimento. Mas como ficaria aquela premissa de sermos quem realmente somos?

A natureza de sermos quem realmente somos, efetiva a verdade de quem realmente deveríamos ser. Em outras palavras, a sinceridade, dessa forma, parece ser, em todo caso, a mais poderosa ferramenta para a felicidade.

Susan era muito eficiente. Sua abastada inteligência e vocação para as rotinas da ciência a premiavam com o status da “eficácia criativa nerdiana”.

Mesmo se dedicando às suas pesquisas, estava sempre preocupada em ver se algum de seus colegas precisava de alguma ajuda: era a sensibilidade feminina dentro da insensível cúpula de regras e leis não transgredíveis da física.

Sempre com boas notas na escola, fez dezenas de cursos extracurriculares, estudou várias línguas; fez de tudo um pouco, chegou inclusive a dar aulas.

Sempre quis ajudar! Não se pode mudar as regras, mas vou fazer o que puder para lavar uma diferença nessa rotina capitalista, onde os desfavorecidos são as ferramentas de consumo dos poderosos, estes mais que favorecidos! — ela diria, num desses dias de indignação.

— Já foi atingido por alguma maçã do século XXI, doutor Félix? — disse Michael, com sarcasmo, mastigando, depois de uma abocanhada em um cachorro quente.

Ele era um debochado físico de um metro e oitenta de altura com um peso bem acima da média. Pode-se dizer que ele era um sujeito pouco saudável, que comia e bebia, arrotava e peidava na presença dos colegas, enquanto trabalhava. Um homem precisa dar sinais de que está vivo! Se o seu organismo funciona bem, por que não deixar que os outros percebam isso? Eu quero é praguejar, falar mal e ver o lado ruim de tudo, esse sou eu! — ele diria.

Michael estava a uma distância de mais ou menos três metros de Susan e Félix. Ele usava uma camisa xadrez por baixo do seu guarda-pó desabotoado. — Acabei de ser atingido por uma maçã podre, vinda diretamente da cesta integrada de física geral — disse Felix, também com sarcasmo.

“Espero agora, contudo, ser atingido pela mais bela, brilhante e vermelha de toda a cesta” — disse isso de uma forma cativante, olhando para Susan.

— Ok, não precisa bajular. Eu já vou até ai dar uma mãozinha — disse Susan, sorrindo.

Mais ao fundo da sala estava Tales de Mileto. Sua mãe lhe dera esse nome em homenagem ao filósofo fisiólogo da antiguidade. Tales era um homem magro que gostava de conservar os seus cabelos longos. Transmitia grande sabedoria em tudo o que fazia, sendo a pessoa para quem, repetidamente, as atenções eram voltadas, pois ele sempre sabia o que fazer.

Todos nascemos predestinados a alguma coisa! Será que somos geneticamente levados a ser o que a sorte quis? A Palavra é a fonte e o homem o canal. Quem acerta sua bica não está permitindo que ela siga o caminho que deveria ir. Contudo, quem cuida, honra e valoriza o seu propósito, conhece o verdadeiro resultado da

instrumentalidade; o verdadeiro significado da integralidade! — ele diria. Um momento filosófico tão profundo, mas tão profundo, que se não encontrasse petróleo chegaria ao exagero ou ao exagero do ainda mais.

— Tales, por que você não ajuda o Félix com o problema da gravidade? — disse Michael, debochadamente.

Tales acabara de se formar em física e ainda não se definira quanto a sua área de atuação, embora já tivesse tido algumas opções, nada era efetivamente concreto ou preenchia o vazio, quanto a sua finalidade de vida.

Acho que primeiramente vou resolver a gravidade desse seu problema — pensou Tales, franzindo a testa.

— Michael, procure não deixar cair farelo de pão no teclado — disse Tales, educadamente.

Com essa frase, Tales expressou a solução para a gravidade do problema de Michael. Ele tinha a intenção de ajudá-lo, mas por ser uma frase evasiva e fora do contexto em seu pensamento, concluiu que não havia como resolver um problema de personalidade naquele instante.

A gravidade do problema foi resolvida, sem se resolver nada. Uma atitude egoísta, diga-se de passagem, eu sei, porém não cabe a nós que tudo nos seja incumbência e responsabilidade. Então seria mesmo um ato egoísta? — diria Tales.

— Não esquentá! — disse Michael.

Sentada correta e confortavelmente em sua cadeira, Susan analisava alguns gráficos no computador.

— Tales, eu posso lhe falar um minuto? — perguntou Susan.

— Claro!

Susan levantou-se de sua cadeira, caminhou até bem perto da mesa de Tales, puxou uma cadeira, e sentou-se.

“Diga!”

— Estou preocupada com o futuro. Na verdade, estou preocupada com a falta de progresso da física integrada. Se não fizermos alguma coisa realmente grande, possivelmente vão nos tirar as nossas verbas que conseguimos às custas de

muitos sacrifícios, você sabe.

“Todos os outros cursos da universidade, com suas diversas áreas de atuação, estão e sempre estiveram em progresso. Recebem cada vez mais a atenção do mundo porque estão constantemente divulgando a conclusão de um novo projeto, de uma nova experiência ou a descoberta de alguma coisa que ninguém poderia esperar; como aconteceu com a equipe de química na semana passada”.

“O Félix já tem o seu grande projeto; inclusive com algum avanço, mas para termos algum futuro nós precisamos começar a concluir alguma coisa, e o primeiro passo é, antes de tudo, começar alguma coisa. Eu e Michael temos sequer uma ideia. Temos dezenas de estagiários... e ainda nem os conhecemos direito.”

— Tenha calma, Susan. Felix começou aqui há três anos e nós ainda nem completamos um ano, além do mais ninguém aqui está nos pressionando. Lembre-se do que disse Einstein: $E=mc^2$. — disse Tales, de modo reflexivo.

Novamente uma evasiva. Tales percebeu a precipitação ou a insegurança dela, e concluiu que o melhor caminho seria o sem rumo, até porque ele também parecia não ter muitas respostas.

Susan deu um sorriso demonstrando ter entendido a piada e Tales, da mesma forma, também sorriu.

Susan era muito inteligente; captava as coisas muito rapidamente. Naquele momento ela percebera que uma mudança de assunto por parte de Tales poderia ser um sinal de que alguma coisa que ela pudesse ter dito não fosse de relevante importância ou até mesmo inapropriado, mesmo sabendo que ele não sabia de tudo.

Michael continuava mastigando e esfarelando sobre o teclado.

— Seria pedir demais levar o teclado uma só vez por mês à manutenção e não uma por semana, como de costume, Michael? — perguntou Susan, inconformada.

— Hum... — resmungou Michael, dizendo que não, enquanto mastigava um bom pedaço de cachorro quente.

— O que faremos a respeito? — perguntou Susan, quase sussurrando, ainda

do lado de Tales, olhando para Michael.

— Na verdade o seu problema... — disse Tales, olhando para Michael — na verdade o grande problema não está em comer e sujar... o grande problema está em não se alimentar — disse, apontando com o dedo indicador para a sua própria cabeça.

CAPÍTULO 7

O mundo encantado de Bill.

De dentro do táxi, pelo caminho e em outra ocasião, Jack já estaria observando os biótipos, os costumes, os comportamentos e as expressões populares, se não fosse pelo momento de incerteza ao qual ele se encontrava naquele dia.

Uma forma de distração reflexiva que nos avalia enquanto sociáveis em um mundo injusto com tamanhas disparidades e contrastes — diria Jack, em um de seus poucos momentos filosóficos.

Adolescentes em seus *points* desgastavam sua faixa etária com roupas não aprovadas e cortes de cabelo politicamente incorretos. Garotos ouvindo música e se ocupando com interesses diversos se fundiam em um misto de disputa e vaidade com o ruído de seus carros incomodando a todos. É conosco? — diriam. Seria tudo uma questão de normalidade dentro dessa minha rotina de “existência reflexiva”, mas nada disso importa para mim nesse momento. Preciso ajustar as coisas. Colocá-las nos seus devidos lugares dentro dessa introspectiva bagunça desajustada em que se encontram as minhas expectativas! — diria Jack.

Nesse momento, o táxi passava por uma das mais belas paisagens da cidade: a grande ponte, que dava passagem ao poderoso e reluzente lago vespertino. Jack tentava ver no nada do horizonte uma maneira de em nada pensar, para que no momento de explicar tudo aos físicos e cientistas da universidade não se atrapalhasse.

“Nada de descontroles emocionais ou de algum peso na consciência ou de alguma responsabilidade imposta, expressa na forma de ansiedade. Eu preciso estar tranquilo para ser convincente. O que vou dizer a eles é mais do que estranho. Eu

realmente não queria estar na pele deles, não que eu queira estar na minha, na verdade.” — disse Jack, em voz baixa.

O barulho dos motores e das buzinas era somado ao trânsito lento e à expressão no rosto, meio impaciente, do taxista.

— O senhor é daqui? — perguntou o taxista.

— Sim, do daqui a dez anos — disse Jack, sem tomar fôlego, revelando sua precipitação criativa.

O taxista percebeu a inteligência de Jack pelo seu comportamento “refinado-trabalhado” demonstrado naquele momento.

— O senhor tem algum problema com o presente ou está indo a algum retiro de eremitas que só voltarão a viver novamente daqui a dez anos? — perguntou o taxista que franziu a testa, olhou de lado, tentando demonstrar sua indignação, e depois acrescentou:

“Não, eu não tenho a obrigação e nem quero desperdiçar o meu tempo falando com um taxista, que certamente é mais um puxa-saco do cliente; sem contar que ele não deve ter o QI de um sapo. Não é mesmo?! Não estou certo, senhor... taxista idiota da silva?”

“Amigo, deixa eu te dizer uma coisa!” — continuou o taxista, com um forte tom de voz.

“As pessoas têm o capricho de desconsiderar a habilidade social e intelectual de alguém, que a princípio tem como base um lance qualquer de um pensamento grosseiro e incapaz. E isso tudo vindo de uma inteligência fraca, que emerge do âmago de uma vã sabedoria. Chegam ao absurdo de julgar pela aparência. Ainda se fosse pelo comportamento, mas pela aparência?! Mal sabem a injustiça insana que praticam, ao alto custo da degradação e da flagelação de sua própria falta de sabedoria.”

Do nada, acabara de surgir para Jack um ótimo motivo para um bom bate-papo; uma distração que com certeza superaria o nada do horizonte.

Mas o que temos aqui? Alguém que pensa? Ou então eu devo tá merecendo! Um bate-papo agora parecia ser uma ideia muito boa — pensou Jack.

— Você não acreditaria — disse Jack, dessa vez com mais consideração e já meio que arrependido por sua “precipitação criativa”.

— O que? — perguntou o taxista, “emanando um sopro de curiosidade” como ele mesmo diria.

— Eu não tenho um problema com o presente, mas sim com o futuro, no futuro.

— Do que é que você está falando? As pessoas têm problemas com o presente, ou melhor, as pessoas têm problemas no presente. Por pior que a situação de alguém esteja no presente, não necessariamente ela estará no futuro. O futuro é o destino selado dentro de uma caixa preta inviolável, isto é, do futuro ninguém sabe, amigo.

— Eu sei quem vai ser o próximo presidente, o próximo Papa, quem ganhará mais medalhas nas próximas duas olimpíadas — disse Jack, calmamente.

— Ah, espere um pouco, o próximo presidente todo mundo já sabe quem vai ser, e quem ganhará o maior número de medalhas também! — disse o taxista, cheio de razão — Tá, e aí, continuo não vendo problema nisso!

— Também sei quem vai ser o próximo Papa. A propósito, o próximo Papa será aquele que irá substituir o que parece ter no Santo dos passarinhos o seu próprio reflexo — disse Jack.

— Você deve ser um eremita Papal. Ainda continuo não vendo problema — disse o taxista, com pouca consideração.

— Também sei quem ganhará o Oscar nos próximos dez anos, qual será o grande *virtual board game* desse milênio e também sei quem ganhará os próximos campeonatos, entre outras coisas.

Qual o limite da sanidade? Até que ponto alguém se contém dentro de um oceano de acontecimentos que é essa nossa vida turbulenta? Acho que é essa a razão pela qual alguém se torne um eremita — pensou o taxista, com os olhos esbugalhados. Correndo o risco de estar totalmente equivocado, é claro. Mas ainda assim ele estava convencido disso, imaginando estar inteiramente certo.

— Você disse os campeonatos? — perguntou o taxista, franzindo a testa

mantendo os olhos esbugalhados.

“Você é louco!” — completou com os olhos ainda mais esbugalhados, porém agora acrescentando um toque estrábico.

Por alguns segundos o taxista conferia, de quando em quando, pelo retrovisor interno do carro, a figura tranquila e convincente de Jack, que apreciava a paisagem pela janela do carro. O taxista demonstrava total insegurança em sua reação. Jack, por outro lado, provocara a intriga perfeita; a antítese para o grande paradigma universal.

“E tem mais!” — acrescentava o taxista — se saber o resultado dos jogos que ainda não aconteceram é um problema, então o problema é você. Ah, se eu tivesse um problema desses para resolver...

— Eu vim do futuro — disse Jack.

— Agora piorô! — disse o taxista, em voz baixa.

O taxista escutou aquilo com indiferença, fingindo não ser com ele ou não ter ouvido nada, dando uma rápida olhada para o sujeito através do retrovisor, sem que ele pudesse vir a notar.

Realmente, Jack não chegou a notar. Não que ele estivesse se importando com isso. Sua preocupação era outra bem mais intrigante, que levaria o taxista a reconsiderar suas conclusões a respeito de quem realmente era aquele cara.

Jack ficou em silêncio por alguns segundos, tentando imaginar como os físicos e cientistas da universidade ficariam agradecidos depois que ele dissesse a eles tudo o que poderia vir a acontecer.

Eu não posso contar a eles de uma vez. Vou assustá-los, pode haver algum cardíaco... Talvez saia até uma nota sobre mim no jornal. HOMEM DO FUTURO SALVA A HUMANIDADE.

Jack encheu o peito, deu um sorriso e depois, em voz baixa, disse:

— E se fizerem o filme? Eu aceitaria interpretar eu mesmo.

Não, pensando bem, isso não pode acontecer de forma alguma!

— Como disse? O senhor quer ir à reitoria da universidade? — perguntou o taxista alguns segundos depois, ainda indignado.

— Qual é o seu nome, amigo? — perguntou Jack ao taxista, de forma bem confiante, certo de que tudo daria certo para ele.

— Bill, só Bill.

Nesse momento, o taxista já entrava nas imediações de Harvard.

— Bill, vamos para o departamento de Física. Você sabe onde fica?

— O único lugar dessa cidade que eu não conheço é aquele que não existe ou aquele que ainda irá ser construído daqui a dez anos — disse Bill, abrindo um meio sorriso que escondia os dentes.

Logo na entrada da universidade as primeiras coisas que se viam eram as enormes árvores e depois grandes prédios e estacionamentos.

Mais à frente, ginásios, cantinas, praças e bosques. Estudantes por todos os lados. Uma promessa de “vida inteligente”, uma elite intelectual em plena atividade.

Bill dirigiu por mais uma rua, fez uma curva e logo já estava estacionando o carro em frente ao prédio do departamento de física, em um lugar que mais parecia um bosque.

— O Senhor desculpe alguma ofensa — disse Bill, assim que o carro parou.

— Não tem problema. O meu nome é Jack — Jack cumprimentou Bill, com um aperto de mão do banco de trás, de onde há alguns minutos não havia dado tanta importância a ele.

— É que ontem o meu time perdeu e hoje fui motivo de gozação entre os colegas taxistas.

Jack percebeu em Bill um homem atualizado e de certa cultura. Mas no fundo o que realmente era possível notar em Bill era a sua predisposição em questionar e polemizar. Um homem indignado com o mundo. Essa era a sua essência. O seu time ganhar ou perder não era o único motivo para ele começar uma boa revolta.

Para começar, sou coveiro. Sou do contra, mesmo! Vou fazer o que for possível para ver o lado ruim das coisas e, se tudo der certo, vou reclamar até fazer bico. Mesmo que o governo não tenha feito nada de errado, algum terremoto deve estar pra

acontecer. Eu sinto isso. É serio! Olha só! Escutou isso? Que barulho estranho foi esse? Que negócio ruim que tá me dando agora! E essa dormência nas mãos, o que será isso? — ele diria, impaciente.

Jack sorriu educadamente, abriu a porta do carro, e em seguida saiu apreensivo, rumo ao seu destino, que agora poderia ficar ainda mais incerto.

CAPÍTULO 8

Tentativa frustrada de coisa alguma.

No laboratório, Michael ainda mastigava o cachorro quente e Felix suspirava como forma de desabafo. Félix tinha bastante dificuldade em acompanhar o desenvolvimento dos diversos recursos tecnológicos. Eles ofereciam cada vez mais facilidades e contribuíam muito para o avanço da pesquisa científica. O difícil para ele era aprender a utilizar todas essas facilidades.

— Susan, eu ainda te acho bela, brilhante e vermelha — disse Félix, com uma galante súplica. Era um pedido de socorro.

— Ah, perdão, Félix! Eu já estou indo.

Susan foi até à mesa dele, pegou uma cadeira e sentou-se.

“Pronto, em que posso ser útil?”

De repente a porta da sala foi aberta, e lá estava Jack; entrando vagarosamente. Seu olhar era a designação de alguém que se encontrava assustado, mas também a denominação de alguém que estava desconfiado e apreensivo.

— Por favor, eu gostaria de falar com o responsável pelo PROJETO GÊNESE. Desculpe, na verdade eu não me lembro do nome dele — disse Jack.

— Perdão, você disse projeto... GÊNESE? — perguntou Susan.

— Sim, aqui não é o laboratório integrado de física geral?

— É sim, e esse é o motivo da minha pergunta. O projeto ao qual você se refere é o do curso de TI, que fica a dois prédios daqui. Se quiser, eu mostro o caminho a você.

Ela disse isso já com uma das mãos nas costas dele e a outra apontando o caminho da saída.

Susan acabou se precipitando com grande educação, mas sua precipitação

seria legítima? Ela estava certa de que estava promovendo outra boa ação, contudo.

Jack sentia dificuldade em se lembrar de algumas coisas.

— Eu acho que conheço você. Seu nome é doutora Susan, certo? —

perguntou Jack, se aproximando de Susan com um forçado sorriso.

— Imagine, eu acabei de me graduar — disse, sorrindo.

É claro, imbecil! — pensou Jack.

— Ah, perdão, você tem razão! O meu nome é Jack — disse, apertando a mão de Susan.

— Você conhece o Félix também? — perguntou Susan.

Susan tentou se aproveitar da ocasião para se certificar de que o título de doutora que levava, naquele momento, não fora uma cantada, e ele um possível admirador com falsos pretextos.

— Não consigo lembrar — disse Jack, cumprimentando Félix.

— Talvez seja pelo fato de que ainda não nos conhecemos — disse Félix, que não estava com muita paciência. Ele precisava da continuação de sua pesquisa e da ajuda de Susan.

E esse contratempo agora?! Esse não é o momento para o início de uma amizade! — diria Felix.

— Olha, você tem razão quanto à sua graduação e também com relação ao programa de *Software* para empresas do projeto GENISE (com 'ISE' no final) do curso de ciências da computação. Contudo, a escrita é um pouco diferente. Esse é outro projeto, o nome é GÊNESE. Porém, eu tenho uma coisa a dizer a vocês que poderá chocá-los — disse Jack.

— Ok, então nos diga — disse Félix.

Susan olhou rapidamente com o canto dos olhos para Félix, que franziu a testa.

— Em breve, um de vocês começará a desenvolver esse projeto: o GÊNESE.

Ele será desenvolvido com base em estudos secretos medievais. Eu não consigo me lembrar do nome do autor desse projeto, eu só sei que é daqui — disse Jack.

“Nas últimas horas, eu notei que não me lembro de algumas coisas da minha

vida pessoal, profissional... mas, por outro lado, agora eu entendo coisas que não entendia e descobri algumas coisas da minha profissão, sem sequer ter pensado nelas” — Jack dava um meio sorriso estranho, enquanto falava.

“Elas só surgem em minha mente, involuntariamente” — disse Jack, olhado para um ponto qualquer.

Susan já não mais acreditava que tivera recebido uma cantada.

Uma cantada? Aparentemente esse cara reage como alguém que joga no time da insanidade. Isso aqui tá mais pra uma “insanada”!

— Você é um vidente? — perguntou Félix.

— Acho que bati a cabeça na entrada... é uma longa história, mas também pode ter sido a radiação interna — disse Jack, meio em voz baixa, olhando para o mesmo ponto qualquer.

Eles olhavam para Jack, demonstrando total incompreensão. Félix franzindo a testa e Susan forçando a visão. Juntos, eles tentavam entender o que agora parecia ser um distúrbio de comportamento.

Jack se mostrava à vontade para dar a notícia a eles, mas lhe ocorrera que a notícia não lhe vinha à mente por completo. Nesse momento, Tales e Michael já prestavam a atenção em Jack, de onde estavam sentados.

“A motriz de todo o projeto GÊNESE é uma máquina que escuta sons que foram emitidos no passado: a ‘Machina de Sonu’, que em latim significa máquina dos sons.”

“Essa máquina capta qualquer tipo de manifestação sonora emitida no passado. O ruído de um objeto que caiu no chão e que veio a se quebrar, o piado de uma ave ou o bater de suas asas, por exemplo. Isso tudo pode ser ouvido, inclusive, em uma emissão sonora vinda de séculos atrás.”

“A máquina dá a localização exata de qualquer som captado, involuntariamente. Ela realiza um “pente fino” e sua captação é milesimal, podendo ser feita, por exemplo, em metade da galáxia, num minucioso e eficiente trabalho.”

“Essa máquina, contudo, não domina a capacidade de localizar um som

especificamente desejado. Por exemplo, se eu quisesse localizar o arroto real de Carlos Magno em um dia da semana de minha preferência eu não conseguiria.”

— Que foi o rei dos francos no século VII — disse Susan, apreensiva e desacreditada.

— Exatamente! — disse Jack.

— Então quer dizer que essa tal máquina pode captar ainda circulando por aí o real arroto imperial arrotado por Carlos Magno há mil e duzentos anos? — perguntou Michael, com uma zombaria disfarçada.

— Exatamente! — disse Jack.

— Isso é um absurdo! — disse Félix, pausadamente e com muita ênfase.

— Isso é um barato!

Michael concluiu o seu barato com um arroto mais que expressivo.

— Não se pode localizar um som do passado, simplesmente porque depois de alguns segundos ele não existe mais. O som se dissipa de tal maneira que não seria possível ter, ao menos, a ideia de como começar a imaginar uma busca dessas — disse Félix, mais indignado.

“O que você está dizendo não faz sentido!” — concluiu Félix.

— Realmente é o que parece — disse Jack.

— Eu quero dizer que... isso existe, mas jamais você poderia procurar um som específico e muito menos dar a localização exata de sua procedência — acrescentou Félix.

— E o objetivo do projeto... acreditem... é encontrar o som... hum... não consigo me lembrar! — disse Jack, abaixando a cabeça.

Ele não terminou a frase, por isso aquilo acabou ficando meio estranho. O mistério passara a dividir espaço com uma atitude que era no mínimo insipiente; para não dizer desajustada.

Espantados, Félix abaixou a cabeça e Michael escondia a sua gargalhada.

Tales tentava, ainda de sua cadeira, entender o que estava acontecendo, pois notou uma leve semelhança ou coincidência com algum pensamento seu sobre o assunto.

Então Susan se levantou e disse:

— Você parece convicto, mas...

— Deixe-me concluir, por favor?! — disse Jack, incisivamente.

— Onde está esta máquina? — perguntou Félix, o solucionador.

— Está no futuro... eu vim do futuro!

— Agora piorô! — disse o Michael, em voz baixa.

Pronto! Foi nesse momento que todos, definitivamente, tiveram a certeza.

Indignados ao estilo Michael: “Aíutroçuváriôgeral”, tradução: aí o troço variou geral. Eles não sabiam se riam ou se jogavam o indivíduo para fora da sala.

Michael já escondia menos sua gargalhada e Susan percebera e tivera a confirmação de que enfim gastara sua beleza desnecessariamente. Félix revoltou-se ainda mais com o contratempo e Tales acabou por desconsiderar algumas coincidências, além de também a sanidade do indivíduo.

— Amigo, é no mínimo mais fácil acreditarmos no que sempre acreditamos.

Até porque a maioria pensa como nós e ponto. Eu me conformo em aceitar que nada acontece assim tão de repente — disse Michael.

— Olha! Eu não sou louco. Eu não disse, mas trabalho para o governo. Eu tenho que dizer uma coisa a vocês...

— Eu já sei! Você vai dizer que é um agente federal oculto para assuntos irrealizáveis? — acrescentou com uma boa gargalhada. Parecia que Michael também poderia se passar por um “porco engraçado”.

— Não. Eu sou um cientista.

Jack abaixou a cabeça. Ele percebeu que eles não estavam acreditando.

É isso!

— Um de vocês deve estar trabalhando na invisibilidade — disse Jack.

— O que? — perguntou Susan, que como Félix não entendeu o que Jack havia acabado de dizer.

— Hum... buscando tornar as coisas invisíveis? — ninguém havia conseguido entender nada.

“Pelo menos sonhando com isso? Isso não é minha especialidade. Alguém aqui está tentando fazer dois corpos ocuparem o mesmo espaço... atravessar uma

parede de tijolos?”

Agora Jack cavara seu próprio destino. Para tornar as coisas ainda mais fáceis para eles, Jack dissera aquilo tudo com muita naturalidade.

— Esse cara tomou chá de cogumelo! — disse Michael, dando uma bela gargalhada, porém passando, instantaneamente, para um estado de circunspeção que guardava somente para ocasiões tristes, como um velório, por exemplo, ou para quando o seu time perdia.

Então Susan levantou-se da cadeira, foi até o canto da sala, pegou o seu celular e fez uma chamada. Susan devia um favor a uma amiga psiquiatra, então ligou para o hospital da universidade, que não ficava muito longe dali.

— Alô, de onde fala? — perguntou Susan.

— Setor de psiquiatria — respondeu uma moça de rosto fino e cabelos curtos. Ela estava de branco.

— Eu gostaria de falar com a doutora Beth Power, por favor!

— Doutora Beth, telefone para senhora! — disse a moça.

A moça passou o telefone para as mãos da doutora Beth, que estava rabiscando algumas anotações em uma prancheta. Beth também estava de branco. O rosto simétrico da doutora parecia refletir de alguma maneira a sua forte personalidade. Os seus cabelos, finos como os de uma criança, eram desmentidos por um olhar decidido e uma maneira firme de se atender ao telefone.

— Alô! — disse a doutora Beth Power.

— Beth, aqui é a Susan!

— Olá, como vai, Susan? — perguntou, educadamente. Elas eram amigas, mas Beth sempre manteve certa formalidade; coisa de personalidade.

— Vou bem!

— O que você manda?

— Tenho aqui aquele paciente que você comentou comigo que precisava encontrar. Alguém estranho, certo?

— Como ele é? — A doutora Beth queria saber se não era perigoso.

— Bem, não parece ser perigoso — disse sorrindo, o problema é, sem

sombra de dúvidas, o que ele fala.

— E o que é que ele fala? — perguntou Beth.

— Ele fala que veio do futuro; que escuta vozes do passado; que atravessa paredes; que fica invisível — a doutora Beth anotava tudo num formulário.

— Manda ele pra cá! — disse a doutora, incisivamente.

— Obrigada, Beth!

Ambas desligaram o telefone, porém a doutora Beth não entendeu o porquê do “obrigada” de Susan, quando na verdade era ela quem deveria agradecer.

Talvez ela estivesse se sentindo agradecida pelo favor que ela lhe fez num outro dia ou poderia ser só uma questão de educação.

— Jack, há uma pessoa que talvez saiba alguma coisa a respeito de tudo que você nos disse — disse Susan.

— Claro, obrigado, mas ainda assim vou lhes dizer o que acontecerá no futuro — disse Jack, enquanto Susan anotava num rascunho o nome e o endereço do hospital.

— Pegue isso, vá até esse endereço e fale com a doutora Power — disse Susan ao dar a anotação a Jack.

Susan foi logo indicando a ele a saída. Ela precisava atender depressa o pedido de ajuda de Félix, que também já demonstrava certa pressurosidade.

— Essa máquina, de que lhes falei, vai destruir o mundo — disse Jack.

— De que maneira? — perguntou Michael, agora com sarcasmo.

— Não me lembro — disse Jack, calmamente, com um olhar reflexivo.

“Mas por que vocês não podem simplesmente acreditar em mim? Por que o medo? Por que a insegurança? É desconhecido? É absurdo?”

“É a verdade! É o que vai acontecer! Acreditem! Deixem-me ajudá-los a se salvarem! Vocês não entendem?!”

Michael balançou a cabeça, mas depois olhou para Tales, desconfiado. Félix suspirou e depois abaixou a cabeça.

— A doutora já está esperando por você agora — disse Susan.

Susan levou Jack até à porta. A porta tinha uma pequena janela quadrada de

vidro. Jack saiu, mas antes, olhou para Susan por essa janela, demonstrando sua grande insatisfação. Susan, contudo, retribuiu este olhar, com um “sorriso amarelo”, de adeus.

CAPÍTULO 9

O homem da cabeceira.

As duas pernas apressadas que vinham pela calçada vestiam calça social.

Elas dividiam espaço com outras lentas, paradas ou rápidas.

Os sapatos das pernas apressadas eram masculinos, pretos e brilhantes. De repente, eles se perderam entre a multidão.

Do chão ao mais alto ponto de construção podia-se ver um enorme edifício com vidros escuros. Uma distinta fachada abrigava a entrada por onde passavam, naquele momento, as duas pernas apressadas. Elas seguiram pelo saguão até o elevador do edifício.

De dentro do elevador era possível ver pernas femininas com saia e salto alto, além também de pernas masculinas com social e sapatos. As portas do elevador se abriram e outras pernas entraram.

Duas mãos apertaram os andares desejados no intervalo de tempo de alguns segundos. A feminina apertou o segundo andar, e a masculina, o quinto. O elevador partiu.

No segundo andar desceram as pernas femininas, e no quinto, as masculinas.

Quando a porta se fechou, no quinto andar, sobraram somente as apressadas.

Abaixo do painel de botões de andares havia uma pequena tela de toque, para a leitura de digitais. Uma mão se aproximou e uma leitura de digitais foi feita.

Essa leitura, é claro, foi a leitura das digitais daquelas “pernas apressadas”. Em seguida, uma pequena porta abaixo do painel de botões de andares se abriu. Lá estavam outras opções de andares negativos: do -1 ao -49 e mais um último, que era o R. A mão apertou o R.

Os corredores do andar R estavam repletos de pessoas apressadas que andavam para todos os lados. Elas estavam vestidas com roupas diferentemente umas das outras. A princípio, havia somente dois padrões: umas usavam roupas

brancas, outras vestiam ternos impecáveis.

Quando a porta do elevador se abriu as pernas apressadas saíram, dobraram o corredor e entraram na última sala. As pernas apressadas eram as do estagiário da divisão nuclear do governo, Jack Wood, que nesses dias ainda terminava o curso universitário.

Uma grande mesa de reuniões alocava algumas dezenas de cadeiras. Entre os presentes era possível perceber a formação de alguns grupos, que naturalmente se configuravam ao logo da mesa. Algo justificável e até esperado, para se anteceder aquela tão esperada reunião. Algumas pessoas se comunicavam em espanhol, outras em inglês, outras em italiano, mas a maioria dos presentes não era estrangeira. Alguns estavam de terno e gravata, outros, de branco.

Da cabeceira da mesa, levantou-se e discursou aquele que parecia ser a mais alta autoridade da reunião.

“Senhores!” — disse o homem da cabeceira, num tom alto e claro.

Bastou somente essa chamada para que todos na mesa se recompusessem.

Um rosto levemente enrugado revelava a idade daquele homem, que aparentava, aproximadamente, uns cinquenta e poucos anos. Aquele era o doutor Albert.

Podemos fazer; com certeza! E faremos! Tento pensar grande! A propósito, a Amazônia está tecnologicamente compactada no andar térreo! Achei conveniente num outro dia porque nesse prédio nós temos muitos fumantes!

Seu pai lhe dera esse nome por que sabia que aquele petiz seria mesmo um grande homem, mesmo antes de nascer. Não necessariamente ele sabia que, nesse ponto de sua vida, ele realmente estaria tão certo disso, assim com tanta convicção, diga-se de passagem! Seu pai achava mesmo que ele seria grande como Albert Einstein, por isso dera esse nome a ele, apesar de suspeitar do real tamanho da estrela de Einstein. Começou a se dar conta de que havia acertado o palpite quando o garoto ainda tinha três anos de idade.

Um dia o pai do doutor Albert estava chegando em casa, muito tarde, com a esposa e o garoto no colo; o garoto parecia estar ligado na tomada.

O diabinho não parava de encher a minha cabeça com milhões de perguntas. As

histórias infundáveis que ele inventava eram tão criativas que eu nem mais sabia se ele ainda era uma criança — diria o pai do doutor Albert.

Ao se aproximar da porta de entrada da casa, o pai do doutor Albert colocou a mão no bolso e pegou as chaves para abri-la. A porta era de madeira trabalhada, daquelas com uma fechadura minguada precisa. Como o lugar estava escuro, ele começou a ter muita dificuldade para encontrar a chave certa.

Então, em uma ação totalmente imprevisível, o garoto tomou as chaves de sua mão, dizendo: “Dá isso aqui!” Ele abaixou o garoto até a altura da fechadura, aceitando o risco de uma provável e iminente decepção, e deixou que ele se perdesse em sua intromissão naquele contratempo. Inesperadamente e sem nenhuma explicação, o garoto acabou dando conta do recado.

E não é que o filho da mãe acertou a chave, de primeira, e conseguiu abrir a porta! Depois, o infeliz ainda deu uma bela de uma gargalhada na minha cara, acredita?! — diria o pai do doutor Albert, inconformado.

“Conseguimos a aprovação do conselho!” — disse o doutor Albert.

A vontade de comentar o que o doutor acabara de dizer fora tanta, entre os reunidos, que todos acabaram falaram ao mesmo tempo, em voz baixa.

“Senhores!” — disse o doutor e novamente eles se recompuseram.

“Finalmente daremos início à última parte do mais audacioso de todos os projetos, que será concluído, se tudo correr bem, daqui a 10 anos.”

Descompuseram-se e recompuseram-se.

“Após a cerimônia de compromisso, que será na próxima semana, iniciaremos os trabalhos de construção.”

Novamente os reunidos sussurravam, incomodados com aquilo.

Construção? Construção do que? — pensou o estagiário Jack, que acabara de ser contratado pelo governo, escolhido entre milhares, para participar do tal projeto.

Jack era ainda muito jovem, magro e tinha os seus cabelos longos. Um destemido inexperiente com um brilho nos olhos, ainda ajeitando-se na cadeira dos súbitos de todos os súbitos.

Amanhã mesmo eu corto esse cabelo, senhor! Ah... eu também não suporto mais;

está muito longo! Nós estamos na lua crescente? — ele diria, despreocupadamente.

“A maioria de vocês já vem trabalhando no projeto desde o seu fundamento.

Vejo que muitos se surpreenderam ao ouvir uma notícia que deveria ser dada somente em dois anos” — disse o doutor Albert.

“Muitas informações vazaram para outros países e por isso não podemos nos arriscar. Temos que andar depressa para sermos os primeiros.”

O doutor Albert sinalizou com a cabeça para o seu auxiliar, que estava do seu lado, capitaneando o envio dos arquivos, que continham instruções específicas a cada profissional, a todos os presentes. Ele não conseguia tirar do rosto a expressão de contentamento.

CAPÍTULO 10

A Entrada pelo cano.

O hospital tinha uma destacada fachada e uma rampa, levemente inclinada, que levava à porta da emergência, logo depois da entrada. Uma larga escadaria levava ao setor clínico. Já na mesa de informações da recepção, Jack disse:

— Doutora Beth Power, por favor.

— Sim, um minuto — disse a recepcionista. Uma moça educada e delicada, seus olhos eram grandes e sua língua era um pouco presa. Na verdade ela lembrava muito a personagem de um desenho japonês muito conhecido. Tinha-se a impressão de que ela estava prendendo um chiclete com os dentes da frente, pela forma como saía a sua pronúncia. Suas palavras eram liberadas pelas laterais inferiores da língua.

Importar-se-iam se eu os empurrasse, plugs? Posso apertá-los, botões? — ela diria.

“Fica em outro setor, Senhor!” — disse a recepcionista em meio a uma ligação e outra; era possível vê-la enviando mensagens a vários setores.

— Como? — perguntou Jack.

— O Senhor pode dobrar a direita depois daquela porta — apontou — e no final do corredor principal, entre na primeira sala, também à direita.

Jack saiu rapidamente; não se lembrou, nem mesmo, de agradecê-la. Em seguida, seguiu suas instruções de rota, entrando na primeira sala à direita, depois

do corredor principal. Ele só não notou que na porta havia uma pequena placa com a inscrição: “PSIQUIATRIA”.

Então lá estava Jack na sala da doutora Beth. Ele foi logo se aproximando da mesa dela. Naquele momento, ela organizava alguns papéis numa pasta empoeirada de um arquivo morto.

— Eu gostaria de falar com... — disse Jack.

Ele tentou completar a frase, mas a assistente, interrompendo-o, logo disse:

— O senhor pode aguardar um minuto, por favor? — perguntou a assistente, que parecia bastante atarefada, agora anotando umas coisas em alguns blocos e fichários de trabalho da doutora.

Jack viu que a doutora estava nessa mesma sala.

— Pois não, senhor?! — perguntou a assistente.

— Eu gostaria de falar com a doutora Beth — disse Jack.

— Doutora Beth, tem alguém aqui que quer lhe falar!

— Sim, por favor, sente-se. Como é mesmo o seu nome? — perguntou a doutora, virando-se para o lado de Jack.

— Meu nome é Jack Wood — respondeu, sentando-se na cadeira para a qual lhe indicara a doutora.

“Sua amiga Susan disse que você poderia me ajudar. Não entendi, por que nunca ouvi falar de você antes, no meio científico. Não sei como você poderia me ajudar com o meu problema, mas enfim... o mundo vai ser destruído e eu não tomei chá de cogumelo, antes que você pergunte!”

Jack disse isso com grande seriedade, ainda acomodando-se em sua cadeira.

Bastou somente aquilo para que a doutora tivesse o motivo que, juntamente com a ligação que recebera de sua colega, justificasse o seu pleito. Isso lhe dera a plena certeza da situação com a qual ela estava lidando.

— Entendo... você tem certeza? — perguntou a doutora, para se certificar e fortalecer ainda mais a sua diligência. A expressão de Beth era ainda mais séria que a de Jack.

— Você consegue entender o que eu estou lhe dizendo? — perguntou Jack,

novamente com grande seriedade, porém um suspiro para o lado, por parte da doutora, e mais dois segundos, foram o bastante.

Não! — pensou Jack.

A doutora olhou para Jack e depois para o telefone.

— Vou pedir à minha assistente para que ligue, agora, para o Pentágono.

Não se preocupe!

Pentágono, você? Mas assim?

A doutora foi até à mesa de sua assistente e sussurrou em seu ouvido.

Imediatamente, a assistente pegou o telefone e enviou uma mensagem.

Jack ficou sentado ali por alguns segundos. Embora desconfiado, ele queria acreditar que as coisas iriam acabar bem. Ele viu a assistente da doutora enviando mensagens, mas continuou desconfiado. Então ele sussurrou:

“Mas como seria isso?”

O que será que ela estaria fazendo? Enviando uma mensagem a alguma secretária do Pentágono, que viria a redirecionar essa mensagem a alguém que cuidasse do assunto. Mas que ligação essa doutora teria com o Pentágono? Merda!

— Ninguém aqui vai falar com o Pentágono, não é? — disse Jack, enfurecido, num alto tom de voz.

— Senhor, acalme-se! — disse a assistente, aflita.

Jack já ia saindo por uma porta dupla, que havia na lateral da sala, quando por ali mesmo entraram dois assistentes. O tamanho deles poderia ser a diferença entre escapar ou não dali, caso ele precisasse sair daquela situação. Não são as circunstâncias a justificativa para o desajudado, mas a privação paladina, isentada de feitos.

Mas o que aconteceu foi que, lepidamente, eles agiram e se precipitaram para cima de Jack, aplicando-lhe uma injeção tranquilizante. Antes de fazer efeito, contudo, um dos assistentes disse:

“Não esquentá, nós vamos ligar para o presidente” — esse assistente usava somente a metade da boca, que quase não era aberta, ao pronunciar as palavras.

Sua boca fazia um bico, que dividia espaço com pelo menos uns dois chicletes:

Chu, eu diria, colega! Expresso-me no jeito francês!

Depois de se desvencilhar do assistente “Chu”, Jack surpreendeu o outro com um soco tão forte, mas tão forte, que o jogou a uns dois metros. O soco de Jack deve ter pegado bem no meio do nariz do infeliz.

Em seguida, deu um chute no centro da cueca do “Chu”: um coice frontal, na verdade. Jack tentou fugir, mas tropeçou e caiu; provavelmente porque o sedativo já estivesse começando a fazer efeito.

Depois, o mesmo assistente que levou o soco, o puxou pelos pés. Ele chutou a cara dele e depois levantou, rapidamente, mas foi segurado pelo assistente “Chu”. Jack surpreendeu este também com um forte soco, mas o sedativo era o seu pior adversário e carrasco inimigo naquele momento, por isso o soco não veio a ter o resultado esperado.

Atordoado, Jack não resistiu e caiu no chão. Os que agora poderiam ser chamados de “assistentes hematoma”, seguraram-no pelo braço.

“Pronto, amigo!” — disse o outro assistente, enquanto Jack era colocado em uma cadeira de rodas, aparentemente já sedado.

O sedativo parecia não estar sendo tão eficaz quanto deveria, contudo. Jack resmungava muito; resistia ao sedativo.

“Não lanceis aos cães as coisas santas, não atireis aos porcos as vossas pérolas, para que não as calquem com os seus pés, e, voltando-se contra vós vos despedacem: Mateus, capítulo sete, versículo seis!” — disse Jack.

“O mundo vai acabar e você vai morrer queimado, seu idiota!” — disse Jack ao assistente “Chu”.

— Vamos aumentar a dose! — disse a doutora.

“Oportet prius audieris sonitum” — disse Jack, ainda resmungando.

— O que ele disse? — perguntou a assistente.

— Isso é latim — respondeu a doutora — e quer dizer: vocês precisam ouvir o som antes que...

— Ouvir o som de que? — perguntou a assistente.

— Ele não completou a frase — disse a doutora, muito preocupada.

— O que a senhora acha, doutora? Internamento? — perguntou a assistente.

— Não — disse a doutora, que não tinha certeza se ele era louco — não acho provável; ele não parece ser louco.

Repentinamente, Jack foi acometido de um mal súbito: uma inesperada e inexplicada convulsão. Ele se esticou na cadeira, num salto, como se tivesse acabado de levar uma espetada de agulha. Ainda saltou mais algumas vezes até que depois veio a se acomodar na cadeira. O súbito espasmo parou ou foi devidamente controlado pelo assistente.

“Coloquem-no na maca! Vamos levá-lo até à emergência!” — disse a doutora.

Os assistentes colocaram-no na maca, empurraram-no por entre a porta dupla e, em seguida, pelo corredor principal.

Pelo corredor, deitado na maca, Jack ainda se mexia, mas ao entrarem na sala de triagem da emergência ele não mais se movia. O assistente “Chu” demonstrava um pouco de medo, esperando ser o possível responsável por aquele súbito espasmo.

Eu sei o que injetei nele!

Seu colega olhou pelo canto dos olhos para ele, como se num segundo desconfiasse de sua competência e em outro se mostrasse confuso com aquela situação difícil e ininteligível.

Na triagem foram feitos rápidos exames de rotina, mas na emergência houve a constatação:

— Quem está com ele? — perguntou um médico. Ele usava o seu estetoscópio no pescoço e tinha os cabelos penteados para trás.

Definiria dez conceitos em um segundo? Não? Então me dê licença! Como vou conseguir fazer tudo em tão pouco tempo? — ele diria. O médico parecia estar com muita pressa.

Jack estava deitado na maca. Do seu lado estavam o assistente “Chu” e outra senhora que também estava sendo atendida.

— Eu estou com ele, doutor! Sou assistente lá da psiquiatria — disse “Chu”,

próximo ao médico. “Chu” estava preocupado em saber a causa do espasmo, pelo qual já se achava efetivamente um possível responsável.

— O paciente está inconsciente. Aparentemente, ele acabou de perder algumas das atividades cerebrais essenciais, mas precisamos de exames mais específicos — disse o médico.

— O que isso quer dizer, doutor? — perguntou “Chu”, incisivamente.

— O paciente teve algum trauma? — perguntou o doutor.

A coisa vai mal quando o brado da recíproca despartidária, inocentemente, se manifesta.

A imagem do momento em que ele aplicava a injeção em Jack veio à sua mente.

(...nós vamos ligar para o presidente!)

— Que tipo de trauma? — perguntou “Chu”.

— Um trauma, algum acidente — disse o doutor — olha, ele tem uma lesão aqui — o doutor apontou com o dedo para um bom corte no crânio de Jack.

“Acho que isso deve ter sido a causa” — disse o doutor, apressado. Ele olhava para duas das macas que estavam entre outras também próximas a eles.

— Causa do que? — perguntou “Chu”.

Com a mão nas costas do assistente, solidariamente, o doutor disse:

— Ele está em coma.

O doutor saiu apressado, logo em seguida, deixando o assistente sem saber o que pensar. Jack estava deitado a fios e máquinas.

CAPÍTULO 11

Prontos para sucumbir como todo o resto?

“Senhores, todos estão prontos para darmos prosseguimento aos preparativos para a construção da... primeira e... real... máquina do tempo?” — disse o doutor Albert, com a mesma e contínua expressão de contentamento, na mesma sala de reuniões.

Olharam-se, em silêncio, tentando encontrar alguém que se dispusesse ou se atrevesse a falar alguma coisa. Uma meia dúzia, dentre os reunidos, sorriu, mas

todo o restante estava assustado.

O que... — pensou Jack.

Jack não acreditou, porém reparando no doutor Albert, entre uma conferida e outra, Jack notou a segurança com que ele se expressava, permanecendo com aquela mesma expressão de contentamento.

Ele percebeu que aquele homem, aquelas pessoas e aquilo tudo não faziam parte de nenhuma brincadeira, mas sim de algo muito bem planejado. O gáudio que parecia ser o “grande salto” para a humanidade, como ele mesmo teria dito.

“Devemos construí-la e entregá-la no prazo de doze meses.”

O doutor disse isso de forma incisiva e ainda completou:

“Tenho certeza de que aqui todos estão cientes da complexidade disso; não só da construção da máquina e da consequente conclusão do projeto, mas das consequências que isso trará para a humanidade. Claro que falo das consequências da máquina em nossas mãos. Eu não me atreveria em pensar em outra hipótese, todavia, tudo isso já foi hipoteticamente calculado; tudo, acreditem!”

Nesse momento, o doutor pejou-se, demonstrando assim um pouco de receio. Em seguida, ele tentou olhar para os reunidos, mas abaixou a cabeça e assinalou o próximo item a ser dito.

— Em doze meses nós faremos é uma torradeira, isso sim! — disse um dos reunidos: um homem usando óculos, fundo de garrafa. Um cientista contrário aos paradigmas, com visões sempre discordantes, em todos os campos. Isso é bom, mas nem todos os cientistas parecem saber lidar com isso.

Se a ciência está em constante evolução, eu discordo! A evolução não deveria discordar da própria evolução?

Discordar do padrão atual, realmente, parece implicar, ao que tudo indica, em uma evolução.

É fácil domar a razão, o difícil é domar o sentimento!

Sou mais o trabalho sensato das formigas! — ele diria.

— Então preparem o pão e a geleia! — disse o doutor Albert.

O reunido fundo de garrafa se limitou a mexer os braços e a erguer o queixo.

O restante dos participantes também se inquietou.

Relativamente perto do doutor Albert, o estagiário Jack Wood observava, atento, àquela que parecia ser a reunião das reuniões. Era difícil em seu pensamento entender o porquê de um jovem cândido como ele ter conquistado o privilégio de estar ali diante daquilo tudo.

Ao lado do estagiário Jack estava um cientista que era conhecido como “boca dura”. Ele era do tipo que se gabava de sua própria inteligência. Regozijar-se-ia equivocadamente com isso, tendo sempre muita pouca paciência. Então, com uma má postura, ele disse:

— Isso é ridículo!

Ele era calvo e se mexia de uma maneira que acabava por demonstrar que alguma coisa o incomodava um pouco.

Uma ova!

“Nosso prazo anterior já era muito pequeno, em minha opinião; agora, um ano, é impossível! É loucura!”

— Eu acho que nós deveríamos estudar melhor — disse um sensato grisalho, mais ao fundo da grande mesa.

Penso nisso amanhã de manhã, depois do café ou na privada!

— Doutor Albert, o senhor não acha que devemos rever e repensar tudo isso melhor para não nos arrependermos depois? — perguntou o imediato assistente do doutor, sussurrando próximo a ele. Um sujeito magro com os seus cabelos bem repartidos, penteados para o lado.

Tô bem assim, chefe?

— Tudo já foi mais do que revisto e repensado — respondeu o doutor Albert, também sussurrando, ao seu assistente.

“Senhores!” — disse o doutor Albert.

“Entendo a posição de vocês. Cada um aqui é responsável por uma determinada área. Sei que ninguém quer ser insequente, irresponsável ou louco. O que vou pedir a vocês neste caso, entretanto, é para que fiquem loucos!”.

Alguns levantaram os queixos com troça, outros apresentaram outras

reações, mas a maioria abaixou a cabeça e se fechou, em um cenário de incertezas e indecisões.

“Somente neste caso, eu peço a todos os presentes que estejam sincronizadamente afinados para com a loucura deste regente biruta que vos fala.”

“O que somos nós? Que espécie de máquinas nós somos que não podemos ter um mero livre arbítrio ou uma súbita ousadia de vez em quando? O que acham que somos?”

“Senhores! Vocês querem um consolo aos seus egos? Alguma palavra que lhes conforte a alma de uma notícia tão repentina como essa? Algum conselho que lhes ajudem a decidir e a optar pela coisa certa? Querem... um argumento?”

Apreensivos, todos ficaram inquietos. Lentamente, o homem levantou-se de sua cadeira, colocou a mão direita fechada sobre a mesa, como se desse um leve soco. Em seguida, ele fez o mesmo com a esquerda, olhando de baixo para cima, e postou sua voz num tom forte, alto e claro a dizer:

“Quem não optar por vir comigo agora, irá sucumbir como todo o resto que não soube escolher quando pode!”

CAPÍTULO 12

A máquina dos sons.

A imagem era a de um extenso pavilhão, uma sala ao mesmo estilo da integrada de física de Félix. Na verdade, o local era o mesmo, ampliado muitas vezes, mas agora com divisórias para experimentos específicos, sendo estes divididos em vários setores. Os setores eram os do projeto Gravitare, do Universu in Cupola, do Invisibilitate, do Permeabile in Solidu e do Projeto Gênese (Machina de Sonu). Eis o futuro.

Trabalhavam nesse pavilhão Félix, Michael, Tales, Susan além de outros; todos com 10 anos a mais em suas mesmas mesas, todavia, com notebooks e celulares de última geração. Aliás, a tecnologia utilizada no desenvolvimento dos tais aparatos, se encaixava à descrição de verdadeiros objetos de desejo. Os designers daqueles dispositivos tinham a função de apresentar os desígnios de alguns dos verdadeiros sonhos de consumo. Lá também trabalhavam outros

doutores e dezenas de estagiários. Eles usavam o mesmo tipo de uniforme. Era o primeiro dia de trabalho para todos os estagiários.

A rotina era mais ou menos assim: na troca de período, de acordo com a escala de revezamento, quando uns saiam, outros chegavam. O trabalho era disposto em turnos de 12 por 36 ou somente 6 horas.

Era visível certo companheirismo e até alguma intimidade entre eles. As salas maiores não estavam somente cheias de estagiários e curiosos, mas estavam também repletas de estudiosos. Havia uma sintonia entre eles.

Em uma associação despreziosa e fora de contexto, se isso fosse comparado a um nado sincronizado olímpico, por exemplo, o resultado seria parecido. Com um toque um pouco mais catedrático, é claro. Onde os termos náuticos seriam aqueles pelos quais um doutor experiente poderia ter a sua cuca fundida.

— Susan, você pode me ajudar aqui um segundo? — perguntou o então pobre Félix, escorando a cabeça, com as mãos, bem de frente ao computador. A propósito, os notebooks e celulares dele e os dela tinham uma aparência muito distinta; na verdade, só faltavam voar. O modelo do celular que Susan segurava era surpreendente. Seu formato parecia ser ainda desconhecido, porém era encantador.

— Claro! — respondeu Susan, porém logo foi surpreendida por dois estagiários com algumas perguntas.

Os setores estavam em plena atividade. O que atraía menos a atenção era o do Gênese: da Machina de Sonu (máquina dos sons), como estava indicado na placa da porta da sala.

Ninguém via uma grande utilidade para essa máquina, em outras palavras, algo que pudesse vir a ser relevante para a humanidade. Com certeza uma máquina dessas não viria a solucionar nenhuma crise, econômica, financeira ou social, nem tão pouco viria a atender à curiosidade irrelevante e paciente de uma sociedade intelectual em evidência.

Era um aparelho pequeno, como um celular de dimensões hiperbólicas. Ele apresentava algumas referências de tempo, de espaço, de velocidade do som, do

vento, além de outras variáveis, visíveis na parte central do aparelho.

Ele estava ligado diretamente a um computador e este a um *mainframe*. E tudo ligado a uma parafernália eletrônica bem montada.

Da esquerda para a direita havia lá uma “Protoncentrípeta”, que se acoplava a um espectro fotômetro e esse a um destilador sonoro, que se interligava a uma copiadora de som. Tudo isso unido também a uma tecnologia muito sofisticada, de um mecanismo avançado, que apresentava imagens em várias dimensões.

Isso tudo era acessado por uma máquina que mais parecia uma autoclave.

Ela estava conectada a uma espécie de telescópio, que atravessava o teto.

Do lado de fora, no telhado, havia também uma enorme antena: um tipo de parabólica com um gerador de energia, que convertia ondas sonoras captadas pelo centro do aparelho, em uma linguagem padronizada. Essa linguagem, depois de refeita, era convertida a uma forma que fosse audível.

— Os aparelhos são operados assim! — disse Tales, que agora tinha o cabelo bem cortado e a voz mais firme.

“Alguma dúvida?”

— Eu tenho uma pergunta não pertinente — disse um estagiário de cabelos por cortar. Ele era a confusão de conceitos curiosa; na verdade, em sua confusão de conceitos ele era a própria palavra.

Tales deu um sinal para que ele fizesse a sua pergunta.

— Não entendo muito. O que aconteceu com o que aprendemos na escola?

Sim, por que pelo que eu ouvi dizer, tenho a impressão de que esse projeto acabou de derrubar o grande conceito de som — disse o estagiário.

— Vejam bem: o projeto não foi muito divulgado desde o seu advento, principalmente nos últimos anos, portanto vou tentar transmitir, ao longo da permanência de cada um aqui, o máximo de informações a vocês sobre o assunto.

“Como vocês puderam ver, aqui neste resumo, não mudou muito!”

Tales apontava para o mesmo mecanismo avançado de imagens. Aquilo tudo parecia ter sido muito bem elaborado e à medida que ele explicava as imagens iam aparecendo. Cada um dos vinte estagiários, sentados naquelas luxuosas cadeiras

confortáveis de couro, tinha o material compilado do assunto. A propósito, as cadeiras pareciam ser um recurso um tanto quanto desproporcional, contudo, acabaram dando certa “exterioridade” ao lugar.

“Átomos sugam átomos, basicamente, e isso nós todos sabemos! Observem isso; o clássico exemplo do rio. Vejam aqui! Depois que a pedra toca a superfície da água nós temos o início da formação de um círculo de ondas ascendentes em torno de onde a pedra caiu. Acontece que elas diminuem muito rapidamente, depois disso, até sumirem por completo.”

— O doutor disse bem, somem! — disse o mesmo estagiário.

— Mas não no caso do som. É claro que ninguém poderia rastrear uma emissão sonora por muito tempo, por causa das variantes. Nosso melhor desempenho foi quando conseguimos rastrear uma emissão sonora por cinco milhões e meio de quilômetros. Depois disso, a perdemos — disse Tales.

“O som foi o do impacto de um alfinete arremessado ao chão!”

— Uau! — disseram metade dos estagiários presentes em baixo tom.

Que merda! — diria Michael.

— Ainda bem que você não pode rastrear o cheiro daí — disse Michael, que ouvia a explicação de sua mesa a dez metros de Tales. Ele disse isso, concluindo a frase, estrelando um dos mais bem emitidos sons de sua flatulência.

— Tooooh! — manifestou-se Michael, como se isso fizesse parte de um diálogo, com direito a travessão e todo o resto, mais ou menos assim.

De onde estava sentado, ele se dispôs a fazer isso meio que se levantando de lado na cadeira. Com relação a esta observação, não haveria outra forma para se tecer um comentário como esse. Também não haveria nenhuma outra maneira que pudesse ser mais inexata ou menos indiscreta para se descrever isso. Michael parecia não ter amadurecido muito nesse aspecto.

Certa vez ele revelou que herdara isso de seu bisavô, que tinha muitas incontínuas. Acrescentou também que o mesmo bisavô teve a melhor influência em sua educação. Mas como poderia ter sido essa influência, contudo?

Os estagiários acharam muita graça. Tales, por outro lado, balançou a cabeça

reprovando a atitude de Michael.

— E o projeto dele aqui, ironicamente, é a grande sensação — disse Tales.

Em seguida, ele continuou a explicação.

“Porém o diferencial desse aparelho é que, quando ampliado milhões, trilhões, ou quintilhões de vezes, ele consegue captar sons vagantes. Através de um avançado programa de tecnologia e de inovadoras técnicas de captação dos sons, conseguimos desenvolver a máquina dos sons, que é uma espécie de *Hubble* da ciência dos sons.”

“Este aparelho — disse, indicando com a mão — capta qualquer fenômeno acústico que propague ondas sonoras. Ondas reproduzidas por qualquer corpo que possa vibrar em meio material elástico. Capta qualquer som que fora emitido no passado dando a nós a possibilidade de ouvi-lo claramente.”

CAPÍTULO 13

O descortinado sem fim.

Ao lado do setor da máquina dos sons estava o setor do projeto “Universu in Cupola”. O mesmo número de estagiários que o daquele setor rodeava, com grande curiosidade, uma cúpula.

“Partículas planetárias no vácuo!” — disse o doutor Roberto. Ele era um italiano de nariz e olhos grandes, que aparentemente parecia estar muito acima de seu peso. Ele desenvolvia bem a sua oratória. Gostava de ter em sua mão esquerda um lenço o qual era usado para enxugar o suor de sua testa e pescoço ao sinal constante de sua “andropausa-hipertensa”.

Engordo! Mas não é todo dia! Sou um catedrático “doutor vou levando assim”! — ele diria.

Os setores eram divididos por medianas divisórias. Este setor, diferentemente do primeiro, exibia nas paredes categóricas experiências da física, representadas por meios distintos de experimentos. Eles faziam referências a grandes descobertas já nesse novo conceito de constituição do universo, “Universu in Cupola”.

A cúpula em questão era somente imaginária ou explicativa; na verdade o

que se via era uma esfera similar ao globo terrestre, um pouco maior, e de cor azulada, meio transparente.

Isso aqui é um universo, doutor? — perguntou um estagiário, apontando para a esfera. O rapaz tinha os seus cabelos claros arrepiados.

Como vai, meu amigo? Beleza? E aê, doutor? — ele diria. Esse rapaz gostava de ter um bom relacionamento com todos; certo ou não, esse era o seu costume.

— Exatamente! Fizemos uma cópia do universo primordial, porém infinitamente menor. Tem todos os elementos do nosso, sem exceção. Produzimos um *Big Bang* microscópico, criado a partir da explosão da menor e mais densa partícula de matéria já vista.

“Depois de criada, pelo acelerador de partículas, essa partícula existiu por alguns milionésimos de segundos até que o mesmo acelerador a explodisse à velocidade da luz variável e inversa, dando início ao processo de criação desse universo.”

O doutor Roberto procurava reter a atenção dos estagiários, ao que ele apresentava, através de um dispositivo tecnológico muito sofisticado. Aquilo era também um mecanismo altamente avançado que exibia imagens em várias dimensões. Ficava difícil dizer o que realmente era aquele aparato. Contudo, o que os estagiários iam ouvindo, somados a uma imagem praticamente viva daquilo que eles acabavam vendo, os deixavam à mercê de uma iminente perda de sua coordenação inteligível.

“No momento em que existiu ela alcançou a temperatura de mais de dez trilhões de graus Celsius. Essa é a segunda vez que uma partícula assim, tão densa, existiu em toda a história; entre dez e dezoito bilhões de anos.”

“Elementos como o Quark e os Glúons, por exemplo, que se encontram no interior dos prótons, saíram por alguns instantes, formando o plasma de substâncias; algo que nenhum ser humano havia presenciado antes. É o que chamamos de liberação de confinamento.”

“A imagem registrada dessa partícula, no instante em que existiu, mostra algo que lembra muito o olho humano; na verdade uma espécie de íris,

espantosamente filamentosa. Já vimos algo assim no cosmos. Dizem que é o olho do universo. Vejam!”

O doutor conseguiu atrair a atenção dos estagiários para a visão única do começo de tudo, todavia, para a maioria, ver ou ouvir uma ou outra coisa não bastava naquele momento.

E então, sem hesitar diante da tal situação, que já se tornara uma rotina para o doutor, ele caminhou em direção à esfera, quatro a seis passos de onde estava, e passou por entre os estagiários que o rodeavam.

Chegando lá, ele apoiou sua mão esquerda na extremidade lateral do móvel que suportava a tal esfera e com toda a firmeza começou a colocar a sua mão na tal esfera, pela parte lateral dela.

Acho que agora vão achar que sou um mágico picareta, em uma posição pra lá de ruim! — ele diria.

“Uau!”

Foi a reação de todos.

O que ninguém entendeu foi que quando o doutor terminou de colocar a mão, se é que se pode assim dizer, e depois todo o braço, ele também continuou colocando até entrar todo o seu ombro e parte do seu tórax.

“Uau!”

Foi a reação de todos, novamente.

Eles tentavam descobrir o segredo do truque. Na verdade, não parecia ser um truque. O móvel tinha a cor branca e era feito com uma madeira fina. Os quatro pés do móvel também eram finos, o que não facilitaria na possibilidade ou na tentativa de se cometer alguma trapaça ou truque. Aquela situação era simplesmente inconcebível para eles.

Ela era a merda de uma esfera aparentemente transparente! Ainda assim não se podia ver através dela! De que maneira uma esfera tão pequena conseguiria comportar todo o maldito braço, ombro e parte do tórax do doutor? — eles diriam.

O doutor foi retirando o braço lentamente, da mesma forma como o colocara lá, alguns segundos após tê-lo colocado. Foi retirando, e retirando, até o fim. A

impressão que dava era a de que o seu braço parecia estar reaparecendo aos poucos.

Em seguida, ele apoiou as suas duas mãos nos cantos do móvel e olhou para os estagiários. Ele ainda se gabava do feito, desdenhosamente, quando, de repente, um estagiário, que estava junto à esfera, começou a gritar.

Gritava como se estivesse caindo do mais alto prédio em direção a um vertical e sombrio “descortinado sem fim”: descortinado sem fim.

E da mesma forma que o doutor, apoiado com as suas duas mãos nas extremidades do móvel e gritando muito, ele aproximou a sua cabeça até a esfera e começou a colocá-la para dentro. Sua cabeça foi sumindo e quando a boca do rapaz passou para dentro da esfera, todo o som ensurdecido de seu grito sumiu.

O que somente se ouviu no instante seguinte foi um estado de silêncio, e não mais do que uma ou duas cadeiras se movendo. Muitos curiosos puderam ver pelo corredor, espremendo-se pelos cantos, e também por cima das divisórias. Ouvia-se até a indecisão dos que estavam perto do grito:

“Ajudá-lo ou fugir daqui?”

O silêncio fala o que a sabedoria cala antes de dizer que aquele que fala tudo que quer pode não dizer o que um sábio não teria dito, pois a sabedoria que fala é aquela que tudo não disse, mas que tudo ouviu e por sábia se viu.

Ou ele estava gostando daquilo ou o pior poderia estar acontecendo. Eles não sabiam se o puxavam dali ou se olhavam para o doutor. O estagiário ficou naquela situação por quase dez segundos, até que lentamente ele foi retirando a cabeça da esfera, da mesma forma como a colocara lá.

Quando começou a aparecer parte da boca, os seus gritos, em igual volume, também foram surgindo. Num segundo, logo após ele ter retirado a cabeça da esfera, o estagiário começou a rir um chocho riso boquiaberto, franzindo sua testa, claramente perplexo e espantado.

— O que você viu? — perguntou um estagiário, colocando a mão no ombro do grito.

— Nada — respondeu, quase sem reação.

— Mas o que é nada? — relutou o mesmo estagiário.

— Eu não sei.

Os curiosos dos outros setores começavam a se dispersar.

O doutor, numa manifestação nada habitual de satisfação e contentamento, sorriu, como alguém que acabara de receber o Oscar em uma cerimônia de premiação.

CAPÍTULO 14

Entre o nada e o nada do horizonte.

— Podem esquecer a gravidade, por favor?! — disse Félix, com grande contentamento.

— O senhor está nos pedindo para esquecer o chão? — perguntou um estagiário magro, de média estatura, que tinha a cabeça raspada.

Ele até ergueu a sua mão, pedindo permissão para falar, mas não teve paciência para esperar a permissão e foi logo falando.

— Não quer que a gente pare de respirar também? — perguntou outra estagiária, morena, com uma boa pronúncia. Ela prendia uma caneta entre os dedos.

— A gente não poderia trocar uma ideia com os anjos? — perguntou outro estagiário, mais ao fundo da pequena sala. Félix sorriu para aquilo que parecia ser uma piada; meio que fora do contexto, inclusive.

Nesta sala, estavam Félix e uns vinte estagiários, como nas outras salas.

Numa pequena mesa ao lado de Félix era possível ver aquele mesmo dispositivo tecnológico sofisticado, com o qual ele exibia e apresentava as suas descobertas a todos os presentes.

— O projeto Gravitare, de nossa autoria, já tem a expressão máxima do reconhecimento da sociedade científica mundial. Todo o conceito paradigmático e imutável, que tem como referência o tema gravidade ou lei da gravidade, foi alterado por uma simples razão decimal.

“Descobrimos que o 0,1% do átomo, responsável pela sua constituição química interior, é burro. Em outras palavras, 99,9% do interior do átomo é de

espaço livre, como sabemos, e esse 0,1% restante pode ser enganado” — disse Félix.

— É fácil enganar alguma coisa que não pensa — disse um estagiário de aparência asiática.

— Sim! Por isso tenho de explicar detalhadamente tudo a vocês, o que não aconteceria com essa parte do átomo — disse Félix.

— O senhor não estaria também querendo dizer com isso, que essa parte do átomo é mais esperta do que nós, está? O simples fato de que o átomo não precisa de explicações não quer dizer que ele já sabe de tudo, não é verdade? — disse outro estagiário, com uma aparência hispânica.

Pode desatar o nó em minha cabeça? — perguntaria esse estagiário.

Félix sorriu como quem concordaria, no entanto, se o fizesse, ele poderia colocar toda a formalidade necessária para aquele momento em risco.

— O fato dele não perguntar não significa necessariamente que ele não tenha alguma dúvida — disse outro estagiário, com cabelos do tipo macarrão parafuso.

Não tem de quê, professor!

— Isso mesmo! — disse Félix a este estagiário.

"E acrescentando algo a mais ao tema, não somos a única linguagem existente" — disse, misteriosamente.

Os estagiários olhavam uns para os outros dando boas vindas à confusão, que chegara de visita para “garfar seus frangos”.

“Vejam bem! A gravidade é zero no instante em que forças gravitacionais independentes concatenam seus valores e se encontram para formar uma só estrutura” — disse Félix, apontando para as imagens.

“O que acontece, é que o material interno do átomo representa 0,1% de seu espaço interior total. Esse material, por sua vez, apresenta uma gravidade autônoma. Por ser esta gravidade autônoma infinitamente menor do que a da Terra, ela acaba sendo atraída pela Terra.”

Félix deixou cair um giz no chão, como uma forma de exemplificação.

“Porém se colocarmos mais algumas porções desse material, na mesma

quantidade e em lugares espaçadamente calculados, dentro do átomo ao redor do núcleo, elas se colocarão na mesma situação dos planetas em sua órbita, dentro do sistema solar, por exemplo. Ou ainda dentro da via láctea ou ainda dentro do universo ou ainda dentro do “uniuniverso”; que é a palavra que parece ser a mais correta para se usar na definição de muitos universos. A propósito, pense assim, se o verso de uma folha é o outro lado dela, o outro lado aqui da Terra é o espaço. E se universo é a união de tudo o que está do outro lado da Terra, então multiverso, nome dado a uma teoria (muitos versos), nada mais é do que, no máximo, o sinônimo de universo. Por isso, “uniuniverso”. Pode ser levantada aqui uma teoria, contudo. E essa teoria, é a de que não existem muitos universos. E ela pode se chamar “pulsoinverso”, onde o universo é o resultado de uma inversão pulsante no tempo, que hora existe, hora não existe, isto é, o tempo corre em função de uma equação do próprio tempo invertida em si mesma, com uma variável que não muda: o pulso. Mas isso é um assunto para outro momento.”

“Quando começamos, inserimos primeiramente duas porções, mas para que conseguíssemos igualar a sua gravidade com a da Terra, tivemos na última tentativa a introdução de onze porções, que com as já existentes somaram um total de treze dentro do átomo. Fizemos isso de uma maneira que elas já entraram, em volta do núcleo do átomo, simetricamente, dependentes umas das outras em relação à força versus espaço/gravidade. Como podemos ver, tudo remonta o universo.”

— De que maneira elas foram introduzidas? — perguntou o asiático.

— Senhores! Foi-se o tempo em que o velho e bom átomo era indivisível e complicado! — disse Félix.

— Não me diga que foi fácil colocá-las lá?! — disse o hispânico.

— Em minhas férias vou trocar as montanhas por um *tour* no interior de um átomo! — disse o estagiário “macarrão”. Todos riram.

— Agora sabemos onde escondem o dinheiro sujo! — disse o hispânico. Todos riram.

— Não posso dizer que foi fácil, porque na verdade não as colocamos lá;

elas já nasceram lá.

Os estagiários se surpreendiam a cada segundo.

Vou para casa, antes, porém, vou passar num desses shoppings de um nano universo atômico para comprar leite e alguns cereais! — diria o estagiário “macarrão”.

— Na maternidade de Houdini, certo? — disse o estagiário “macarrão”.

Todos riram.

Félix manuseava uma espécie de pistola para pintura ou algo parecido; não que ele fosse pintar o local.

— Este laser faz todo o trabalho. Todo átomo que receber esse raio terá em seu interior a multiplicação clonada de sua porção interna. As porções surgirão já em suas devidas posições, porque ele assim o foi programado para fazer. Ele induzirá a chamada clonagem espontânea — disse Félix.

— Mal acabamos de engolir e a digestão já foi feita! — disse o asiático. E ainda completou:

“Diga-me, de que forma podemos estar atualizados cientificamente se a cachoeira das atualidades é a bisavó da ciência?”

O tradicional nó de marinheiro, aquele que sempre fora usado e jamais questionado, fora substituído por um grande bolo, redondo e bem feito, de nós cegos. A marinha não tem mais mãos para amarras! — ele diria. Seu pai era marinheiro e ele acabava aprendendo alguma coisa com ele.

— Acha que eu poderia arrancar a porta de madeira lá de casa e usá-la como um tapete voador? — perguntou o hispânico. Todos riram.

— Você pode fazer melhor! — disse Félix. Em seguida, acrescentou:

“Você nunca usou uma roupa 100% metálica?”

— Claro... Superman?!

— Vejam bem! — disse Félix.

Ele tirou da maleta um taco de madeira e uma camisa brilhante dobrada, colocou em cima da mesa e atirou o laser nos dois objetos. Eles não se moveram, contudo. Não que eles tivessem de se mover.

“Agora olhem para isso!” — concluiu Félix.

Félix pegou o taco, levantou-o a meio metro de altura da pequena mesa, onde estava a maleta, e em seguida, muito rapidamente, fez o mesmo com a camisa brilhante.

— “Uau!”

Foi a reação de todos.

As peças ficaram suspensas no ar, na exata altura em que ele as colocara. Foi como se ele as tivesse colocado em outra mesa mais acima, mas outra mesa que fosse invisível, contudo.

— Se você programar o laser para estimular a clonagem de uma porção de matéria a mais, dá para vestir a roupa e levitar.

— Superman! — disse o hispânico, com um grito de contentamento.

Da mesma forma, todos manifestaram grande admiração e surpresa. Era tudo novo ali, aliás, em todos os setores.

— Quero lembrar que — completou Félix — poderão surgir muitos novos questionamentos sobre o tema, como por exemplo:

“Em que momento nós não mais precisaremos pisar na terra? Quando é que não mais precisaremos de sua sustentação imprescindível? Quando nos transformarmos em seres levitantes?!”

“Seremos habitantes de um universo suspenso?!”

“Onde o ser humano habita? Na levitação?! Na suspensão do universo e não mais na Terra?! E onde fica? Ah, ficamos no sistema levitacional! Ou seria em qualquer lugar?!”

“Seremos nós somente habitantes de um universo sem endereço definido?!”

“Quem sabe não habitaremos em um sistema que ganhe a definição de: o nada?! Entre o nada e o nada do horizonte.”

CAPÍTULO 15

Do outro lado da parede.

De onde Félix estava, era possível ver o porco do doutor Michael encostado na porta da outra sala. Ele estava acabando de acertar os últimos preparativos para iniciar a sua nova palestra: *IVISIBILITATE/PERMEABILE IN SOLIDU*.

“Para se conseguir entender alguma coisa é preciso primeiro senti-la!” — disse Michael.

Em seguida, ele fez um movimento circular com a mão em sua barriga, começando de cima para baixo, mais ou menos na altura do estômago. Aquilo até teria sido um gesto natural, se ele não o tivesse feito em público.

Um típico ato involuntário reservado apenas a algumas pessoas ou somente àqueles que me precederam, sangue do meu sangue! Só a minha família sabia reconhecer e respeitar o valor de um porco genial. Eu sei apreciar muito bem uma boa comida para porcos! — ele diria.

E então Michael perguntou:

— Podemos sentir aquilo que não podemos pegar?

— Há alguns minutos sentimos o cheiro horrível de sua maldosa combustão flatulenta! — disse um estagiário que tinha os cabelos bem cortados, mas a barba por fazer.

Cretino! Você come o que quer, o quanto quer, não passa vontade de nada, tem de tudo, e eu é que tenho que aguentar o aperto aqui?! Por que você acha que ganhei esse apelido de cinta linha do Equador? — diria a cinta de couro de Michael, dali mesmo, dos passantes de sua calça.

— Opa! Deixe-me ver aqui, hum... acho que... hein? — disse Michael, que em seguida deu um sorrisinho escondido, levando as mãos para trás.

— O amor! — disse uma estagiária, de cabelos presos ao estilo rabo de cavalo. Os seus óculos tinham uma armação fina.

— Não, cara aluna, o amor não vale, eu falo de coisas concretas, palpáveis: aquilo que se pode apalpar — disse Michael.

A sala toda se calou. O silêncio que nunca fora temeroso, quanto ao exercício de suas funções tácitas ou ao encargo de sua quietude, agora gritava por socorro.

Se o ofício do silêncio é se abster de sua ruína, como poderia ele agora gritar?

A sala de Michael era parecida com as demais, assim como também o

número de estagiários. Então, quebrando o silêncio, Michael disse:

“Átomos em fusão constante, à velocidade da luz “rádio pseudo ativada”, não se firmam como massa”.

“Se induzirmos os átomos desta mesa, estando eles variando em uma fusão constante, a alcançarem a velocidade da luz, com uma aproximação relativa de radioatividade de urânio enriquecido, nós estaremos provocando o estímulo necessário para que eles oscilem!” — disse Michael, apontando para a mesa ao seu lado.

— A mesa vai sumir? — perguntou o estagiário conhecido por GB.

Ele era de estatura baixa, usava barba e boné. O rapaz ganhara esse apelido em sua infância, certa vez, durante uma partida de basquete, depois de ter se mudado para um lugar onde ninguém o conhecia. Em meio a todos os jogadores em campo, sua altura fazia com que fosse facilmente notado. E como ninguém sabia o seu nome, um dos jogadores o chamou assim, e o apelido pegou. GB: gordo e baixo.

Suas roupas ainda pareciam ser as de sua adolescência. Podia-se ter a impressão de que ele era do tipo que não se preocupava muito com a aparência. Não era possível dizer se os seus pais haviam desenvolvido o costume de cobrar isso dele.

— Com isso você não estaria transmitindo radiação à mesa? — perguntou um estagiário polaco de cabelos bem arrepiados.

Se eu levei um choque? Olha pra minha cara! Você vai me perguntar se eu levei um susto? Sei que o meu cabelo está sempre arrepiado. Eu também sei que estou sempre arregalando os meus olhos, mas isso é porque eu gosto! O que é que você tem com isso? Não estamos num país livre? — ele diria.

Michael balançou a cabeça dizendo que não estaria transmitindo radiação.

— A capacidade de radiação é pequena e a distância proporcional, nesse caso, é infinita. Como se a mesa, para nós, estivesse fora da galáxia — disse Michael.

Ele manuseava um dispositivo, um tipo de controle à distância, que tinha

uma luz vermelha e outra verde.

— Vejam bem! Está tudo aqui! E a distância, nestas condições, comporta uma variação que chega a cem metros.

Mostrou o dispositivo, apontando-o para a mesa, como quem espera que o ato ou o comando resulte em um resultado esperado.

— O urânio é a matéria-prima da bomba atômica, certo? — perguntou o estagiário polaco.

— Sumemu, garoto! — respondeu Michael. Traduzindo o que ele disse: “Isso mesmo, garoto!”.

— De que quantidade nós estamos falando? — perguntou o mesmo estagiário, ressabiado.

Alguns colegas dele esconderam o riso.

— Esqueça! Aqui não tem, nem mesmo, um grama. E ele também não é enriquecido para isso! — disse Michael, mostrando o controle com a mão.

“Se tentássemos explodi-lo, ele não faria a centésima parte do estrago do estouro de um traque, nem tampouco liberaria radioatividade alguma!” — concluiu, ainda executando o mesmo trejeito com a mão em sua pança.

“Esta mesa está aqui?” — perguntou Michael ao GB, apontando para ela com a mão esquerda.

Todos olharam. Em seguida, ele apontou o dispositivo em direção a ela, que estava a dois metros de distância de Michael, e apertou um botão. Um laser verde acertou em cheio.

Em um segundo a mesa desapareceu.

“Uau!”

Foi a reação dos estagiários.

— A mesa continua aqui? — perguntou Michael ao GB.

— Se não estivesse aí o senhor não teria me perguntado desta forma! Acho que não quero responder... estou bem assim... obrigado! — disse GB.

No entanto, o rapaz levantou-se de onde estava e caminhou até próximo ao Michael. Depois disso, olhou rapidamente para ele, passou pela sua frente, parou

bem perto da mesa e disse:

— Eu não vejo de que maneira ela poderia estar aqui, se estou exatamente onde ela estava — disse GB.

— Pois ela está — disse Michael.

GB gesticulou com os braços, balançando-os na altura da cintura, como se estivesse espantando mosquitos.

“E tem mais: vocês estão ocupando o mesmo espaço, mas em espaço-peso-dimensionais diferentes. Os átomos estão se fundindo em uma das oscilações da velocidade da luz. O mesmo aconteceria se vocês resolvessem inverter os papéis.”

— acrescentou Michael, muito satisfeito.

De repente, assim que Michael terminou de falar, um botão vermelho acabou sendo acionado por ele. Nem ele mesmo sequer poderia imaginar o que estaria por vir. Esse botão era o que disparava o laser vermelho, responsável pelo processo de aceleração.

Ele o acionou distraidamente em direção à mesa. Esta fora a única vez em que um latente objeto como aquele se tornara a máxima expressão da “presença ausente”. Para pra pensar!

Neste instante, a região da cintura do GB foi atirada para trás, com grande força. Como a repulsão de um ímã com grandes proporções. Em contrapartida, numa resposta previsível, sua parte de cima do corpo não foi. Tudo isso resultou em um arremesso, onde o GB acabou com a barriga e o queixo no chão. Após a queda ele tentou se mexer, mas sentiu dores na coluna. Um colega que estava por perto o ajudou a levantar e a voltar ao seu lugar. Para dar continuidade ao assunto, Michael pensou em chamar o estagiário que tinha a barba por fazer.

— Preciso de mais um voluntário! — disse Michael.

Ninguém apresentou sequer algum espírito de cooperação; fato compreensivo depois de haverem presenciado um incidente como aquele.

“Você!” — disse Michael, apontando para o estagiário Barba.

Barba, por sua vez, apanhou uma boina de exército que estava embaixo de

sua cadeira. Nela, havia o emblema da bandeira de seu país na parte da frente.

Então ele disse:

— Se é para o progresso da ciência e a felicidade geral da nação! — disse isso levantando levemente o queixo, manifestando assim uma utilidade para este.

Então ele caminhou até próximo a Michael.

— Não se mexa! — disse Michael.

Em seguida ele apertou alguns botões no controle e observou nele uma sequência de números, que estava em sua pequena tela iluminada. Depois ele passou o controle por ele, como se fosse um detector de metais. Fez isso a uma distância de mais ou menos cinco centímetros dele, fazendo o mesmo, em seguida, com a parede atrás deles.

“Primeiramente o aparelho faz todo o reconhecimento da matéria!”

Logo depois, recuou e disparou o laser de luz verde contra o rapaz. O rapaz arregalou os olhos e abriu levemente os braços, assim como os dedos das mãos.

— O que você sentiu? — perguntou Michael.

— Um leve choque — disse Barba, com uma expressão tranquila.

A parede estava a dois metros de onde eles estavam e até o momento ninguém poderia imaginar o que viria a acontecer.

Michael, ungido de um sentimento inventivo ou simplesmente acometido de uma involuntária reação, reservada somente a entusiastas, torceu o braço esquerdo do Barba para trás. Com a mão direita, segurou a cabeça dele e o empurrou até bem perto da parede.

Então, num gesto de atrevimento ou de total irresponsabilidade, aconteceu aquilo que alguém jamais seria capaz de imaginar. Sem pensar em nada, e com muita vontade, ele empurrou a cabeça do Barba para dentro da parede.

Eis aqui João Batista! Batizando, de frente, um pagão, num sólido rio negro vertical e chumbado: um quadro de giz — diria o estagiário GB, que também arregalara os olhos.

O Barba não teve como reagir.

Num pequeno espaço de tempo, em que a sua cabeça ainda passava, ou

melhor, ainda atravessava pelo interior da parede, ele pode ver muita coisa. E aí sua reação já passou a ser outra.

Do outro lado, quando sua cabeça saiu, ele encontrou uma sala espantada.

Tales era o professor desta sala. Tales sorria, mas do outro lado Michael ainda o empurrava. O empurrou e o empurrou até que ele fez com que ele a atravessasse por completo.

Já na outra sala, o rapaz, sem graça, tratou de se aproveitar daquela oportunidade, única, para voltar para a sua sala novamente. E fez isso atravessando pela parede, da mesma forma com que havia ido.

Já de volta, fez questão de expressar e compartilhar aquele seu momento de “contentamento fervoroso e extasiado”: contentamento fervoroso e extasiado. Ele era na emoção a própria definição. Então ele disse:

— Vocês não podem imaginar! — disse Barba.

Quando ele terminou de dizer isso, deu um grande e rápido passo em direção à parede, certo de que teria novamente o prazer daquela inusitada experiência; porém, para sua surpresa, ele terminou por dar de cara com a mesma.

Enquanto ele ainda lamentava o impacto que acabara de sofrer, Michael ria muito com os estagiários. A impressão que havia ficado era a que Michael fizera aquilo de propósito, o que não seria de duvidar.

— Eu esqueci de dizer a vocês que programei tudo para um espaço de tempo bem curto — disse Michael.

Michael fazia questão, e não perdia a oportunidade, de ser um porco insensível; muito caprichoso e dedicado na descortesia. Seguindo à risca as etiquetas da plena estupidez! — diria o seu bisavô, todo orgulhoso, em um de seus momentos de filosofia animal. Esse é aquele mesmo bisavô que teve uma grande influência na educação de Michael.

CAPÍTULO 16

A viagem pelo centro do sol.

A grande sala acomodava alguns armários e uma mesa oval, disposta bem no centro. Ela era usada para palestras e reuniões, mas também para um bom bate

papo em frente à TV. Susan e Tales assistiam a um telejornal.

“Hoje é um dia muito especial!” — disse o apresentador do telejornal, carismaticamente.

“Precedendo à viagem que farão ao centro do sol, no final do semestre, os astronautas fazem hoje, como vocês podem ver, a terceira e última análise de reconhecimento da área e da matéria solar! Eles vivenciarão estas mesmas condições, no centro do sol, à distância de quatro quilômetros da superfície solar!” As câmeras da parte interna e externa da espaçonave mostravam, em tempo real para o mundo, algumas imagens da superfície solar. Era possível ver pequenas erupções solares. Bem no momento em que as imagens eram captadas, pode ser vista, em plano fechado, uma grande erupção.

— É muito curioso! O mesmo campo magnético que comporta o plasma, que é o combustível da nave, comporta também a própria nave! É isso mesmo? — perguntou um repórter, correspondente de rua, a um cientista espacial numa sala de pesquisa, nessa mesma reportagem. O cientista vestia um macacão espacial.

— É isso mesmo! — respondeu o cientista espacial.

“O plasma, que já é usado há muitos anos em voos espaciais, é armazenado em um campo magnético a uma temperatura de dois bilhões de graus Celsius — completou o cientista, mostrando duas pequenas máquinas que disparavam raios uma contra a outra. Esses raios formavam um campo magnético no centro.”

“Isso é mais do que muito curioso, eu diria. Nós realmente conseguimos colocar a nave dentro desse campo magnético, o que eu considero na verdade extremamente audacioso.”

A reportagem mostrava uma espaçonave envolta por um campo magnético. Mostrava também um vídeo da missão e um resumo do que eles já estavam começando a viver naquele minuto. E também a transmissão de algumas imagens prévias, que detalhavam todo o procedimento que eles viriam a executar. Todo o trajeto; da entrada pela superfície, passando pelo centro do sol, à chegada ao outro lado do sol.

“A temperatura do centro do sol, que é de aproximadamente vinte milhões

de graus Celsius, e as possíveis falhas na espaçonave não são mais um problema para nós. O que nos preocupa neste momento são os imprevistos que poderemos encontrar nas supererupções.” — disse o cientista espacial, fleumaticamente.

— Quando faremos uma viagem dessas, tripulada? — perguntou o repórter, sorrindo, ao cientista espacial.

— Em algumas horas! — disse em tom de brincadeira. Poderíamos fazer hoje, mas acho iria levar algum tempo até que pudéssemos nos assegurar de que não haveria riscos. Ninguém vai queimar, é claro, graças às múltiplas bolhas de plasma, no entanto, você arriscaria queimar a sua b...(censurado) lá? — perguntou o cientista, num tom discretamente debochado, concluindo a frase com um som de censura bem no tempo da palavra.

“Será que vale o risco? Que segredos nós vamos descobrir?” — perguntou o apresentador do tele jornal.

— Que não aconteça nenhum imprevisto! — disse Susan, preocupadamente.

— Você sabe o que eu penso disso — disse Tales, com sarcasmo.

— Tales, você tomou a sua pílula anual? — perguntou Susan, separando alguns frascos, que continham experimentos.

— Vou tomar na semana que vem — respondeu Tales, enquanto trabalhava em um novo projeto.

— E a vacina única? — perguntou Susan.

— Já tomei. Richard The Mars, para pra pensar! — exclamou Tales, impressionado. Tudo isso não é espantoso, Susan?

— Tudo isso o que? — perguntou Susan, que como Tales parou o que estava fazendo, em busca de um descanso ou até de um momento filosófico.

— Termos conseguido acabar com a maioria das doenças tão rapidamente.

— Talvez isso tenha acontecido pelo fato de que somos filhos de Deus. Se ele fez o mundo em seis dias e somos filhos dele, as reticências completam o filho de peixe — disse Susan, tentando fazer uso de alguma experiência de vida que já havia tido. No entanto, os dois contiveram o seu ímpeto; meio que refletindo ou ponderando em relação a um assunto pra lá de sacro ou controverso, algo que

poderia ir muito além do que se poderia dizer ou imaginar.

CAPÍTULO 17

Ouvir o inimaginável, em grande estilo, jogando um grande jogo.

Pelo tipo de roupa que usavam, em um cenário mais que transcorrido, e pelo idioma, era quase evidente que se tratava do período iluminista, séc. XVIII; mais precisamente em Paris.

“Igualdade, Liberdade e Fraternidade!” — gritou, levantando a espada, um radical burguês, com o apoio de populares, enquanto partia para a tomada da Bastilha. Era a Revolução Francesa.

Agora o lugar era outro, calmo como um monastério, com uma decoração que caracterizava a primeira metade do século XVIII. Era um café, que levava o epíteto de biblioteca por ostentar uma infinidade de livros com os mais variados temas. As estantes eram servidas por escadas, que facilitavam o acesso àqueles livros que ficavam nos lugares mais altos. O ano era 1717. Estavam sentados à mesa, de cedro polido, dois aparentes bons jogadores de tabuleiro.

— Meu caro, preciso que diga que nós vamos conseguir! — disse Voltaire: aquele que viria a ser o mais importante pensador iluminista. Ele devia estar com aproximadamente trinta anos.

Entre eles, em cima da mesa, estava um milenar jogo de tabuleiro; muito conhecido. O jogo era para aqueles dois, caríssimos e ilustres jogadores, um instrumento ainda mais requisitado que o Xadrez. Ele era conhecido por todos como o grande jogo do Egito. Diz a lenda, que uma das exigências de um grande faraó foi a de que ele teria um tabuleiro do jogo ao seu lado, na pirâmide, para toda eternidade. O jogo era o “ZUMBBI ou Gênese”.

— Caríssimo Voltaire, certamente não seria necessário elucidar o vosso conceito a respeito de minha, já sabida e estimada, inclinação, além de meu contentamento, para com esse tão raro e singular jogo que a mim desperta tanto encantamento — disse Isaac Newton.

“Sua impetuosidade lúdica é da mais velocíssima utilidade. A partida do

“ZUMBBI, o nosso Gênese” me possibilita um dom impávido no cumprimento de meus deveres, além, é claro, de possibilitar da mesma forma o alívio de minha sã consciência atenuada, também sendo cumprida.”

“A possibilidade e a satisfação de se poder concluir tão rapidamente uma partida no “ZUMBBI ou Gênese” é algo extraordinário, não acha?” — perguntou Isaac Newton.

— É fascinante, sem dúvida, e irrefutável! — acrescentou Isaac Newton.

“É mais do que satisfatório, eu diria. Seguramente ele também me permite uma quantidade inventiva de estratégias que supera qualquer expectativa tática. Dificilmente me vejo encurralado ou com poucas opções. Em minha infância eu até sentia certa semelhança com o Xadrez, contudo, desde o início eu estava equivocado. Hoje faço questão de ressaltar sua dinâmica inspiradora.”

Seu tabuleiro é encantador e o movimento de suas peças é heterogêneo.

Estas, por sua vez, apresentam um aspecto eclético e versátil, no que diz respeito à sua mobilidade. Outro privilégio é o de que o seu objetivo sempre foi, demasiadamente, distinto e eficaz. — concluiu, categoricamente, Isaac Newton, como quem sentia a necessidade de enaltecer algo que lhe fazia muito bem.

— Concordo! — respondeu Voltaire.

“Suas palavras soam como uma repetição em meus pensamentos. Sinto-me deveras aquiescido, além de confortavelmente jubiloso, diante de uma reflexão tão verossímil como esta. Aprovo sua iniciativa tanto quanto me sinto disposto a dar a ela fé.”

“A propósito, não sei o que seria desse meu entardecer se não tivéssemos a honra de desfrutar desses nossos grandes momentos lúdicos, que nos são proporcionados, é claro, por este nosso ilustre tabuleiro. Contudo, ainda preciso ver o que vou fazer aqui nesse meu quadrante” — concluiu Voltaire, observando seu jogo no tabuleiro no quadrante em que estava.

Naquele momento, o ‘Ser’ e três dos quatro elementos, sobretudo o ‘gebook’ de Newton, dominavam a casa central, com um ataque já para uma definição de partida. Voltaire, no entanto, sobrevivia com um número inferior de peças

defendendo o ‘Ser’ em seu quadrante.

— Mas conseguir o que mesmo? — perguntou Isaac Newton.

Como todos sabemos Isaac Newton era um físico de grande reconhecimento.

Já nessa época ele fora o formulador da lei da gravitação universal. Ele gostava de usar uma barba mediana, além de também exibir os seus cabelos longos, muito bem despenteados. Devia estar com mais ou menos uns sessenta anos de idade.

Nesse instante, ele movia a taça para avante, ocupando a linha mediana do tabuleiro, que se dividia em quatro quadrantes.

— Fazer a máquina dos sons funcionar, para escutarmos aquilo que há séculos estamos tentando! — disse Voltaire, fazendo a conversão da ‘Taça’ com o ‘Facho’ no interior de seu quadrante, com o conseqüente domínio da casa central.

— Por enquanto acredito que nós ainda não conseguiremos, no entanto creio que você tem duas formas de fazer isso acontecer mais rapidamente — disse Newton, tentando transmitir sabedoria.

— Richard The Mars, para pra pensar! E quais são elas?

— A primeira é você esperar e alcançar um milagre — disse Newton.

Voltaire apontou sua mão em direção a Newton, desconsiderando essa forma, e em seguida moveu o ‘Condor’. Ele parecia não ter achado um ponto de aplicação para aquela instrumentalidade. Não que ele não fosse devotado à

Palavra.

— E a segunda? — perguntou Voltaire — lá vem pedrada! — concluiu.

— Faça todas as jogadas do “ZUMBBI ou Gênese” e você conseguirá.

Newton disse isso com grande seriedade e emoção, apontando sua mão para o tabuleiro. Em seguida, olhou para Voltaire em busca de uma possível reação consensual.

— Lá vem pedrada! E quantas são as jogadas? — perguntou Voltaire.

— Dois setilhões, quatrocentos e dezessete sextilhões, oitocentos e cinquenta e um quintilhões, seiscentos e trinta e nove quatrilhões, duzentos e vinte e nove trilhões, duzentos e cinquenta e oito bilhões, trezentos e quarenta e nove milhões, quatrocentos e doze mil, trezentos e cinquenta e duas jogadas.

Quando Newton começou a dizer o grande número, Voltaire já manifestava também um grande espanto. Ele claramente expressou uma reação de admiração bastante razoável. Então, depois que Newton terminou de dizer, Voltaire, em seguida, disse:

— Agora piorô! — disse, olhando nos olhos de Newton!

“Richard The Mars, para pra pensar!”

Voltaire ainda concluiu:

“Pai nosso, que estais no céu, santificado seja o vosso nome...”

A mão que movia o ‘Condor’ preto, para próximo ao centro do tabuleiro, era a de Tales. O tabuleiro era um holograma e também um *board game* virtual, mas ao mesmo estilo clássico barroco, como o do período iluminista, assim como todas as peças.

Agora no futuro, o dia estava próximo ao da estreia da apresentação das invenções. Estavam jogando o “ZUMBBI ou Gênese” ou praticando o esporte, como muitos gostam de dizer, em uma das mesas de uma das salas do setor Integrado de Física Geral, Tales e Félix.

— Tales, como você está indo com seu projeto do som? Eu sei que o seu trabalho alcançou uma evolução fantástica. Em quinhentos anos não haviam conseguido evoluir nem a metade do que você conseguiu nos seus poucos anos de pesquisa. — disse Félix, enquanto movia seu ‘Facho’ do ponto de partida para a consequente dominância do ‘gebook’.

“Você acha que consegue cumprir com o prazo do contrato e encontrar o tão procurado som, que há séculos já poderia ter sido encontrado por Isaac Newton? Acha que conseguiremos fazer isso até o final do ano? Não é muita pretensão nossa?” — perguntou Félix, fazendo uma conversão decisiva, dominando o centro com ambas as peças.

— Mesmo com todo esse progresso, há duas possibilidades de se conseguir concluí-lo até o fim do ano — disse Tales, tranquilamente, abrindo o ‘Facho’ para a dominância central do ‘gebook’.

— Richard The Mars, para pra pensar! E quais são elas? Lá vem pedrada!

— A primeira é você esperar e alcançar um milagre — disse Tales. Félix apontou sua mão em direção a Tales, desconsiderando essa forma, e em seguida moveu o ‘Condor’. Assim como Voltaire, no passado, Félix também parecia não ter achado um ponto de aplicação para aquela instrumentalidade.



— E a segunda? — perguntou Félix.

Com a mesma tranquilidade, Tales olhou para o tabuleiro. Depois de franzir a testa, ele olhou por alguns segundos para Félix e disse:

— Vou tentar o milagre — disse Tales com seriedade, mas ao mesmo tempo sentindo-se satisfeito e agraciado. Ele se lembrara do episódio histórico da lendária partida e do que disse Newton em relação ao “ZUMBBI ou Gênese”. Félix acabou entendendo, e por isso também teve a mesma reação tranquila de Tales.

CAPÍTULO 18

Como foi ser considerado louco por engano?

A rotina tranquila daquela região da cidade era mais que pacata. Em uma praça, próximo ao hospital, alguns jovens se concentravam em torno de uma disputa de tabuleiro do “Gênese” ou ZUMBBI, onde dois dos melhores esportistas tentavam dar fim a uma partida que se mantinha muito acirrada. Parecia ser uma eliminatória de campeonato. A praça estava repleta de faixas, barracas de comida e muita gente bonita. O final dessa partida prometia ser a derradeira de um coro de gritos de entusiasmo, que vieram, de fato, a se concretizar, depois de um desfecho aniquilador promovido por um dos esportistas.

Contudo, distante dali, o futuro parecia ser incerto e nada poderia dar pistas do que estaria prestes a acontecer.

Agora, o lugar era novamente no passado, onde Jack ainda se encontrava inconsciente.

— Lá vem pedrada! — exclamou a assistente Maria — como está, “milord”?

— perguntou ela a um paciente que estava com a perna direita engessada, erguida bem alto. Esse paciente também estava com um imobilizador de coluna cervical.

Era um vendedor de seguros de meia idade, que fixava um olhar “reflexivo arregalado” para a enfermeira todas as vezes que ela passava.

Acha que me acidento por opção?! — ele diria.

A assistente Maria tinha um nariz grande e fino, possivelmente por ter puxado para o seu pai que era italiano. Sua pele morena, contudo, era uma herança de sua mãe, que havia falecido precocemente de uma doença incurável. Esse, talvez tenha sido o motivo pelo qual Maria havia desenvolvido a vocação para a

enfermagem.

Ganho pouco, mas me divirto! É claro que eu considero o fato de que preciso disso para ser feliz!

Depois de passar pela maca do segurado, ou melhor, do vendedor de seguros, a assistente passou também por mais duas outras macas. Ela acabou entrando do lado da maca de um paciente que, com a mão fechada, girava o punho em um movimento circular.

Eu mesmo vou dar um jeito nesse meu punho! — ele diria.

Para que conseguisse uma maior precisão, nesse movimento circular descabido e desatinado, ele levantava o seu dedo mínimo.

O homem era só um nariz de Aquino. Nunca vi um nariz daquele tamanho. O sujeito era mais do que um sequestrador, ele era o latrocínio chegando a nado para levar o último sopro de oxigênio da Terra! Uma odisseia pelo interior daquelas duas cavernas, com suas estalactites e estalagmites, seria com certeza um bom motivo dado ao cinema para premiá-lo! — diria Maria, num total encorajamento ao desmedido. Ela achava o paciente muito chato e inconveniente, por isso aos olhos dela, ele merecia a sua indiferença.

— Olá! — disse a assistente Maria ao tal sujeito, que permanecia rodando e roubando. Naquele momento, ela encaixava uma placa na maca ao lado da maca do sujeito, com a inscrição: Jack Wood. A bisnaga daquela maca, contudo, não era a do Jack. Em seguida, ela se virou para trás e encaixou também, equivocadamente, outra placa com a inscrição “Jonh Web” na maca de Jack. Depois, olhando para Jack, perguntou:

— E você, hein?

Jack estava ali na emergência e permanecia inconsciente. A assistente Maria, descuidada, acabou trocando as placas de nome.

Assim que ela saiu da sala, chegaram duas outras assistentes. Uma delas segurava um bloco de anotações nas mãos, que usou para anotar algo a respeito de Jack. Curiosamente, o sujeito que rodava o mínimo, incansavelmente, parou de rodá-lo.

— Jonh Web — disse a assistente do bloco, apontando para a placa de nome onde Jack estava — aqui está o senhor.

Maria chegou por ali para pegar uma toalha que havia esquecido em cima da maca do sujeito.

— O que ele tem? — perguntou a assistente do bloco.

— Ele está em coma, assim como o outro aí do lado — disse Maria, que em seguida saiu da sala.

— Esse vai ser como aquele outro — disse a outra assistente.

— Exatamente. Vamos levá-lo para o hospital psiquiátrico da mesma forma, em coma — disse a assistente do bloco.

CAPÍTULO 19

A construção da máquina do tempo e o reencontro entre Kim e Jack.

Se voássemos dezenas de metros por entre aqueles corredores, a dois metros do chão e a uns 20 km/h, veríamos quadros, alguns murais informativos e pessoas por todos os lados.

Era o prédio alto, e os corredores, os do subsolo onde se localizavam as instalações do projeto Máquina do Tempo. Ao final de um dos corredores era possível ver uma grande porta dupla e ao centro uma fechadura de chavão, por onde ainda estaríamos passando a 20 km/h.

“Não temos certeza se depois de pronta ela vai funcionar!” — disse o doutor Albert (o homem da cabeceira) ao Jack e a outro estagiário.

Também estavam lá com eles, nesta base secreta, outros dez cientistas; todos ao redor da máquina do tempo, ainda em processo de construção.

A reação de cada um deles era distinta. Para alguns, aquilo era algo que superava qualquer expectativa; para outros, já nem tanto. Jack e o outro estagiário não reagiram de forma negativa, mas Jack parecia ainda não saber se devia continuar participando daquele programa. Ele não sabia se estava fazendo a coisa certa. Deixar o conforto de uma vida tranquila, onde já tinha os seus próprios projetos em andamento; era uma mudança de rotina que poderia lhe render grandes

preocupações. Em sua concepção, aquele projeto era audacioso demais para ele.

“Isto que vocês estão vendo é só uma “casca”. Não há nada por dentro!” — disse o doutor Albert aos estagiários.

Era uma espécie de tubo com a aparência de um sifão ou um tubo grande de esgoto. Ele tinha três metros de comprimento e era suportado por quatro cavaletes de fibra de carbono. Barras do mesmo material o contornavam em seu sentido horizontal.

A metade de cima era composta de um material transparente como o vidro.

Era na verdade um campo magnético com o aspecto de um semi-invólucro. A metade de baixo era escura, mas ainda assim se encorajava a refletir o chão de mármore brilhante.

Junto à parede, embaixo do tubo, havia uma caixa transparente com algumas bobinas magnéticas, aparentemente, supercondutoras. Elas eram encarregadas de concentrar e distribuir toda a energia específica utilizada no procedimento.

Para eles, aquela emoção poderia ser comparada, por exemplo, à inusitada experiência de tocar pela primeira vez uma orca, num desses *shows* de aquário aberto ao público.

“Eu a chamo de Sifão do tempo. Qualquer indivíduo que se lançar para dentro dessa máquina, por esta entrada — apontou com a mão para a única entrada — terá seu corpo dividido em milhões de pedaços.”

“Lá dentro, os pedaços são absorvidos por partículas eletro condutoras definidas como microscópicas máquinas do tempo, desenvolvidas pela plasmotecnologia.”

— Como isso funcionará depois de construída? — perguntou também outro estagiário, muito determinado a saber. Este estagiário, como Jack, vestia um esporte fino, com um jaleco branco por cima.

— E o que acontece depois? Isso não me parece muito seguro. Lá vem pedrada! — disse Jack.

— Muito bem, aqui ficará o painel de controle, constituído a partir de um plasma genético. Por aqui controlaremos o destino das viagens — disse o sensato

grisalho.

“Ela não funcionará com combustível. Sua força virá de fibras musculares inteligentes, similares as de nossos neurônios. Elas se alimentarão de oxigênio e de sua própria inteligência. Esta inteligência terá o papel do autoconvencimento, algo que a manterá funcionando e imune a qualquer ameaça ou defeito.”

— Inteligência? Mas como é que vou lidar com isso? — perguntou Jack.

— Com psicologia! — disse o grisalho, olhando por cima de seus óculos mal colocados.

— Que tipo de psicologia? — perguntou Jack.

— Dela com ela mesma. Mas para você viajar no tempo terá que convencê-la disso, no exato momento do salto. E você terá menos de um segundo para isso. Você terá de fazer isso no instante em que você entrar na máquina, em pleno salto — disse o doutor Albert.

— Convencer a máquina? Como? Não sei se consigo! Isso é como se fosse um ser vivo? — perguntou Jack.

— Em princípio, sim, no entanto, ela não terá coração para parar e os seus tecidos não envelhecerão — disse o doutor Albert, que tinha ao seu lado o seu assistente, o cientista paradigma, o careca “boca dura” e mais cinco outros cientistas. Jack e o “determinado” ficaram limitados a manifestar uma forte reação de espanto.

— Depois, uma fenda no tempo é aberta. Essa abertura é o resultado de uma combinação de fatores dimensionais, de tempo-espaco, em um universo paragravitacional — disse o grisalho, apontando na direção de Jack, lembrando-se da pergunta dele.

— O portal é aberto no destino, onde tanto a sua imagem como a do indivíduo acabam ficando retorcidas na reconstituição física. Ah, uma coisa importantíssima! Se no passado não existir o sifão do tempo, o viajante deverá passar pelo mesmo lugar por aonde chegou, e somente ele, a princípio, integrante do futuro, conseguirá acessar o portal do tempo para voltar — disse o doutor Albert.

“A má e recente notícia é a de que se não concluirmos a fórmula dos *chips* de plasma até o final do prazo de doze meses, só conseguiremos outra fórmula como esta num prazo de dez anos, mais ou menos. Como um vinho que envelhece.” — continuou o doutor Albert, desolado. Em seguida, ele concluiu: “Se bem que a condição dos outros países é a mesma que a nossa.”

— Pode de nada adiantar toda essa correria! — disse o cientista paradigma, indignado.

— Não há como apressar esse envelhecimento? — perguntou Jack.

— Infelizmente, não. Ela tem esse prazo de dez anos por que nossa tecnologia realmente não consegue apressar isso — disse doutor Albert.

Novamente no hospital, agora no setor de internamento, Jack permanecia deitado numa confortável cama, uma espécie de cama/maca. Do seu lado direito havia um criado mudo; do outro, um vaso de flores e atrás dele, um pouco acima na parede, uma campainha de socorro. Ele dividia o quarto com mais um doente, isto é, consentia inconscientemente metade de seu quarto a outro paciente.

Esse aí, não levanta nem para correr do diabo! — diria o colega de quarto de Jack. O sujeito era bastante reservado, do tipo que só falava quando lhe perguntavam alguma coisa ou, ainda pior, quando via a oportunidade de maldizer alguém de forma a diminuí-lo. Ele era meio cabeludo, física e psicologicamente. Seus cachos desorientados denunciavam a sua impaciência conformada.

Sei que quando sair daqui eu estarei fazendo um favor a vocês!

Ele suspeitava até da própria sombra. Alguém que passasse olhando ou chegasse por perto poderia para ele ser mais um suspeito. Ele próprio derrubando uma colher se assustaria. O indivíduo era aborrecido consigo mesmo.

Jack, por outro lado, respirava o introspectivo de sua alma tranquila, onde o sossego era nada incerto e o “desavisado aflito”, inesperado e impreciso.

Se todavia nos aproximássemos de sua testa e ultrapassássemos os microscópicos poros de sua pele e tecidos, numa sequência, em direção ao cérebro, encontraríamos um universo em atividade: um mundo fascinante.

Parecia ser o cosmos, em toda a sua seleta diversidade. Não era como um

acontecimento real, mas ainda assim era possível perceber que de uma luz muito forte, resultado de uma explosão em consumação, chocavam-se galáxias dentro de planetas. No final, nada parecia mais ser tão nítido ou distinto. Numa aproximação, a movimentação era incandescente e explosiva, em meio a muita fumaça, contudo Jack ainda continuava inconsciente.

Um ano depois, a porta do setor de internamento era a mesma, assim como todo o resto. Nas mãos, uma prancheta com formulários. Eles recebiam a tinta da obrigação burocrática de uma rotina hospitalar, por meio de um exemplar de caneta tinteiro. A caneta tinha uma tampa branca e justa, perfeita para se sobrepôr a um jaleco adequado, também branco justo. Seria injusto e perfeitamente improvável dizer que uma caneta tinteiro, em algum momento, já fora descrita assim, em seus visíveis detalhes, se ela não fosse míope.

Kim olhou para Jack, que lamentaria a inconsciência se consciente estivesse, se isso fosse possível. Ela lhe pareceria muito bonita. Contudo, ele ainda continuava deitado na maca, em coma, da mesma maneira.

“O que temos aqui?” — sussurrou Kim, ticando itens em sua prancheta, nos intervalos em que, por vezes, reparava em Jack.

“Imagine all the people”! — cantarolava a assistente Maria no momento em que ela entrava na sala.

— Olá doutora, é o seu primeiro dia neste hospital? — perguntou Maria.

— É sim.

— Seja bem-vinda! — disse a educada Maria — segura, minha filha, que lá vem pedrada — concluiu em voz baixa.

“Isso aqui é uma loucura!” — Maria balançou a cabeça, sorrindo.

— Eu Imaginava que fosse! — respondeu Kim, com um sarcástico sorriso curiosamente bondoso. Maria novamente sorriu.

“Seria cômico se não fosse trágico!” — ponderou a conscienciosa Kim.

“Vejam, aqui diz que você apresenta distúrbios de personalidade; delírios de dizer que o mundo está acabando, que você veio do futuro, onde se pode atravessar paredes. Que tem a capacidade de ficar invisível, além também de poder escutar vozes do passado. Diz também que você entrou em coma.” — disse Kim, em voz baixa, próxima à cabeceira da cama de Jack.

“Mas espere aí, o seu termo de internamento é psiquiátrico, porém nós não temos aqui exames de comprovação.”

Você é bem bonitão, hein! — pensou Kim, olhando para ele por cima dos óculos.

— Há quanto tempo ele está aqui? — perguntou Kim à Maria, que acionava uns botões no aparelho de controle vital do paciente.

— Ele está aqui há mais ou menos um ano. Não tem parentes, amigos... ninguém! Quando chegou, ele até parecia ser alguém estudado, inteligente, mas o pobre não tinha um documento, sequer — respondeu Maria.

— Preciso ir. Tenho um seminário agora — disse Kim, olhando para o seu celular e saindo apressada.

— Bonitão ele, não?! — perguntou Maria.

Kim respondeu que sim, sorrindo, contudo, sem dar o braço a torcer.

Como num passe de mágica, o que se viam eram partes pertencentes a milhões de planetas e a bilhões de estrelas: era a via láctea. Que de alguma forma se transformava na órbita da Terra, dando lugar, depois disso, à imagem de um continente, ainda embaçado. Ao final desse curso de imagens, uma luz fez “fluorescer” aquele que era, tão somente, o hospital psiquiátrico.

A base de madeira trabalhada poderia ser a de uma mesa ou a de um balcão, contudo, ela era, na verdade, a de um moderno púlpito. Púlpito este, que se vibrasse, seria pelo abalo provocado no decurso de uma oscilação, pela movimentação das páginas da pauta da doutora Kim.

“Há de se ter uma maior atenção nesse sentido, pois a metade dos pacientes que são internados aqui poderia ser recuperada em casa! Esses pacientes teriam uma recuperação mais rápida ao lado da família. Com isso, o hospital ainda reduziria o custo desse setor, facilitando o tratamento daqueles que mais precisam!”

“Espero ter conseguido também expor, com clareza, a importância de não dependermos tanto das drogas. Elas não podem ser a única fonte de recuperação do doente!”

“Alguém tem alguma pergunta?” — finalizou a doutora Kim, levantando o queixo.

Como ninguém levantou a mão, Kim fechou a sua agenda e fechou também depois a sua pauta. Em seguida, ela disse:

“Obrigado a todos! Tenham um bom dia!”

Os alunos foram logo se levantando e saindo do recinto de reuniões e palestras do hospital psiquiátrico. Aquele era um dos setores da universidade. Na sala onde Jack ainda permanecia em coma, as máquinas registravam o seu batimento cardíaco, além também de fazerem o monitoramento de outras funções vitais dele. Era possível perceber, contudo, que seus olhos se mexiam, mesmo estando fechados, e a sua mão direita se abria em intervalos de tempo.

CAPÍTULO 20

Tragado por milhões de máquinas do tempo.

O mesmo prédio ainda sediava a base secreta, que ocultava o sifão do tempo.

Sua área subterrânea, contudo, era ainda maior e mais equipada.

— Quer um café? — perguntou Jack, com uma xícara na mão, cochichando.

— Não, obrigado! — respondeu a estagiária Lopes, também cochichando.

Jack fechou a garrafa térmica de café, deu alguns passos até à mesa de trabalho, onde também estava a estagiária Lopes, e depois sentou-se. Ela era uma espanhola muito bonita.

Na sala em que estavam, havia vários computadores em mesas separadas.

Mais ao fundo, era possível ver, numa sala reservada, o sifão do tempo.

— Por que estamos cochichando? — perguntou Lopes, ainda cochichando.

— Eu não sei. Acho que é porque isso aqui é uma base secreta — respondeu Jack, também cochichando. Lopes sorriu.

— Por que quase nunca cochichamos? — perguntou Jack, sorrindo.

— Porque não somos idiotas — respondeu Lopes, também sorrindo e também ainda cochichando.

— Agora você foi indelicada — disse Jack, descontraidamente, não mais cochichando.

Ele apoiou suas mãos na mesa e depois se aproximou da cadeira dela, achando muita graça daquela situação.

— Vamos mudar de assunto? — perguntou Lopes, reagindo da mesma forma que Jack.

Pela entrada da sala, entraram em sequência, o grisalho, o cientista paradigma, o “boca dura” e o estagiário determinado.

— Muito bem, lá vamos nós a mais uma rotina de trabalho aqui no sifão do tempo — disse Jack, com seriedade, a Lopes.

— Há sempre mais a saber! — disse Lopes.

Jack e Lopes seguiram juntos até à sala reservada do sifão do tempo, onde estavam os outros. Jack precisava dar início à sequência de testes, rumo à viagem no tempo.

Na sala bem iluminada havia poucos equipamentos e acessórios, mas tudo o que estava lá era de fundamental importância, para o bom funcionamento da máquina. No centro da sala estava o sifão. Cada um se acomodou em sua posição de trabalho.

— Estabilizador de tensão Bioenergética! — disse o grisalho.

Dois botões no estabilizador foram acionados pelo estagiário determinado.

— Linha de contato interior! — disse o grisalho.

O cientista paradigma acionou o botão de uma máquina que mais parecia ser o holograma de uma espécie de micro-ondas.

— Macro tela! — disse o grisalho.

E com um acionamento remoto o “boca dura” ligou a visualização de imagens que demonstrava todo o procedimento.

— Seletor de suspensão do tempo! — disse o grisalho, com um pouco de receio, olhando para Jack.

Jack, apreensivo, levou a mão esquerda à nuca.

Nos momentos tranquilos de nossa vida, em que se está fazendo as coisas mais simples numa rotina, como parar para ler um livro ou para comer, não se encontra muita dificuldade. Também não se busca nenhuma explicação para tudo nas coisas. Simplesmente as fazemos, e não nos preocupamos. Na maioria das vezes, somos sempre bem sucedidos e conseguimos descansar, relaxar e executar tarefas com sucesso, buscando ou não obter o melhor resultado. Por que, então, não conseguimos estar calmos para realizar as tarefa mais difíceis da mesma forma com que realizamos as fáceis? Isso poderia fazer com que as difíceis se tornassem fáceis ou que o resultado se tornasse o mesmo, contudo? — pensou Jack.

Com a mão direita Jack acionou o botão do seletor.

— Doutora Lopes, Jack está pronto? — perguntou o grisalho.

Lopes chegou segurando no ombro de Jack, que agora já vestia a roupa especial.

— Não gostei muito do modelo! — disse Jack, num tom de brincadeira — lá vem pedrada — concluiu em voz baixa.

— Esta é uma roupa à base de tecidos humanos não biodegradáveis. A máquina poderia não aceitar muito bem roupas normais — disse o grisalho — contudo, você pode ir sem ela, se quiser.

Jack levantou a sobrancelha, sem graça, e disse:

— Não, foi uma piada... eu gostei dela... é muito fresquinha!

O grisalho foi até à máquina e acionou um botão que abriu a entrada do compartimento central. Foi como se ela abrisse os seus olhos para eles. Eles ficaram maravilhados.

— Faça tudo como o combinado, ok?! — disse o grisalho ao Jack, que

concordou.

“Essa é só a nossa primeira tentativa. Não se preocupe se não der certo!”

“Você pode pular quando quiser!” — concluiu o grisalho.

O sifão era bem comprido e o seu diâmetro era suficiente para que o corpo de Jack passasse por ali sem problemas, no entanto, o salto dele deveria ser um “salto de ponta”, bem calculado; como aqueles que os nadadores dão em uma disputa olímpica, por exemplo.

Jack deu uns passos para trás, de onde estava, e se agachou, como um velocista dos cem metros sem barreira no ponto de largada. E lá foi ele. Correu com poucas pernadas em direção ao sifão, onde, em seguida, pulou de ponta.

— Isso! — disse o grisalho.

Porém Jack somente entrou no sifão. Ele continuava ali dentro.

— Droga! Parece que não foi da primeira vez, mas eu não vou desistir! — disse Jack.

Jack voltou ao ponto de partida e depois de fazerem novamente todos os procedimentos, ele saltou.

— Mas que droga! — disse Jack, que mais uma vez continuava ali.

Ele tentou mais uma vez e depois mais outra.

Ao voltar ao ponto de partida novamente, ele já estava um pouco decepcionado.

— Mas o que é que eu não estou fazendo? Eu criei uma empatia, já abri a minha mente, deixei que essa bendita máquina acessasse o meu cérebro e mesmo assim não está dando certo — disse Jack, inconformado.

Depois de mais algumas tentativas, no momento em que Jack se preparava para mais um salto, o doutor Albert se aproximou dele e disse:

— Jack, deixe-me perguntar uma coisa a você: eu não faço ideia do porquê estou te perguntando isso, mas se você fosse a máquina e você não conhecesse o Jack, qual a primeira coisa que você gostaria que o Jack te dissesse?

Depois de levantar a cabeça, Jack pareceu ter visto uma luz naquela escuridão. Depois disso, inexplicavelmente, ele parecia saber exatamente o que

fazer.

— Agora acho que eu sei — disse Jack, muito confiante.

— Sabe o que, Jack? — perguntou o doutor Albert, muito curioso.

Jack sorriu para ele e se posicionou para o salto.

— Você não vai me dizer, Jack? — perguntou o doutor Albert, enquanto

Jack já se preparava para aquele salto.

— Você não faz ideia mesmo, não é? — perguntou Jack.

“Eu ainda não sei se vai funcionar!”

“Vou dizer no momento certo!” — gritou Jack, em meio à corrida em direção ao sifão.

— Mas o que é que você vai dizer? — perguntou o doutor Albert.

Então, ele saltou. Foi um pulo consciente, seguindo todas as instruções, em que ele deveria imaginar estar pulando em uma piscina. Ele saltou de cabeça, com os braços para frente, em movimento parafuso.

A luz azul dentro do sifão impedia um pouco a visão, mas ainda era possível ver tudo. Assim que o corpo dele entrou na máquina, foi possível presenciar algo inimaginável: simplesmente, o corpo dele estava sendo totalmente fragmentando. Aquilo era como se eles estivessem olhando para os pontos de definição de uma imagem, por exemplo, que preservasse o contorno tridimensional de um objeto. Era a divisão do corpo de Jack em milhões de pedaços, que por sua vez foram tragados por milhões de minúsculas máquinas do tempo. Já na parte final do sifão, o contorno do corpo dele acabou se desfazendo por completo. Tudo isso aconteceu em segundos.

CAPÍTULO 21

Acho que conheço você!

O setor de internamento onde Jack permanecia em coma era amplo e contava com salas confortáveis, capazes de acomodar e tratar pacientes dos mais diversos casos.

Kim entrou na sala sem ao menos suspeitar do que estaria por vir. E então quando ela olhou para Jack se surpreendeu com o que parecia ser a manifestação

de seu imaginário; uma alucinação ou o resultado da soma de toda uma rotina de noites mal dormidas.

Sem qualquer possibilidade de equívoco, o antebraço esquerdo dele desapareceu, voltou a aparecer e oscilou algumas vezes até que veio a sumir.

Kim não acreditou no que viu. Numa ação descontrolada, diante de um acontecimento mais do que inusitado, ela saiu da sala e entrou novamente, na esperança de que a luz dos acontecimentos fosse a escuridão do não acontecido.

Essa não!

Ela se aproximou de Jack e o antebraço dele reapareceu, porém ela ainda estava longe de obter uma cômoda ou razoável explicação para aquela situação. Como se não bastasse tamanha aberração, que colocava os valores paradigmáticos do conceito de concreto em completa sucumbência, o copo de água vazio, que estava do lado da cama de Jack, em cima do criado, se moveu de um canto para outro.

Kim acompanhou àquilo tudo atônita, sem qualquer economia de reações.

Aquele acontecimento era, sem dúvida nenhuma, o grande ultraje à estabilidade da realidade. Aquilo era o pontapé final na realização do inimaginável.

Seu coração disparava à medida que ela tentava entender o porquê dela estar se afastando de Jack naquele momento, ou melhor, o porquê dela ter presenciado tamanha atrocidade, tida agora como uma espécie de fuga de tudo o que já fora real ou verdadeiro para ela.

Aquilo era um palco de um grande mágico, que tinha a atenção lúdica de um exigente público. Isso tudo porque esperamos que os braços sejam somente braços. Da mesma forma que também esperamos que não exista qualquer fator surpresa, que nos surpreenda com uma física confusa ou uma gravidade, que por sua vez venha a atuar na horizontal, em relação à terra, puxando copos para onde bem quiser.

Santo Deus!

— Olá! — disse Kim a Jack, sem imaginar que ele acordaria do coma.

Jack abriu os olhos, subitamente, provocando mais um novo espanto em

Kim.

Olá, você sempre move copos antes de acordar e escovar os dentes? Adorei o que você fez com o braço! Repete, por favor?! — diria Kim: bateria até palmas ao pedir bis.

— Onde eu estou? — perguntou Jack, com pouca articulação. Seus músculos faciais aparentemente pareciam ter se atrofiado muito.

— Você estava em coma há mais de um ano — disse Kim — e eu só o conheci agora, mas já estava curiosa para falar com você.

— Como eu vim parar aqui? — perguntou Jack, ainda com pouca articulação.

— Você não se lembra? — perguntou Kim, enquanto Jack forçava a memória.

— Qual é o seu nome? — perguntou Kim.

— Eu não sei — disse Jack, agora já mais bem articulado.

Jack sentia, por algum motivo, que a conhecia.

— Eu não a conheço?

— Por que você acha que me conhece?

— Eu não sei — disse Jack.

— Engraçado, estou tendo a mesma impressão de você agora que você está falando. Eu sou a doutora Kim e estou cuidando do seu caso.

Independentemente do susto e do estado clínico de Jack, parecia estar acontecendo ali algo mais do que um simples relacionamento entre paciente e médica.

A forma como eles acabaram se olhando poderia ser descrita apenas em comparações desconexas, em outras palavras, de uma maneira que não permitiria que tal descrição pudesse passar perto de realmente ser descrita. Com sorte, alguém poderia reunir esforços para se chegar a uma ideia que concederia meios para se imaginar algo. O brilho de seus olhos e a falta de ação de não saber o que fazer ou para onde olhar ou o que dizer; levavam a uma sequência de outras reações como: o que devo usar, como seria se eu..., será que ela..., será que ele...

Então em outro momento:

Quando a gente disser, se a gente for, a gente tem, a gente precisa, a gente é, a gente será, a gente vai fazer, ganhar, perder, evoluir, conseguir — eles diriam.

Aí por fim:

Na saúde e na doença, amando-te e respeitando-te... — eles diriam, não necessariamente nessa ordem.

Isso tudo numa fração de segundos; uma mistura de intenções de acreditar que..., de saber que... e de precisar que..., longe de ser somente um instinto, mas a manifestação do bom e velho amor.

— O que eu tenho? — perguntou, tentando disfarçar a timidez temporária.

— Você entrou em coma depois de um trauma na parte superior de seu crânio — respondeu também, tentando disfarçar a timidez temporária.

— Mas agora eu estou bem?

— Você sempre esteve. Só faltava acordar e levantar.

— Então eu posso? — perguntou Jack, se levantando, mas sentiu dores e teve de encostar-se à cama de novo. Kim havia levantado o encosto da cama para que eles pudessem conversar.

— Calma! Você está aí há um bom tempo. Você não pode levantar assim.

— Mas diga-me: como foi acordar, para você? — perguntou Kim.

— Não sei... eu não me lembro de ter acordado outras vezes.

Kim sorriu, encantada, por um paciente que respirava, há mais de um ano, o sedentário silêncio da comunicação e que nem mesmo sabia se já havia acordado antes.

— Eu estou perdido aqui. Não consigo me lembrar — disse Jack, com os olhos de quem realmente parecia perdido.

— Fique tranquilo — ela respondeu, com dileção.

Jack segurou a mão dela; o que até acabou contribuindo para que eles se aproximassem.

— Vou para casa descansar. Tive um dia cheio — disse Kim, que agora começava a demonstrar algum cansaço.

CAPÍTULO 22

O que é você? Um físico mágico?

Numa visão perfeitamente nítida, via-se uma bactéria interagindo com outra, ao lado de um fio de poeira. Elas ficavam pequenas quando se descobria que por cima delas passeava também por ali outro organismo bem maior. Por conseguinte, muito, mas muito maior era a formiga, que lentamente vagava por ali. Contudo, ela acabava ficando pequena perto da calçada e da rua; situadas sob o altíssimo prédio que, do alto, poderia “ver” as pessoas e os carros bem pequenos.

— Bom dia! — disse Kim, enquanto Jack abria os olhos.

Jack sorriu como se a conhecesse; como se soubesse o que ela iria comer no café da manhã.

— Como você está? — perguntou Kim.

— Bem — respondeu Jack, sorrindo.

— Jack, eu tenho algumas perguntas aqui para você — disse Kim, com o seu celular nas mãos.

— Estou à disposição — disse Jack, calmamente, ainda sorrindo.

Enquanto Kim arrumava o encosto de Jack, uma senhora de uns noventa anos parou próximo à porta da sala numa cadeira de rodas.

O condutor da cadeira deixara cair um papel no chão. Nesse pequeno espaço de tempo a senhora trocou um sorriso com Jack, onde ela parecia dizer: agora você sabe, meu amigo! Kim, que os pegou sorrindo, sustentou mais um momento de estranheza.

— E então, lembrou-se de alguma coisa? — perguntou Kim.

Jack disse que sim.

— Que ótimo! — disse Kim, sorrindo.

— Eu tenho aqui comigo — puxou um envelope — o seu raio-x; está tudo bem, mas você tem um grande espaço na região do trauma que comporta uma alternância irregular de oxigênio. Isso não é muito ruim e não deverá lhe acarretar problema algum.

— Eu sei, tem o tamanho de uma bola de pingue-pongue, não é?

— Como você sabe?

— Ela se formou durante a viagem — respondeu Jack.

— O que?

— Você acredita que se possa estar em vários lugares ao mesmo tempo? — perguntou Jack.

— Essa é uma pergunta abstrata?

Jack respondeu que não, balançando a cabeça.

— Certamente que não — disse Kim.

— As pessoas não conseguiriam ir para o Japão — disse Jack, pausadamente — estando nos EUA, somente pensando no Japão, porque elas não estariam passando pelo estágio intermediário; a visão óptica, que é a fenda dimensional de distância.

— Você fala da velocidade do pensamento?

— Não, a velocidade óptica é aquela que a transportaria por essa fenda, que é uma fenda no tempo — disse Jack.

Maria, que recolhia umas fichas por ali, naquele momento, achou estranho até o sorriso de Jack e não pensou muito para sair logo da sala.

— Lá vem pedrada — disse Maria, em voz baixa.

Deixa eu “caçar” alguma coisa para fazer! Eu tenho muito medo de assombração!

♪♪ Lá, lá, lá! — diria Maria, tremendo de medo.

Kim ia dizer uma coisa quando Jack estendeu a mão para alcançar o copo de água vazio. Ele não o alcançou, mas de alguma forma fez com que ele escorregasse pelo criado até a sua mão.

Kim se afastou um pouco e perguntou algo a ele, como se perguntasse alguma coisa, com um sorriso amarelo, a uma criança pequena:

— Como é que você fez isso? Eu já ouvi falar em telecinese... mas isso não existe.

— Observe — disse Jack, segurando o copo no alto.

Jack colocou sua outra mão a cinco centímetros da base do copo e quando o soltou ele não saiu do lugar. Aquilo ficou estático por sobre a mão dele. Colocando

a outra mão em cima, simulou estar tocando uma sanfona com a merda do copo, o esticando como uma.

Kim nunca se vira impressionada daquela forma. Quando, de repente, no tempo de um flato consumado, como teria dito o Michael, de um estalar de dedos ou de um piscar de olhos, o detentor daquela merda toda, da qual não se poderia dizer se da sanfona ou da própria merda em si, arremessou o famigerado direto para a parede.

Naturalmente, Kim já “entrefechava” os seus olhos, esperando um grande estrago. No entanto, o que acabou acontecendo foi que o copo simplesmente penetrou pela parede, como se nada no mundo fosse sólido ou como se tudo fosse fisicamente permitido.

Kim já acompanhava tudo sem se manifestar. Jack estendeu a mão em direção ao copo, que desdenhosamente saiu da parede da mesma forma com que entrara lá, peregrinando direto para a sua mão. Kim, que não estava mais acreditando nem um pouco em nada, foi como louca tocar o copo e não se surpreendeu quando sua mão, pegante, penetrou naquela promessa.

— Ah, descobri o seu truque! Como é que eu fiz isso com as minhas mãos?

— Kim já não falava coisa com coisa.

— Você não fez isso com as suas mãos, Kim — disse Jack — toque novamente!

E lá foi ela mais uma vez tocar o copo, certa de que sua mão penetraria naquela bisnaga novamente. Para sua surpresa, dessa vez sua mão não passou pelo copo, o que ironicamente a deixou surpresa; tanto que o arrancou da mão dele, bruscamente.

— Me dá isso aqui! — ela o colocou no criado.

Petrificada, começou a cantarolar uma música qualquer, baixinho, enquanto fazia algumas anotações; ignorando Jack e aquilo tudo, exceto por uma olhada e outra para ele, entre um rabisco e outro.

— Assustada? Por que você não acredita? Você está vendo e sentindo tudo!

É tão difícil assim aceitar a ideia? Posso fazer de novo se quiser. Você pode

também voltar a fechar os seus olhos se preferir. Você tem o livre arbítrio — disse Jack, pausadamente.

— O que é você, um físico mágico? — perguntou Kim. Jack se limitava a sorrir.

— Há sempre mais a saber! — disse Jack.

— Tá bom, continue — disse Kim, apostando no impossível.

Mais uma vez, o sorriso tranquilo de Jack a deixava menos estarecida.

— O que você diria se soubesse que existe outra dimensão, outro universo?

— E ele existe? — perguntou Kim, curiosa.

— Sim. Contudo, eu não falo de um universo a mais no “uniuniverso”, mas sim de outro ponto na dimensão do pós-cosmos. Um que jamais foi cogitado.

Aquele que está, mais precisamente detectado, no pseudo ambiente externo, no vácuo do vazio irrestrito.

— E como você sabe?

— Eu estive lá ainda há pouco. Você estava aqui e nem se deu conta.

Sim... então foi de lá que você trouxe o copo mágico, a parede mágica e... — pensou Kim.

Não, Kim! É um copo de vidro, aqui do hospital mesmo! — respondeu Jack, por pensamento à Kim.

O que? Não, isso não tá acontecendo! — pensou Kim.

— Calma — disse Jack, tranquilamente.

— Eu não acredito — disse Kim, boquiaberta e respirando como se estivesse corrido umas cinco quadras.

— Você conhece o Hubble? — perguntou Jack, segurando a mão dela.

“Você acredita mesmo que ele visualizou a última estrela? E se eu te dissesse que isso não aconteceu e que o universo tem um fim aparente, assim como a Terra?!”

“Você acha que os cientistas acreditariam se lhes dissessem que o final do universo não está em dezesseis bilhões de anos luz? Que no final dele há uma parede mágica que leva a uma interface, que exclui e projeta novos cosmos,

harmoniosamente? Um universo “interacrônimo”, onde vários mundos coexistem entre si, num diálogo entre os múltiplos planos dessa existência cadenciada?”

“O universo não é só do tamanho que se pensa, e o seu final aqui não é muito bem compreendido. O ser humano só conhece dois conceitos: finito e infinito. Existe um terceiro.”

Kim levantou a cabeça, como quem pedia uma resposta.

— Não seria sensato se eu te dissesse. De louco aqui já basta eu. Em todo caso, se eu chegasse a dizer, acho que os seus olhos seriam sugados pelo seu cérebro de tal maneira que seriam abertos dois buracos na parte de trás do seu crânio.

Aquela expressão tranquila de Jack fora substituída por outra reservada apenas àqueles momentos em que estamos pouco à vontade.

— Não sei o que estou me tornando. Me sinto bem estranho, agora — disse Jack.

— Se tornando? Eu estou muito assustada — disse Kim, apertando a mão de Jack.

— Uma vez se construiu uma máquina do tempo quase humana — disse Jack, com aquele sorriso tranquilo.

“Aposto que até a própria máquina, de alguma forma, acabou entendendo que a sua existência era totalmente dispensável.”

— Um teletransporte — disse Kim, que agora, mais tranquila, sorria para ele encantada.

— Nossa mente tem a mesma química usada na construção dessa máquina do tempo.

— Que máquina é essa? Onde ela está? — perguntou Kim, já sem muito duvidar da grande dúvida.

— Eu me concentro e posso estar em vários lugares ao mesmo tempo e em tempos diferentes também — disse Jack.

“Dê uma olhada ali atrás daquela cômoda.”

Era uma cômoda pequena no mesmo material da cama e do criado. De onde

ela estava ainda não era possível notar, mas ao se aproximar...

Uma bela porcaria!

Um cinzeiro, uma xícara, um sabonete e um papel higiênico; todos flutuando, numa distância de uns quinze centímetros um do outro, e também a essa mesma distância do chão.

Kim já nem se impressionava tanto com o que ela, há poucos minutos, acreditava ser um belo show de ilusionismo.

— Ah... meu Deus! — Kim disse isso pouco antes de se curvar para apanhar o papel higiênico flutuante.

Subitamente, Jack estendeu sua mão em direção ao papel higiênico, que já estava com ela, mas antes mesmo que ela se levantasse por completo, de alguma maneira, Jack fez com que o copo e o papel fossem atraídos para a sua mão. Assim que os pegou, ele disse:

“As pessoas não sabem, mas no milionésimo exato do uso do estresse, criado pelo lado direito do cérebro, as pessoas conseguiriam, inexplicavelmente, mover coisas. Nem muito, nem pouco. O equilíbrio cadenciado do uso do estresse poderia despertar, em um exato momento, habilidades sensoriais jamais utilizadas.”

Assim que Jack terminou de dizer, ela novamente se surpreendeu.

Jack desapareceu e reapareceu por duas vezes, como um vagalume no ermo de uma noite soturna. O papel higiênico, no entanto, permanecia visivelmente estático e à “deriva” de reações iminentes por parte do cinzeiro, da xícara, da Kim e do sabonete, que se encontravam num mesmo prognóstico psicológico.

Quando Jack reapareceu e se restabeleceu por definitivo ela já tinha a pergunta na ponta da língua:

Uma ova!

— O que é que está acontecendo aqui? — perguntou Kim.

— Sabe esse espaço vazio que eu tenho agora no lugar do meu trauma?

— Sei...

— Surgiu depois que eu passei pelo sifão e viajei no tempo.

— Sim, então isso explica suas habilidades sobre-humanas?

— Agora eu devo estar usando quase cem por cento do meu cérebro — disse Jack, tranquilamente.

— Mas o que é que você está dizendo, máquina do tempo? Ou melhor, o que eu estou dizendo?! Há alguns minutos eu estava tomando meu leite com café e comendo minhas rosquinhas no café da esquina. Agora não posso...

Eu só devo estar maluca — pensou Kim.

Jack tentava acalmá-la com uma expressão tranquila.

— Você é um E.T.? — perguntou Kim.

— Você acha que eles existem? — perguntou Jack.

— Há sempre mais a saber! — disse Kim.

— Agora acredito em qualquer coisa. A propósito, preciso me lembrar de dar a minha entrada ali no setor de insanidade crônica — disse, fixando o olhar em um ponto qualquer.

Jack novamente segurou a mão dela.

— Se existissem, eles não fariam nenhuma exposição ou se mostrariam da forma como tudo é abordado ou especulado por todos. Se quisessem nos observar, eles fariam isso de outra forma. E para nos capturar, existiriam formas não expositivas.

“Posso dizer que existe alguma coisa, porém eles não são tão inteligentes quanto nós. Por falar nisso, agora não consigo entender o porquê de se frequentar a escola.”

Kim virou-se de lado, de onde estava sentada, para conferir o show de ilusionismo que ainda acontecia ao lado da cômoda. Ela fez questão de se expressar novamente, mas dessa vez com um sarcástico sorriso. Contudo, antes que se virasse, Jack teve uma espécie de espasmo.

O espasmo, contudo, foi muito rápido. Kim apertou o botão da emergência e em poucos segundos Maria já estava lá. Juntas elas constataram que Jack acabara de voltar a ficar em coma.

— Está inconsciente! — disse Maria — estaca zero, doutora.

Kim olhou para Maria, decepcionada, e disse:

“Eu não posso acreditar!”

CAPÍTULO 23

Aquilo foi estranho.

Alguns anos depois o destemido e inexperiente, que outrora ostentara um inestimável brilho nos olhos, já usava os seus cabelos bem cortados e invertera o seu papel para o de um tarimbado cientista.

O traquejado era a segurança disposta e bem informada somada a uma experiência renomada na arte da ciência da física. Ele havia recebido vários diplomas titulares de várias instituições de renome; um reconhecimento por suas invenções e descobertas no campo da física nuclear. Isso começou quando ele ainda estagiava.

No banco de trás do carro seu olhar era reflexivo, chegando a estar a serviço do inexpressivo horizonte. Como se buscasse a replicação perfeita; como se tentasse encontrar a resposta para a única pergunta ainda não feita ou simplesmente para a recíproca notória e imutável disso, em sua mais ampla divergência.

Em outras palavras, ele tentava encontrar, na paz aparente e material do horizonte, o desencontro de paradigmas que ali se estabelecera para todo o sempre nas corridas de bandeira um.

E lá estava o Bill no volante do seu táxi. Nesse momento, ele já dava à sua indignação lugar a uma sensação de “eu o conheço?” Bill olhava para Jack, pelo retrovisor interno do táxi, em regulares conferidas, quando:

— O senhor é daqui? Desculpe perguntar!

Bill surpreendera Jack com uma pergunta que vinha de encontro à sua conduta enquanto taxista, como ele mesmo gostava de deixar bem claro. Era muita curiosidade; ele sabia que conhecia aquela figura de algum lugar.

Mas de onde, Constantinopla?

Se tu tens, nesta tua alcateia, uma pista que leve ao lugar onde eu tenha travado conhecimento com esta raposa latente que aqui está, manifesta-te por qualquer vibração, emitindo a esta minha falha memória ao menos uma vaga lembrança tua!

— Sim — disse Jack.

— Sim? — perguntou Bill — Mas só isso?

Bill achou falta de alguma resposta que fizesse parte, pelo menos, do início de uma tentativa de diálogo com ele.

Bill nascera em condições sociais financeiras desfavoráveis. Ele sempre sonhou em ter posses e viver da renda da produção de uma fazenda ou ainda de uma investida bem sucedida no mercado de imóveis. Mas até o presente momento ele ainda não havia conseguido sequer ir à universidade, o que seria a primeira etapa dessa investida, na consecução de seus sonhos.

Se não consigo passar nem mesmo da primeira etapa desse devaneio, o que me resta, então? Entortar-me aqui em meu canto filosófico, para que então eu possa indagar à minha vã sabedoria um último sopro, mesmo que sucinto, de solução? O que estaria me faltando? Nada. Já tenho o meu crucifixo pendurado no retrovisor interno do táxi, é só uma questão de tempo! Tempo! Tempo!

— Perdoe-me, eu sou daqui, sim. Mas por que o senhor está me perguntando? O senhor me conhece de algum lugar? — perguntou Jack, calmamente.

— Tenho a impressão de que sim, mas o senhor tem algum problema com...?

— O que? — perguntou Jack — você está falando do que?

— O senhor é um Eremita? — perguntou Bill.

— Por que você acha que sou um Eremita?

— É que minha memória deve estar me pregando alguma peça. Eu sinto que estou tendo um Déjà Vu.

Bill deu mais algumas conferidas em Jack pelo retrovisor interno do carro, num revezamento com as olhadas para o trânsito.

— O senhor trabalha para o Papa? — perguntou Bill.

— Não — disse Jack, achando graça — eu sou um cientista. Por que é que você está me perguntando isso?

Bill novamente conferiu a fisionomia de Jack pelo retrovisor do carro.

— Estudou na universidade?

— Sim — disse Jack, curioso.

— Ah! — disse Bill.

— O senhor também fez a universidade? — perguntou Jack, ainda curioso.

— Não — disse Bill, rápido e seco.

— Eu não entendi — disse Jack.

— Eu também não — disse Bill — O importante agora é me lembrar. O resto não importa.

— Tenho certeza de que você vai se lembrar do que quer que seja — disse Jack, sorrindo.

Nesse momento, Bill dividia sua atenção com duas preocupações. A primeira era a de não sair com o carro para fora do alinhamento da pista da grande ponte. E a segunda, é claro, era a de se lembrar da figura de Jack.

— Eu só preciso segurar a direção e olhar de vez em quando para frente, assim conseguirei me concentrar um pouco nas paradas e, com sorte, daqui a pouco me lembrarei. Essa beleza aqui está com a direção hidráulica muito bem regulada. Além do mais esse carro tem freios ABS force e Air Bag, para o caso de ocorrer uma colisão — disse Bill, seriamente.

Jack, que se distraía vendo a paisagem, olhou para Bill com os olhos arregalados. Em seguida, sorrindo, ele disse:

— Isso não foi engraçado.

Mas Bill não sorriu. Ele continuou olhando para Jack pelo retrovisor interno do táxi, como um meio de ajudá-lo a se lembrar.

Contudo, estava claro para ele naquele momento que a providência mais importante a ser tomada naquele táxi era, sem dúvida, a de se lembrar.

Não era, por exemplo, como tentar se lembrar do que se estuda para uma prova no momento da prova. O nível de tensão é outro, apesar de não se esperar dela nenhuma grande surpresa, se não a de que ela seja somente o caminho para alguma outra próxima etapa.

O desconhecido aqui era a prevalência intrigante e descomprometida de uma ausência esquecida.

Um ultraje a quem sempre teve acesso a todas as respostas.

Se ele tinha dúvidas sobre alguma parte da história ele recorria aos livros e logo esclarecia tudo. O mesmo acontecia com a geografia ou com a astronáutica, sua matéria preferida.

Bill era um estudioso inveterado e autodidata; por essa razão, tudo o intrigava ou, em muitas vezes, o atormentava.

CAPÍTULO 24

Você se lembra daquele dia?

Só se podiam ver trevas! E isso era assustador, mas pouco depois se pode ver uma primeira estrela, que praticamente sumiu depois que se pode ver uma segunda. Daí por diante, pode ser vista uma sequência de estrelas, manchas, raios cósmicos e, no final, uma galáxia.

Depois dessa galáxia e de várias outras, viu-se também outra sequência de estrelas, que terminavam num aglomerado de nuvens noctilucetas. Então, do chão, era possível ver um céu de nuvens finas que se misturavam com o balançar dos galhos mais bem brotados de toda uma paisagem. Eram os galhos de um ipê. No quarto do hospital, Jack ainda permanecia em coma, agora cercado por máquinas cada vez mais avançadas, que o auxiliavam no tratamento e no monitoramento de todos os pacientes do hospital.

O quadro na parede da sala da doutora Kim somente fazia fundo à verdadeira imagem da dedicação, aparente em suas atitudes. Ela preenchia alguns relatórios de aula em sua mesa, precedendo alguns acompanhamentos a pacientes internos. Assim que ela terminou com as anotações, juntou todos os relatórios e os colocou de lado. Em seguida, pegou os acompanhamentos dos internos e os colocou na prancheta, onde os revisou, um a um. Isso seria, a princípio, o prenúncio de que ela iria dar início à sua rotina de acompanhamento, como vinha fazendo há alguns anos nesta mesma função?

Sua vida jubilava, na verdade, no que se referia a uma rotina certa. No começo, ela ia de casa para a faculdade, de lá para o estágio e de lá para casa. A não ser nos finais de semana, quando ela emendava direto para o *point* da noite à

procura do namorado ideal.

Kim sempre foi um tanto quanto conservadora. Para ela, o início de um relacionamento de namoro só aconteceria depois de uma rotina de convivência que viesse trazer aos dois uma grande comunicação, uma troca de experiências e, sem dúvida, um conhecimento mútuo.

Dessa forma ela acreditava estar à vontade para efetivar alguma coisa que fosse maior do que a amizade.

Nada de ficar. Fiz isso na adolescência, mas é imaturo. A propósito, será que eu procurei no lugar certo?

Ainda bem que agora a minha rotina é outra, tudo melhorou! Faz de conta! — ela diria, em tom de sarcasmo.

Já formada e empregada no hospital da universidade, teve em sua rotina uma “grande mudança”:

Agora, era só de casa para o trabalho e do trabalho para casa — lamentaria.

Depois de sair de sua mesa, saiu também da sala. Pelo corredor, cumprimentou dois doutores que passavam, a chefe da enfermagem, que usava um uniforme azul, uma anestesista e um radiologista.

A anestesista segurava uma bandeja com vários frascos fechados, duas seringas e algumas agulhas, e o radiologista tinha nas mãos duas chapas de raio-x, tiradas do pulmão de algum paciente. Ela passou por algumas salas olhando atentamente até chegar ao seu destino, que era o primeiro paciente interno do dia a ser acompanhado. Nestas salas, os pacientes se recuperavam das mais diversas patologias. Contudo, uma coisa todos eles pareciam ter em comum: não viam a hora de dar o fora daquele lugar.

“E quando eu cheguei ao meu destino, à penúltima sala do corredor, lá estava o Jack, em coma” — disse Kim, quase sussurrando, enquanto chegava à sala de Jack, antes de parar na porta de entrada.

Do lado de Jack, a enfermeira Maria fazia o seu trabalho.

— Olá amiga, vai me contar o segredo para ter essa pele de adolescente? — perguntou Kim.

— Não revelo segredos a menores de dezesseis anos — respondeu Maria, sorridente.

— Como está o nosso amigo, aqui? — perguntou Kim a Jack, numa forma de descontração com Maria e com o outro paciente da sala que tentava dormir. O elemento, indiscretamente, ajeitava o seu travesseiro macio, provavelmente para que pudesse ser notado. Ele tinha poucos dentes e o seu cabelo era encaracolado.

— Porque estou doente, nunca tenho razão! Ou seria o caso de não ter razão por que estou doente? Eu nunca sei! Acho que o fato de estar doente, aqui, me deixa com o status de um sem razão. Se quero ficar acordado, me mandam dormir! Se quero dormir, me mandam ficar acordado para pigarrear a garganta e evitar um resfriado! — disse o encaracolado, resmungando.

— Viu isso? — perguntou Kim.

Jack havia mexido os olhos.

— Viu o que? — perguntou Maria.

— Ele mexeu os olhos!

E quando elas olharam para Jack, na esperança de que ele mexesse os olhos novamente, ele os abriu, tranquilamente, para surpresa delas.

Jack foi logo fixando o olhar na bela Kim.

— Jack, e aí... tudo bem? — perguntou Kim, sorrindo, surpresa e feliz.

— Eu... — disse Jack, que tentava levantar a cabeça mesmo sentindo dores.

Em seguida, deu um sorriso ainda não muito expressivo.

— Cuidado! Não se mexa! Você se lembra de mim? — perguntou Kim.

— Claro, você me mostrou o meu raio-x outro dia.

— Que bom que acordou. Aconteceu uma coisa: depois daquele dia do raio-x, você voltou a ficar em coma.

— Sei — disse Jack, curioso.

— E você ficou em coma por alguns anos.

— O que? — disse Jack, com pouca articulação — eu fiquei anos deitado aqui?

Kim balançou a cabeça para Jack, dizendo que sim.

— Mas você é a mesma, fala sério?! — disse, com mais articulação.

— Obrigada pelo elogio, mas nós temos nove anos a mais do que naquele dia.

Tanto Jack quanto Kim, praticamente, não haviam mudado muito.

— Eu?

Kim pegou o espelho que estava no criado-mudo ao lado. Jack viu-se no espelho e disse:

— Não é possível. Mas a propósito, quem sou eu? — Kim sorriu, quando ele disse isso, e achou que estivesse brincando.

— Você se lembra de quem você é?

— Não! — disse Jack, incisivamente.

— Não se lembra daquele dia? As coisas voando, você sumindo... tudo o que você disse... o copo, você... não se lembra?

— Não, eu só me lembro de você me mostrando o raio-x e também me lembro do seu sorriso.

Kim sorriu para Jack. Quando se virou, viu a expressão de descontentamento de Maria, que acompanhava tudo ali do lado.

— Ele vai se lembrar — disse Maria, batendo a mão no ombro de Kim e saindo da sala. — Vou dar a boa notícia para as outras assistentes. Você tem muitas fãs por aqui, Jack!

Maria já havia presenciado um caso parecido, em que uma senhora ficou por seis anos em coma. Quando acordou, não se lembrava de nada, mas depois de alguns dias ela foi recobrando gradativamente a memória até se lembrar de tudo.

Maria começou ali no hospital praticamente na mesma época que Kim. Ela fazia um turno experimental de trabalho de doze por trinta e seis horas, ou seja, ela trabalhava doze horas e descansava trinta e seis. Naquela época, o hospital ainda estava começando com o atendimento vinte e quatro horas e Maria havia pegado o pior turno, o da noite. Começava às vinte horas de um dia e terminava às oito horas do outro. Inicialmente, ela até gostou por que ganhava dobrado, recebendo alguns bônus como: adicional noturno, periculosidade, insalubridade e horas extras

dobradas. Quando ela trabalhava aos sábados ou aos domingos, suas horas extras eram ainda maiores depois das vinte e duas horas.

Vou juntar um dinheirinho por um tempo, depois abrir um negócio e um dia eu viro patroa!

Isso até teria acontecido se ela realmente tivesse administrado melhor o seu dinheiro. Maria sempre foi consumista. Depois do primeiro ano de trabalho veio o esgotamento, o cansaço e a estafa. Ela teve de requisitar a troca de turno para o da manhã, o que aconteceu depois de três meses com a saída de um funcionário. No turno da manhã ela passou a ganhar menos, mas para ela, depois da experiência ruim, sua saúde agora era o que mais importava.

Kim sorriu para Jack, sobre o comentário que Maria acabara de fazer sobre as fãs.

— Quer dizer então que você não se lembra? — perguntou Kim.

— Não me lembro do que? — perguntou Jack, intrigado.

— Ah, nada demais; um homem vagalume, um copo voador e uma parede líquida.

— Você está falando do que?

— Sabia que era para eu ter gastado um bom dinheiro com analistas, se não tivesse tido o apoio de um amigo meu dessa área? Ah, outra coisa: você me deve um favor pelo tratamento especial que eu te arrumei por aqui, na esperança de que você acordasse logo.

— Obrigado! — disse Jack, segurando a mão dela — Olha, eu me lembro de ter segurado a sua mão — Jack sorriu para Kim e isso acabou virando um momento recíproco.

A cidade apresentava um trânsito relativamente tranquilo, mas com uma quantidade maior de pessoas circulando na região central.

No horizonte, o sol nascia e ganhava uma boa reflexão no grande lago.

Da recepção, dava para ver a TV da sala de espera. Kim, que anotava e carimbava alguns receituários, dali mesmo, viu uma reportagem que despertou sua atenção. A reportagem mostrava um cientista apresentando uma invenção:

“A partir desse dispositivo pode-se fazer a conexão exata com os sons dispersos que já foram emitidos por alguém ou alguma coisa. Esses sons podem estar também, por exemplo, em qualquer canto do universo!” — disse Tales, que apresentava a máquina dos sons em um programa de TV.

“Buscamos encontrar sons específicos, contudo, um som em particular é o nosso foco. E esse som é aquele que os cientistas de todo o mundo, há séculos, vêm tentando encontrar sem nenhum resultado.”

— Puxa! — disse Kim, que observava tudo atentamente.

— Estou vendo que o governo está achando um novo tipo de escuta telefônica; e alguma coisa me diz que eles vão levar vantagem nisso! — disse a recepcionista de óculos pequenos, que tinha a língua um pouco presa.

Assim que Kim saiu dali, a recepcionista se distraiu mexendo em sua gaveta. Nesse momento, outra reportagem do mesmo jornal, que mostrava algo que seria familiar à Kim, começou:

“Posso deixar aqui, se quiserem!” — disse Félix a algumas pessoas, na reportagem da TV.

Ele fez com que um taco de golfe ficasse suspenso no ar.

“Como é que eu fiz isso?” — perguntou isso e em seguida ele pegou uma espécie de dispositivo eletrônico, parecido com aquela pistola usada em pintura. Com essa pistola, ele disparou um laser em uma caneta que estava no bolso da camisa de um homem. Depois disso, ele pegou a caneta e a fez também ficar suspensa no ar.

Félix sorriu satisfeito e orgulhoso, para o público que lá estava.

Em um momento seguinte, Kim chegou ao quarto onde Jack estava acordado mexendo em seu cobertor.

— Olá Jack, tudo bem? Como está indo a sua memória, lembrou-se de alguma coisa? — perguntou Kim, agradavelmente.

— Infelizmente, não. Acho que preciso sair ou ir para casa. Eu sei que não sou casado por que não estou usando aliança. Ainda assim, por que será que até agora não chegou ninguém da minha família aqui para me ver, se eu já estou desde

ontem acordado? Eu não vi mais aquela assistente que disse que estava indo dar as boas novas a alguém. Ela avisou minha família? — perguntou Jack.

— Quando você chegou aqui não tinha nenhum documento e ninguém te procurou. Acreditávamos que você fosse de outro estado, mas pelo sotaque agora sabemos que não.

— Quer dizer que eu não tenho para onde ir?

— Hum... acho que isso pode não estar inteiramente certo — disse Kim.

— Você acha que poderia cuidar do gado do meu tio-avô na fazenda dele?

Quer dizer, você não parece ser alguém que já fez isso antes, mas como ele está precisando... o que você acha? Você poderia ir para lá hoje mesmo. Na semana que vem eu pego férias e vou para lá por alguns dias, como sempre faço.

Se você for legal, eu deixo você me levar à praia. Não é muito longe de lá. A água é tão cristalina que dá até para ver os peixes. O mergulho é maravilhoso e o hotel é o melhor que você já viu. Você vai ver, é a praia paradisíaca mais linda que existe! — disse Kim, já se animando toda.

— Eu aceito — disse Jack.

— Que ótimo! Você vai precisar de roupas novas — Kim parecia estar com tudo na ponta da língua.

CAPÍTULO 25

Lá vem pedrada!

A fazenda do tio-avô de Kim era muito extensa. Mesmo sendo o gado de corte a sua principal atividade, ele ainda negociava algumas commodities. Também criava alguns touros premiados, os quais estavam sempre entre as principais atrações nos leilões. Entre outros, criava também o Charolês, o Nelore; o Zebu(gir) e o Guzerá. Havia ainda na fazenda um rebanho de bubalinos e três grandes currais repletos de vacas holandesas.

As vacas holandesas produziam o leite ao som de obras clássicas como as de Beethoven no primeiro curral, as de Mozart no segundo curral e as do brandido ou do sacudido Bach no terceiro “hiperativo” curral.

As seleções das músicas eram feitas de acordo com o comportamento de

cada vaca.

Se mastigasse lentamente, a vaca ia para o primeiro curral.

Se mastigasse moderadamente, aproveitando inclusive os resquícios que escorriam ou sobravam no canto da boca, a vaca ia para o segundo curral.

Já se mastigasse rápida e indiscriminadamente, desconsiderando inclusive a ordem de primeiro mastigar para depois engolir, como uma ruminante vaca de uma oposição precipitada, tendo ainda como prova de fogo o “desafeto” de ouvir alguém xingando a sua própria mãe de vaca, e se nesse caso ela reagisse diferentemente das outras vacas, depois de também xingadas, a vaca ia para o terceiro curral.

Extensos campos gramados e cercados pastos retinham barrados silos para o armazenamento de uma silagem muito seleta para os animais. Mesmo sendo somente as reservas de alimento para o inverno, elas acabavam contribuindo para a paisagem da fazenda.

Coqueiros perfilados em uma indiana fila ao redor da casa conclamando belamente: “miragens paradisíacas que se concretizaram” faziam o fechamento do círculo que começava aberto, margeando as laterais da rua de acesso a casa.

Há alguns metros dessa paisagem, estavam Kim e Jack sob a sombra de uma esplendorosa árvore, enraizada próxima ao estábulo.

— Não consigo me lembrar — disse Jack.

— Vou te dar um conselho — disse Kim — não procure tentar se lembrar.

Jack olhou para Kim tentando imaginar o que haveria de vir depois daquilo.

Por que razão ela diria para que ele não tentasse se lembrar? Kim pensou um pouco no que deveria dizer. Amarrados num galho baixo da árvore estavam dois belos e bem cuidados cavalos selados. Eles estavam comendo a grama ao redor. Jack e Kim trajavam roupas típicas de fazenda ao estilo *country*.

— Não entendi — disse Jack.

— É o seguinte... — disse Kim.

— Lá vem pedrada — disse Jack, em voz baixa.

— O que? — perguntou Kim, sorrindo. Em seguida, ela disse:

“Muitas vezes as pessoas adoecem no decorrer de um caminho em busca de um objetivo. Algumas vezes esse objetivo nem mesmo é alcançado. Insistir em um propósito natural que justifique uma evolução altruísta não é o mesmo que perseverar em um propósito misantropo. O ser humano precisa reter mais os seus instintos para exercer mais a sua filantropia. O amor se manifesta nas menores realizações sem que as “maiores” se deem conta disso” — disse Kim.

Jack ainda tentava decodificar o resultado conclusivo na linha de raciocínio dela. Por isso resolveu improvisar:

— O que é a espera se não a nuvem de paz que misteriosamente apresenta o amor à felicidade — disse Jack, romanticamente, à Kim.

— Hum... que lindo! — ela disse antes de sorrir.

— Não sei se o que você disse ajudou muito — disse Jack.

“Mas como seria isso? Como eu poderia me lembrar, não tentando me lembrar?” — perguntou Jack.

— É bem simples — respondeu Kim.

— Deixa eu ver se entendi: se eu quisesse esquecer alguma coisa, eu deveria esquecer de esquecer, ou seja, não tentar esquecer? — perguntou Jack.

— Você acha que é isso? — perguntou Kim.

— Mas isso é se lembrar a todo instante! — disse Jack.

— Você acha que o trabalho de estar tentando se lembrar a todo instante não vai cansá-lo ou deixá-lo tenso? Lembrar rapidamente de uma coisa é o mesmo que você pegar uma coisa que já está na sua mão. É tão rápido que é só guardar no bolso. Para encontrar o que ainda não se tem nem mesmo uma ideia de onde possa estar é preciso esforço, tempo e um consequente gasto de energia orgânica a mais — disse Kim.

“Tente procurar não se lembrar das coisas e você terá cada vez mais chances de acumular pontos para que, num gancho de lembrança, você tenha o torque e o deslanche para provocar uma reação em cadeia que o levará a se lembrar.”

“Quer a base para uma saúde em todos os sentidos?” — disse Kim, sorrindo.

— Sim, claro! — disse Jack, sorrindo encantado.

— Viva para os outros o máximo que puder e pense em você só o necessário. A vida vai se encarregar também de fazer com que os outros façam o mesmo. Essa corrente do amor tem o efeito “bumerangue”: sempre volta para você e com ela você nunca perde.

— O que você vai me dizer? — perguntou Jack, “indagantemente”.

— A maioria das doenças tem a sua origem na ausência da psicologia correta ou... da “patopsicossomática”. Uma psicologia ou uma orientação ruim pode ser uma bola de neve indesejada — disse Kim.

“Uma vez tive uma paciente com problemas emocionais por causa da separação dos pais. Era uma jovem de vinte e poucos anos. Seu pai a abandonara deixando para ela e sua mãe muitas dívidas, num momento em que sua mãe estava muito doente e em uma grave situação financeira. Era impossível para ela admitir aquela situação. Seu temperamento colérico, como descreveu Hipócrates, somado ao seu traço melancólico, não a deixava muito tranquila para aceitar aquela mudança.”

“Mas eu não precisei de muito empenho para ajudá-la. Bastou a ela, que era muito inteligente, perguntar a si mesma se era ela, realmente, quem deveria resolver o seu problema ou se ela deveria confiar isso a Deus.”

“Perguntei o que ela acharia de se casar, constituir uma família e viver os cinquenta anos que viessem como se fossem os primeiros anos felizes, ou cada dia como se fosse o último, aproveitando cada instante.”

“Disse também para ela não manter o foco em si mesma: como uma mãe que vive para os filhos e acaba não tendo tempo para adoecer ou arrumar problemas. O amor é sem dúvida nenhuma a fonte de toda a cura.”

“E acrescentei: “lembre-se de você, cuide de você, mas também viva para os outros.” Qual a razão de estarmos aqui se não for para viver o amor?”

— Eu acho que entendo. A propósito, o meu pensamento agora parece estar menos confuso; também não estou mais tão ansioso. Eu não sei bem, mas eu penso que no instante em que o nosso coração já não é mais o nosso, mas sim o de Deus, nossa visão de mundo é ampliada de tal maneira, que tudo que acontece depois

disso nos revela que não haveria como seguir nenhum outro caminho que não viesse a ser o de Deus. Não haveria de não acontecer aquilo que fosse nada mais nada menos do que o melhor, aquilo que nos fosse prometido por meio de uma compaixão e de um amor incondicional. O coração de Deus sempre sabe o que a cada um de nós é devido, o que a nós é reservado pelo feito de sua infinita misericórdia — disse Jack, olhando nos olhos dela.

— Você é uma caixa de surpresas também, hein?! — disse Kim, sorrindo.

“Enfim, pouco tempo depois ela encontrou uma ótima oportunidade de trabalho, que foi o primeiro passo para que ela se restabelecesse. É claro que esse não é bem o seu caso, Jack; mas serve de exemplo para todo mundo” — concluiu Kim.

— Não sei se posso viver por muita gente por aqui — disse Jack, sorrindo.

“Uma vez eu li um artigo de uma revista de psicologia que dizia exatamente o que fazer em um encontro. Eu não achei que fazia sentido, mas dizia o seguinte: “como conquistar a atenção de uma menina, sem conhecê-la, num primeiro contato”” — disse Jack, timidamente.

— Hum... lá vem pedrada — disse Kim, se divertindo e só esperando para ver.

— Aí eu fiquei imaginando: mas como saber a maneira certa para a pessoa certa? — perguntou Jack.

— Sendo a pessoa certa, no lugar certo e na hora certa? — perguntou Kim. Jack concordou.

— Continue, eu estou ouvindo! — disse Kim.

— Dizia que meninas que gesticulam muito, tentando, em vários momentos, te tocar, tocar no seu ombro, por exemplo, são do tipo que valorizam muito um carinho, um abraço, andar de mãos dadas. E essas parecem ser a maioria, dizia na reportagem — Jack segurou a mão de Kim, olhando em seus olhos.

“Nada mais inteligente e bonito que ser assim, para elas. Para conquistar a atenção de uma menina assim, seja o que ela espera de você. Mas isso deve ser natural, pois não devemos deixar de ser quem realmente somos” — Kim estava

gostando daquilo, então deixou que ele continuasse.

“Ao contrário disso, se a menina não gesticula, porém faz questão de a cada frase ou palavra sua te olhar nos olhos — Jack agora olhava sem parar para ela, que retribuía o exercício... ou deveríamos dizer aquele momento? — andar de mãos dadas não seria uma boa ideia, por outro lado, olhar em seus olhos seria uma ótima ideia” — disse Jack sorrindo, depois de uma piscadinha de olho.

“Mas se a menina não gesticula e nem te olha nos olhos, com toda a certeza ela vai estar te ouvindo muito bem!” — Jack impostou sua voz grave perto de Kim, numa decida na escala de D para um C romântico, desenvolvendo bem o seu diafragma. Ele ainda olhava para ela segurando sua mão.

“A reportagem ainda acrescentava: nunca segure a mão de uma menina que prefere olhar nos olhos. A recíproca é verdadeira e assim sucessivamente. E isso não é discricionário!”

“Parece que você tem os três dons bem desenvolvidos, sabia?!”

— Ei, estou na conclusão dessa abordagem? — ela perguntou, se divertindo.

“Vamos andando!” — disse Kim.

O vento que balançava os galhos das árvores e tombava a pastagem alta também esvoaçavam os cabelos de Kim. Ela cavalgava lentamente, com habilidade e destreza. Jack também não era mau. Ao fundo, a paisagem verde apresentava majestosamente o sol ao seu ocaso.

CAPÍTULO 26

O último tá pensando!

Uma faixa acima da porteira dizia: “RODEIO UNIVERSITÁRIO”. O estádio reservado para o rodeio lembrava muito o Coliseu. Do lado de fora as barracas vendiam comidas e roupas, além de ingressos que davam direito à participação em um pequeno parque, onde o touro mecânico era o mais requisitado. As muitas pessoas que circulavam por ali quase não se intimidavam ao passarem perto dos furiosos touros, os quais derrubavam os peões com crueldade. Uma espécie de *rave*, muito animada, era outra atração que fechava o pacote de diversões.

Passando pela entrada do estádio, Jack e Kim se aproximaram de alguns touros. Isso fez com que eles também passassem perto de um grupo de peões universitários, que se preparavam para o rodeio.

Observando os peões, aquele que parecia ser o fazendeiro, dava conta de seus interesses. Ele era vizinho do tio de Kim. Eles o chamavam de o “CEO”. Os peões universitários acabaram dando o apelido a ele sabendo que a sigla significava *Chief Executive Officer* ou diretor presidente, mas para os peões da fazenda aquilo não fazia o menor sentido. O distinto pecuarista tinha pendurada no peito a cruz da unidade. Ele era polaco e parecia dar aos seus olhos azuis a função de transmitir tudo quanto fosse honesto, íntegro e justo; notadamente isso acontecia sempre que ele era tocado pelas dificuldades de uma chagada casta menos favorecida. A vaidade de exercer os seus desdobramentos latifundiários resultantes da administração de suas posses, essencialmente, o revigorava. Porém, nobres características como a compaixão e a generosidade pareciam ser somente alguns de seus muitos atributos, que não obstante acabavam sendo revelados nas entrelinhas daquele seu olhar aristocrático. Ele era certamente o visionário que não montaria em um touro no lugar do peão, mas cancelaria todo um rodeio a título de não prejudicar um de seus peões ou à família de um deles.

— O amigo quer levar uma disputa no touro? Se eu ganhar eu tenho direito a um beijo na sua garota — disse Tony a Jack.

Ele era um rapaz com um metro e noventa de altura, oitenta e poucos quilos e uma voz grave. Trajava a tradicional roupa de peão de rodeio com todos os acessórios para a prática do esporte, assim como todos os outros peões desse grupo.

— Se você adivinhar o que estou pensando agora, eu aceito a disputa — disse Jack.

— Tá feito, mas você vai ter que adivinhar o que eu estou pensando também — retrucou Tony, incisivamente.

— Jack, diga a eles que você pode adivinhar o que todos estão pensando neste exato momento — disse Kim a Jack, cochichando disfarçadamente.

— Acha que consegue fazer isso? — perguntou Jack à Kim, também cochichando.

Kim respondeu que sim, discretamente.

— Vinte pratos de cada um de vocês como eu consigo adivinhar o que cada um aqui está pensando neste exato momento — disse Jack.

"AH!"

Foi a reação de todos.

Todos pegaram o dinheiro e colocaram na mão de Tony. Depois disso, sussurrando, ela disse:

— O primeiro da esquerda — disse Kim, de uma forma que Jack pudesse ouvir. O Peter era um peão magro e polaco dos olhos claros. Era um cara decidido — tá pensando: quem esse cara acha que é? Chegou aqui agora! Se ele consegue fazer eu também faço! — disse Kim, disfarçadamente.

Ninguém notou. Jack repetia o que ela dizia, simultaneamente, frase a frase aos peões:

— O primeiro da esquerda está pensando: quem esse cara acha que é?

Chegou aqui agora! Se ele consegue fazer eu também faço! — disse Jack, com clareza, em alto e bom tom.

— O segundo, na sequência — o Paul era moreno, estatura mediana, porte atlético.

Só quero ficar aqui, imóvel, raciocinando!

O sujeito não se mexia nem para piscar — tá pensando: mesmo que acerte o meu agora, é provável que ele erre até chegar à última! — disse Kim, sussurrando, do mesmo jeito.

— O segundo, na sequência, está pensando: mesmo que acerte o meu agora, é provável que ele erre até chegar à última! — disse Jack, do mesmo jeito.

— O terceiro — o Matthew era alto, tinha os cabelos para cortar e a barba por fazer.

Era uma figura estranha com atitudes irreverentes e “causava” com maneiras nada recatadas — tá pensando: não sei não, cara! Você pode até acertar; eu até

admito se acertar o que eu estou pensando, mas e se os outros não admitirem? Se é que você consegue acertar o de todo mundo, mesmo! — disse Kim.

— O terceiro está pensando: não sei não, cara! Você pode até acertar; eu até admito se acertar o que eu estou pensando, mas e se os outros não admitirem? Se é que você consegue acertar o de todo mundo, mesmo! — disse Jack.

Eles reagiam cada um de uma maneira, ora espantados, ora desconfiados.

Até o momento, todos estavam admitindo que Jack estava acertando.

— O quarto — o Ben tinha um metro e oitenta e cinco de altura, quase não falava, era magro e tinha os cabelos arrepiados.

Ele rodava o seu chapéu com o dedo indicador, tentando demonstrar o orgulho que sentia em ser o praticante do esporte. Ele parecia acreditar mesmo nisso — tá pensando: óh o cara, meu! — disse Kim.

— O quarto está pensando: óh o cara, meu! — disse Jack.

— O quinto — o Tony, o que segurava o dinheiro — tá pensando: óh o cara, meu! Dane-se o dinheiro, mas... ôh meu! Dá para andar mais depressa? — disse Kim.

O indivíduo não parava quieto. Mexia-se muito; mais do que inquieto: eufórico.

— O quinto está pensando: óh o cara, meu! Dane-se o dinheiro, mas... Ôh meu! Dá para andar mais depressa? — disse Jack.

— O sexto — o Joe tinha os cabelos bem cortados e uma voz rouca, como a de quem cantou ou falou por muito tempo.

Ele ajeitava o seu chapéu como se aquela bisnaga fosse um membro da família, meio que se concentrando para show. Essa atitude parecia revelar a manutenção de uma vaidade, requisitadíssima a uma montaria como aquela — tá pensando: óh o... vou tomar uma cerveja, saindo daqui; “crescê” o olho na mulherada, “nervosa”! Não adianta esquentar a cabeça! Eu penso assim, meu: se o cara é bom... tá acertando todas! — disse Kim.

— O sexto está pensando: óh o... vou tomar uma cerveja, saindo daqui; “crescê” o olho na mulherada, “nervosa”! Não adianta esquentar a cabeça! Eu

penso assim, meu: se o cara é bom... tá acertando todas! — disse Jack.

— O sétimo — o Evan era polaco, de estatura mediana, de boa postura e dicção — tá pensando: acho que vou negar o meu; não sou besta! Perder vinte pratas?! Ah, pensando bem, se ele ganhar é porque mereceu! — disse Kim.

— O sétimo está pensando: acho que vou negar o meu; não sou besta! Perder vinte pratas?! Ah, pensando bem, se ele ganhar é porque mereceu! — disse Jack.

— O oitavo — o Luigi tinha estatura mediana e os seus cabelos longos exibiam o seu tradicional rabo de cavalo.

O seu jeito de falar era tranquilo — tá pensando: não sei se todo esse acerto é possível, psicologicamente falando, mas depois dessa?! — disse Kim.

— O oitavo está pensando: não sei se todo esse acerto é possível, psicologicamente falando, mas depois dessa?! — disse Jack.

— O nono — o Rors, de expressão firme, era magro e usava óculos — tá pensando: oh, aqui: ele adivinhou e pronto! São duas as possibilidades: ou se adivinha ou não! Você entendeu?! Todo mundo é bom em alguma coisa, entende?! — disse Kim.

— O nono está pensando: oh, aqui: ele adivinhou e pronto! São duas as possibilidades: ou se adivinha ou não! Você entendeu?! Todo mundo é bom em alguma coisa, entende?! — disse Jack.

— O último — o John tinha estatura mediana e estava um pouco acima do peso, mas era muito forte.

Ele usava aqueles óculos redondos, estilo John Lennon. Um cara reservado, porém de presença catedrática entre eles: uma autoridade. Estava estudando para ser juiz e essa parecia ser a razão pela qual ele praticamente já apresentava o perfil de um. Raramente revelava alguma irreverência, outorgada unicamente aos bons momentos entre amigos e familiares; ou a algum momento inesperado — tá pensando: filho da mãe! Vai ver se eu to na esquina! Dá logo o dinheiro pra ele! — disse Kim.

— O último está pensando: filho da Mãe! Vai ver se eu to na esquina! Dá

logo o dinheiro pra ele! — disse Jack, tudo de uma vez.

John deu uma forte gargalhada, assim como todos, reconhecendo o “brilhantismo de Jack”.

— Impressionante, amigo! Isso aqui é pelo seu brilhantismo — disse John, se divertindo muito. Num gesto de reconhecimento, ele deu ao Jack a sua cruz da unidade que recebera na agraciada consagração da MTA.

— Antes que eu me esqueça, vai você também! Aceite a minha, como retribuição, e estamos quites — também descontraindo, respondeu Jack, que lhe deu a sua cruz da unidade que, coincidentemente, também recebera na mesma consagração, retirando-a do pescoço, retribuindo o gesto do generoso peão.

Jack apanhou o bolo de dinheiro da mão de Tony, o levantou, e disse:

“Façam um churrasco e nos convidem!” — em seguida, ele colocou o dinheiro no bolso da camisa de Tony. Todos deram o grito de peão boiadeiro.

Do outro lado do “Coliseu” o narrador do rodeio começava a rimar, perto do microfone, a façanha de um dos peões depois de subir em um touro bem furioso:

“E lá vai o peão sem razão, brigou com a mulher e foi dormir no porão! O caldo vai engrossar, o peão vai cair e a sua perna engessar! Seguuuuura peãããã!”

Jack e Kim assistiram à apresentação de dezenas de montarias; inclusive, a dos peões da aposta. O *Pub* era uma das tendas mais “bombadas”. O *Folk* sertanejo era a *vibe* que mais rendia adrenalina. Ele acessava à boa e velha moda sertaneja, sem nenhuma embaraço. Antes de irem embora, contudo, eles ainda deram uma passadinha numa espécie de tenda *rave*, onde dançaram um pouco e assistiram a algumas apresentações.

CAPÍTULO 27

Não me lembro de um tiro de tão longe ir tão alto.

Agora na tranquila varanda da casa da fazenda, à noite, o tio Benni se preparava para dizer algo:

— Quando Kim era pequena... — disse o tio Benni.

Ele era um senhor de oitenta anos, tinha uma voz rouca e forte. Usava uma boina do exército, uma camisa xadrez e os seus óculos pendurados no pescoço.

“Ah, tio Benni!” — disse Kim, sorrindo.

— O único trabalho que ela dava para sua tia Vilma, que Deus a tenha, e para mim, era o de arrancá-la daqui para poder levá-la à sua casa.

— Eu sempre gostei muito daqui — disse Kim, um pouco sem jeito.

— Meu jovem, conte-nos alguma história ou alguma coisa que tenha acontecido com você — disse tio Benni ao Jack.

— Ei, o que está havendo aqui? — perguntou Kim.

— Ah, deixe-o contar! — disse tio Benni.

— Aproveite a ocasião rara, Jack. Normalmente nós somos praticamente algemados e presos para ouvir as histórias dele primeiro.

— Eu perdi a memória, tio — disse Jack, já conformado.

— É verdade, tio! Desculpe, Jack! — disse Kim, lamentando.

— Mas enquanto o senhor falava me lembrei de uma coisa que aconteceu comigo — disse Jack, já mais animado — e me lembro disso até com detalhes.

— O que? Fala! — disse Kim.

— Foi assim: eu estava num dos campos de futebol de uma universidade, eu acho.

— Qual universidade? — perguntou Kim.

— Não me lembro — disse Jack — só estou me lembrando de um chute que dei na bola do meio do campo.

— E como foi isso? Conte-nos! — disse tio Benni.

— Na verdade, eu dei um chute, muito forte, de um pouco antes do meio do campo. Quando a bola saiu do meu pé eu já sabia que ela chegaria ao gol. Não sabia quando exatamente o goleiro a pegaria ou, se não pegasse, o exato momento em que ela entraria no gol. Também não sabia se cairia no canto direito de cima ou no meio. Mas soube, no momento que chutei, que a bola iria para lá.

“Imediatamente depois que chutei, em um momento onde poderia haver poucas reações, instante que, em geral, se observa o curso da bola e se espera o feito do gol, resolvi, me lembro bem, notar a reação das poucas pessoas que assistiam ao jogo.”

“Um senhor que varria a pequena arquibancada à frente, com o seu uniforme escuro, parou de varrer e até deixou a vassoura cair no chão como que dissesse:”
Não me lembro de um tiro de tão longe ir tão alto. Por que parece que a bola não quer chegar ao gol?

“Uma mulher com uma criança, que deveria ter uns três anos, abraçando-a; como se estivesse com medo e dissesse, equivocadamente:”

Deve ter um controle remoto voador nessa bola!

“Havia também os jogadores, colegas de campo, que ficaram bem espantados; alguns até tomaram distância de mim, como que dizendo:”

Esse cara tá chutando fora... vai errar! Não quero levar bronca do treinador por causa disso! Posso até perder a vaga no time por causa desse atrapalhado! O treinador pode até achar que influenciei essa situação!

“E aquele que parecia ser o treinador diria, sorrindo, com as mãos na cintura:”

Filho da mãe!

“O treinador teria dito isso como quem já sabia que iria dar certo. E a bola ainda mal havia passado da metade do percurso.”

“Eu me lembro de ter sido um belo gol, no canto direito de cima, como eu havia previsto.”

— E como todos reagiram depois do gol? — perguntou tio Benni, curioso.

— Eu não me lembro.

— Não se lembra da reação depois do gol?

Tio Benni ficou um pouco frustrado.

— Tio! — disse Kim, repreendendo-o.

— Mas sei que logo me lembrarei.

— Você vai — disse Kim, sorrindo e segurando a mão de Jack.

“Jack, agora vamos dormir porque amanhã eu vou deixar você me levar àquela praia paradisíaca linda que eu te falei.”

— Claro! Eu não vejo a hora. Você falou dela um jeito que estou imaginando um paraíso, mesmo.

— Pode imaginar e multiplicar, eu garanto.

No outro dia cedo, eles já estavam no carro a caminho. O dia estava lindo e o sol brilhava demais ao nascer, daquele que prometia ser o mais inesquecível dia na vida daqueles dois.

— E então, onde é essa praia maravilhosa? — perguntou Jack.

— Estamos quase chegando lá, se prepara! — disse Kim.

— Quero só ver! — disse Jack.

Realmente a praia não era muito longe da fazenda, por isso não demorou muito e eles já estavam lá. Quando Jack saiu do carro ele mal podia conter a sua satisfação.

— Mas por que é que eu nunca havia vindo aqui antes? — perguntou Jack.

— Isso aqui está incrível! Eu não estou acreditando. Não faz tanto tempo assim que eu estive aqui. Trataram mesmo de cuidar desse lugar! Minha nossa, olha essa água, Jack?! — disse Kim, encantada com o lugar. Além de lindo, o lugar estava cheio, com muita gente bonita.

“Vamos deixar as coisas no hotel, porque eu preciso de um mergulho, urgente!”

— O primeiro a chegar lá será o primeiro a mergulhar! — disse Jack.

— Combinado! Sai da frente! — disse Kim, ao lado de Jack, que também corria querendo ganhar o prêmio. A felicidade parecia já fazer parte do pacote todo.

Eles passaram horas, quase indescritíveis, mergulhando e aproveitando aquele lugar lindo. Aquela era a praia dos sonhos de todo mundo. Os peixes daquelas águas pareciam ser diferentes de todos os outros. Era possível pegá-los, já que eles não temiam nenhuma ação predatória; eles sequer conheciam isso.

Os dois conversaram tanto que depois de um tempo já estavam muito próximos.

À noite, na balada do hotel, eles curtiram a melhor música eletrônica da Terra; a *vibe* ali era profissional. A batida daquela música fez com que eles se esquecessem de todos os problemas. Aquela gente bonita tinha mais de uma coisa

em comum, para quem gostava de música. Aquele som caía como um esporte radical, como o paraquedismo, por exemplo. Não é todo dia que alguém tem a sensação de estar em queda livre:

“Uhull!” — era o grito, em meio ao som de toda aquela música eletrônica de qualidade.

Mesmo que haja algum despropósito em determinadas festas, que ocasionalmente pudessem vir a ser capazes de não desmerecer menos a função que haveriam de reverenciar, o livre arbítrio nos concederia o poder de sermos saldáveis e ao mesmo tempo estarmos em todos os lugares. A mentalidade de cada um pode ter o rumo de seus princípios, não obstante, certas situações ou lugares podem, ainda assim, serem evitados. O bom senso pode acabar sendo o verdadeiro instrumento discricionário de definição, onde a escolha por um caminho sensato e inteligente haveria de ser sempre a via pela qual alguém deveria trilhar.

A noite foi perfeita. Contudo, o que viria a se desenrolar depois daquilo não seria algo que pudesse ser facilmente descrito, diante de todo aquele momento tranquilo, nem tão pouco imaginado, diante de toda aquela paisagem perfeita.

CAPÍTULO 28

A memória de Jack.

Algum tempo depois, no centro da cidade, bem na hora do *rush*, momento em que a disputa por um disputa era mais do que disputada, no que se refere ao grau de disputas generalizadas, por assim dizer, uma coisa aconteceu.

Senhor Caos, não há como descrever isso aqui! — diria a cidade.

Kim e Jack estavam sentados à mesa da parte externa de um restaurante. Ao lado deles, estava um casal de jovens namorados jogando o “Gênese ou ZUMBBI”. A moça movia o ‘Ser’ dominando a casa central, deixando o rapaz um pouco desconsertado. Jack e Kim olhavam para eles atentamente, acompanhando a partida, quando então Kim disse:

— Preciso me lembrar de lembrar! Ando muito esquecida. Devo estar trabalhando muito. A verdade é que estou com acúmulo de atividades.

“Acredita que esqueci o pagamento da doméstica, de novo?! Acho que não

vai demorar e uma hora ou outra logo vou acabar me esquecendo de esquecer.

Acho que isso seria bom, na verdade — repensou — o pior é a distração! Hoje de manhã fui à farmácia de camisola”.

— E só agora você me conta?! — disse Jack, achando graça.

— E tem mais: no caminho de volta pra casa, passando pelo meio fio, quase cai num sifão de escoamento de água.

Quando Kim disse a palavra sifão, Jack reagiu estranhamente, olhando para um ponto qualquer, como se estivesse presenciando um acidente de trânsito; um carro batendo na traseira de outro.

Em seguida, contudo, levou a mão ao alto da cabeça, bem no lugar onde havia sofrido o trauma há dez anos, e começou a reclamar de uma forte dor.

— Ai! Ai! — disse Jack, abaixando a cabeça.

— O que foi, Jack? — Perguntou Kim, muito preocupada.

— Minha cabeça! — disse Jack.

Veio à mente de Jack, numa fração de segundos, a lembrança de toda sua vida.

Subitamente, Jack parou de sentir a dor e voltou a ficar com o mesmo olhar, permanecendo assim por alguns segundos.

— Jack! — disse Kim, pegando em seu braço — você está bem? Fala comigo! — Kim dava algumas sacudidas nele.

Em um parque arborizado, cercado de muita grama, deitada em um colchonete, sob uma sombra muito fresca, onde, no chão, uma toalha sustentaria uma variedade bastante seleta de guloseimas, além, é claro, de uma boa música; em que uma pessoa poderia pensar no intervalo de uma hora?

Em muitas coisas, como: o que ela faria no próximo final de semana e como faria isso, para aqueles que adoram férias ou precisam muito delas.

Poderia trabalhar e articular metas, ponto a ponto, para a realização de um objetivo em um trabalho.

Poderia se prevalecer ou se aproveitar da oportunidade de que ela tem bastante tempo para pensar no que quiser, ou por esse mesmo motivo,

simplesmente, resolver querer não pensar em nada.

Por outro lado, o que uma pessoa pensaria numa fração de segundos em um momento de estresse, por exemplo? E se pensássemos por vinte e quatro horas como numa fração de segundos? Pensaríamos? Ou estaríamos em um estado de quase atonia ou inércia? A resposta parece ser óbvia, porque em uma fração de segundos nem sempre se conseguiria concluir um raciocínio.

Por que então, em se tratando de uma fração de segundos, não sabemos improvisar melhor ou lidar satisfatoriamente com o inesperado, com o repentino ou com o súbito e desavisado imprevisível? Parece ser tudo uma questão de tempo, contudo.

— Eu estou me lembrando — disse Jack, movendo os olhos para todos os lados, como se encontrasse lembranças em todos os cantos do mundo.

— Do que?! Me fala! — disse Kim.

— De tudo — disse, muito feliz — minha família, meus amigos, meus projetos..., de quando te vi pela primeira vez na banca de revistas — sorriu — eu sou bilionário! — comemorou — quando eu... o...

“Ah, meu Deus... ah, meu Deus... que dia é hoje? Não! Na verdade, eu sei que dia é hoje! Kim, vai acontecer uma coisa... e é hoje!” — disse Jack, com as mãos na cabeça.

— O que? — perguntou Kim, totalmente perdida.

— Ah, meu Deus! Não pode ser hoje?! — disse Jack, inconformado.

Ele se levantou, mas logo em seguida sentou-se à mesa novamente. Não sabia se corria ou se escorregava na cadeira para se esconder em baixo da mesa.

Quero minha mãe. Não! Eu mesmo cuido disso! — dois segundos depois, ele também teria dito:

Mamãe, socorro!

— Vem comigo! — disse Jack, pegando Kim pela mão e saindo apressadamente; não pagou nem a conta.

Será que eu deveria voltar e pagar a conta? Mas o que é que... mas quem é que tá ligando para essa “BISNAGA” no meio disso tudo?! O mundo vai acabar e se eu não

correr será o fim!

— O que foi? — perguntou Kim.

— Vai começar! Corre! — disse Jack, puxando Kim, já na calçada.

De repente, o táxi do Bill encosta perto deles. Ele começa a buzinar, escandalosamente. Jack achou que aquilo poderia ser obra da divina providência e como ele já havia mesmo pensado em chamar um táxi, não fez nenhuma cerimônia e agarrou a oportunidade. Quando eles entraram no carro, Jack nem imaginava que fosse o Bill. Poderia ser qualquer taxista que os viu correr e deduziu que eles estivessem querendo uma corrida.

— Por que você estava correndo? — perguntou Bill ao Jack.

— Bill, é você! Que sorte encontrá-lo! Nós precisamos ir à Harvard o mais rápido possível, mas dirija até à minha casa, primeiro! Ela fica há algumas quadras daqui! Eu guio você! Que horas são? — perguntou Jack, apavoradamente.

Bill iluminou o painel tecnológico do carro. Ele tinha um designer tão inovador e distinto que acabou fazendo com que Jack perdesse o foco. Ele olhou para tudo, menos para o horário no relógio de bordo.

— O trânsito não está muito bom, mas não deve demorar a chegarmos lá — disse Bill.

Jack viu o horário e depois disse:

— Bill, você precisa voar!

— Deixa comigo! — disse Bill.

Ele acelerou e deu um arranque. O torque foi de tirar o fôlego. O barulho da aceleração do motor era ao mesmo tempo grave e estridente. Um acústico orquestral. Aquele carro não tinha só muitos cilindros, ele devia ter ainda outros tantos, que se encarregavam de completar as cadeiras para aquilo que mais parecia ser um recital, com uma orquestração e um arranjo definindo o ponto alto de uma rara obra clássica.

Kim estava totalmente perdida e não conseguia dizer nada. Desde que se conheceram, Jack sempre fora um cara tranquilo com ela. Kim nunca havia visto ele em desespero ou agitado, mas agora ele estava agindo como se o mundo fosse

acabar.

Jack abraçava Kim tentando protegê-la de uma coisa para a qual não havia nenhuma forma de proteção.

— Sua casa, Jack? Você sabe onde é a sua casa? — perguntou Kim.

— Sim, agora eu me lembro — disse Jack, sorrindo.

— Outro dia encontrei você ou... “aquele você” e fui obrigado a considerar tudo, depois que me lembrei... — disse Bill, totalmente reconsiderado.

Bill conferiu Jack pelo retrovisor interno do táxi, que revidou a conferida.

“Jack, não vai acontecer nada com o mundo, vai?” — perguntou Bill.

Bill sempre soube que o “faça chuva ou faça sol” jamais deveria ser desconsiderado ou esquecido, levando-se em consideração o seu inestimável valor proverbial ou a sua, mais que acessada, disponibilidade.

Assim, fazendo chuva ou sol, ele seria um coveiro! Ou seja, ele torceria contra! Se o seu país jogasse na copa do mundo, torceria pelo adversário. Numa eleição presidencial, votaria no último candidato, pois sabia que ele teria grandes chances de perder a eleição.

Se toda a sua família esperasse um lindo dia de sol para ir à praia, ele rezava e até dançava para que chovesse.

Não sou revoltado e nem sou da oposição! É só um estado de posição! Essa é a minha posição, entende?

Bill, na verdade, sabia que sua posição só seria a outra se a maioria não fosse da outra ou mudasse de lado. Mas agora ele não poderia dizer nada e nem ser contra.

Não, ainda posso ser contra o contra!

Ao chegarem à casa de Jack, Kim e Bill perceberam que aquela não era somente uma casa. Jack morava em um castelo. O tamanho da mansão não diminuía a beleza dos jardins, que por sua vez engrandeciam toda a propriedade. As ruas dos jardins estavam tomadas por belos carros de luxo. Quando eles saíram do carro, Kim sorria ainda não entendendo o que estava acontecendo.

— Vamos! Eu tenho um helicóptero que deve estar nos fundos da

propriedade — disse Jack.

— Olá, James! Onde estão todos? — perguntou Jack.

— Olá, senhor Wood, sejam bem-vindos! Todos foram relaxar na ilha! — disse o mordomo, muito bem trajado, com o exato perfil de um.

— O meu helicóptero está pronto, James? — perguntou Jack.

— Vocês tem um helicóptero? — perguntou Kim, que já só perguntava por perguntar, mesmo.

— Sim, senhor Wood. Todos eles estão impecáveis, como sempre! — respondeu James.

— Obrigado, James.

— Ao seu dispor, senhor Wood.

— Eu tenho somente um, Kim. Meus irmãos também, mas minha mãe gosta de ter mais de uma cor. Esses aqui de casa são os da nossa maior concorrente. Nós também temos uma companhia fabricante de helicópteros e aeronaves. Não usamos os nossos porque estamos sempre de olho na concorrência.

— Ah, sim! Certamente! É claro! — disse Kim.

Eles chegaram à entrada que dava acesso aos fundos da propriedade, que ficava no final da mansão, e se depararam com vários helicópteros, de várias cores e modelos.

— Aquilo ali no fundo do seu quintal é um aeroporto? Aqueles são jatos? — perguntou Kim, sorrindo. Ela parecia estar muito mais feliz do que o normal, é claro. No entanto, ela já não sabia se continuava perguntando ou se passava ela mesma a dar as respostas.

Jack sorria e Bill achava graça dos dois. Para ela, ainda estava meio difícil de acreditar que aquele paciente, que nem mesmo tinha uma família, agora, além de uma, ainda parecia ser um membro da família real.

— Sim, mas nada disso, infelizmente, vai fazer sentido algum se não nos apressarmos, acredite! — disse Jack.

Em seguida, eles entraram no helicóptero de Jack. O mais bonito deles, e partiram.

CAPÍTULO 29

O tão esperado som.

Parecia realmente ser uma autoclave gigante: um dispositivo impressionante, ligado a uma espécie de telescópio, que atravessava o teto.

Do lado de fora, no telhado, havia uma enorme antena: um tipo de parabólica com uma caixa de energia transformadora de ondas no centro, parte do equipamento interno.

Na mesa central dessa sala havia também uma Protoncentrífuga, um espectro fotômetro, um destilador sonoro, uma recopiadora de som e um projetor de imagens biotecnológicas; tudo conectado a dois sistemas de interlocução sonora.

Em um lugar especial em meio àquilo tudo estava a máquina dos sons. Nas mesas laterais muitos outros equipamentos de uso da física.

Ao fundo, entre três janelas grandes, duas estantes com livros antigos, já bem usados. O piso da sala gelava no inverno e trazia muita friagem ao lugar.

No inverno era possível ouvir, como sempre costumava acontecer, a piada que os visitantes acabariam ouvindo deles a respeito do lugar.

Antes que vocês perguntem, adquirimos a autoclave para esquentarmos a bunda nos dias mais frios! O chão aqui é muito frio e a lenha só é debitada para nós no dia de pagamento!

É claro que eles esperavam que rissem da piada, muito boa, por sinal, criada por ali mesmo, se os cérebros dos visitantes também não tivessem sido congelados, como os de quem a contara.

A sala do Setor Integrado de Física estava repleta de estagiários. Tales e também o estagiário Max, que havia entrado no projeto há alguns meses, ajudavam a organizar tudo. No começo ele era magro, de cabelos para cortar e confuso, mas hoje parecia bem mais disposto.

Max agora se portava como um futuro pesquisador; a começar pelos cabelos bem cortados e a uma manifesta e dedicada concentração ao projeto.

No início, quando Tales apresentou o projeto da máquina dos sons a todos os estagiários, Max não acreditou, mas depois, quando acreditou, não se conformou.

É difícil acreditar que um conceito tão perpétuo e notório, como o do som, pudesse ser assim tão facilmente reformulado. Eu não consigo perpetrar uma coisa dessas em minha perspectiva de raciocínio. A ideia da existência de um mundo infinito e sem fronteiras é de dar medo! Por onde poderia ser diligenciada a porcária do som de um alfinete arremessado ao chão? Se fosse eu, a ter descoberto, ao invés dele, eu não contaria a ninguém; talvez às pessoas certas!

Max parecia ter respirado os ares do despeito da era Colombo, pois lamentava não ter percebido um mecanismo de rastreamento tão simples e prático de busca dos sons: coisa de colegial, que por isso mesmo era genial.

Uma coisa tão pequena! Como não pude notar? Por que não pensei nisso antes?

Merda! Se soubesse que sabiam sem que eu soubesse, teria tentado saber antes!

“Como se poderia saber o que ainda não se sabe, antes de saber que se poderia saber, depois de saber aquilo que jamais se poderia saber, ainda bem antes de saber, se já não se soubesse aquilo que já é sabido? Professor, qual é a resposta para essa pergunta? Socorro!” — disse Max, em voz baixa.

Contudo, Max não perdeu muito do seu tempo com esse “leite derramado”.

Que latejava em minha cabeça!

Desde pequeno ele aprendera com sua família a respeitar e a aplaudir os bons feitos dos que mereciam, até por que aquilo para ele era também uma forma de retribuição aos elogios que ele também recebia, quando ele mesmo tirava dez nas provas, por exemplo.

Contudo, algo em Max, ou com aquela sua rotina, parecia não estar indo bem. Mesmo sendo alguém com bons propósitos e um caráter visivelmente humanitário, sutilmente um novo sentimento parecia querer dominá-lo.

— Ok pessoal, alguma coisa antes do século X? — perguntou Tales.

— Encontramos algo mais recente, ontem, mas eu diria que é no mínimo bem interessante. Parece ser a voz de Cristóvão Colombo — disse Max.

Todos foram até à máquina e se acomodaram em volta.

Max apertou um botão do teclado da máquina para ouvir o som que, apesar de já ter sido captado e gravado, ainda não havia sido emitido. Antes de apertar o

botão, era possível ver, no painel projetor de imagens, a frase que transcrevia o tal som captado.

“De que maneira eu poderia conseguir convencer a coroa portuguesa, se não consigo convencer nem mesmo o meu sogro?” — disse Colombo, na gravação, meio irritado.

Max apertou o botão de pausa no teclado e disse:

— O sogro dele era um navegador português.

Apertou o botão para continuar ouvindo.

“Na Espanha, vou fazer Fernando e Isabel entenderem!” — disse Colombo, na gravação, com a mesma irritação.

“Mas não agora, querido! Espera!” — disse uma mulher, na gravação, na língua portuguesa.

Mas a emissão perdeu a sintonia, então Max parou de gravar e desligou a máquina.

— Aqui a perdemos — disse Max.

— Pode ser qualquer coisa — disse Tales, testando e quase desconsiderando o seu achado.

— Não! Veja... — disse Max.

Max apertou o botão do gravador e repetiu a primeira parte.

“De que maneira eu poderia conseguir convencer a coroa portuguesa, se não consigo convencer nem mesmo o meu sogro?”

Max pausou e disse:

— Aqui ele está falando da teoria da esfericidade da Terra.

Continuou com a gravação.

“Na Espanha, vou fazer Fernando e Isabel entenderem!”.

“Mas não agora, querido! Espera!”

Pausou.

— As duas vozes estão juntas? — perguntou Tales.

— Sim. É uma perfilada paralela adjunta. Com certeza é a esposa dele — disse Max, animadíssimo.

“Colombo não conseguiu a aprovação da coroa portuguesa para ir às índias, navegando rumo ao ocidente, mas teve a aprovação do projeto pelos reis católicos da Espanha, Fernando e Isabel” — esclareceu Max.

— Não poderia ser uma peça teatral? — perguntou Tales, novamente, tentando eliminar os contras de seu achado.

— Acho que não. Os números indicam oitocentos e cinquenta nonilhões de pontos — Max apontou para um painel que filtrava as vozes.

Tales deu um meio sorriso de satisfação porque já sabia o que oitocentos e cinquenta nonilhões de pontos significavam.

“E isso significa que esse trajeto resgatou isso de mais ou menos do final do século XV” — disse Max, olhando para os estagiários. Todos manifestavam grande orgulho.

— Bom trabalho! — elogiou Tales, muito feliz — você disse que isso foi encontrado ontem?

Max respondeu que sim, balançando a cabeça.

— Hoje quem sabe não conseguiremos ouvir algumas das profecias de Nostradamus — disse Tales, bem mais confiante.

Todos riram.

Em seguida, Tales foi até à sua mesa. Era uma mesa organizada, e assim até poderia ser classificada, se não fosse pelo canto direito de seu “planisfério”: especificamente ali pela região noroeste da famigerada.

Se um oceano ela fosse, navios seriam afundados a este bordo ao colidirem com aquilo que mais parecia ser um *iceberg*.

O monte direito, como era conhecido por todos, era o lugar na mesa de Tales onde se concentrava um forte e acentuado índice de mortalidade organizacional, um expressivo analfabetismo de ordem, além de uma espécie de criminalidade do desleixo, onde a “notoriedade” do monte desavisava o dolo em sua frustração.

Era o lugar onde todos “podiam” depositar os seus “descartes administrativos”. Papéis, contas pagas, comprovantes de depósitos, além de portarias, resoluções e ordens de serviço a serem arquivadas.

Certa vez, reza a lenda, Tales chegou a encontrar no monte, inacreditavelmente, dentro de uma revista, um papel higiênico usado. Este, por sua vez, apresentava, lamentavelmente, uma freada, banhada a um grave relevo.

Por essa razão, a freada acabou fornecendo provas que levaram a uma autuação, depois de verificada e constatada a devida infração, onde o meliante terminou sendo flagrado, ulteriormente, decepcionando as leis de “trânsito”.

Levando-se em conta que o elemento originou-se após o desenvolvimento de um torque, que por sua vez, favoreceu o desdobramento de uma velocidade que chegou a atingir os 200 km/h.

Tudo ficava dentro de uma caixa de trinta centímetros de altura, por quarenta centímetros de comprimento, com trinta de largura. Uma vez, há alguns anos, Tales tentou organizar tudo para dar um fim ao monte direito, mas aquilo foi uma história sem mocinho, com um fim trágico e nada cômico. Nunca mais ele teve coragem para desafiá-lo novamente.

Do lado esquerdo da mesa estava a sua placa de chefe, uma gangorra de imãs e uma agenda. Mais ao meio, um suporte com folhas para anotações e no centro carinhoso da mesa o porta retrato dele, de pé, com os dois filhos nos braços e a esposa ao lado.

Alguns de seus conhecidos, que só o viam nas horas de folga, só o conheciam das pernas para baixo e do pescoço para cima. Definitivamente, essa era a imagem que fazia com que ele se sentisse alguém especial. Tales havia se casado há alguns anos. Eles foram premiados com gêmeos no segundo ano de casamento. Mesmo não estando em seus planos, por causa do financiamento da casa, ainda assim eles acabaram dando um jeitinho e depois comemoraram.

Dane-se! Só preciso de mais duas dessas para encher a casa, como eu queria!

Na foto do porta-retrato, sua esposa esperava trigêmeos: acha que sou uma espécie de centopeia? Essa é uma barriga grande demais para os poucos braços que tenho! — diria Tales, bem humorado e feliz.

E então, quando menos se esperava, com Tales ainda, despreocupadamente, sentando-se em sua confortável cadeira, acomodando-se para quem sabe se

aventurar no incrível “ecossistema” do “monte direito”, aquilo que mais se esperava poderia estar prestes a acontecer.

Todas as vezes que o alarme tocava a esperança era sempre a mesma, tendo em vista que a programação do sistema era sempre direcionada para a mesma busca, o som que há séculos era, por todos, mais do que buscado.

O alarme da máquina dos sons soou o brado daquele que poderia ser o tão esperado som em “alto e bom som”. A princípio, parecia ter sido somente um som digitalizado, que lembrava uma cigarra de um só tom contínuo, mas ainda sim, Tales, Max e outros estagiários correram, escandalosamente, para a máquina.

— Estamos gravando? — perguntou Tales.

— Sim — respondeu Max.

— Avise-me quando começar, por favor — disse um estagiário ao Max, com um celular nas mãos que usava para anotar tudo.

Esse estagiário era de média estatura, tinha olhos claros e era do tipo esforçado. O rapaz pretendia anotar até as saudações de “bom dia” do doutor Tales, para que, no futuro, pudesse defender uma tese sobre o assunto; cada espirro poderia ser útil para ele.

— Já terminou, meu amigo — disse Max, ao estagiário, incisivamente.

— Mostre-nos a gravação — disse Tales.

Mas quando Max acionou o *play* da máquina, para mostrar a gravação, a voz estava ainda em hebraico antigo.

— Traduza — disse Tales.

Então, Max traduziu.

— Traduzir? — perguntou o estagiário da agenda.

— Veja bem — disse Max — o que nós gravamos aqui ou deve estar em hebraico ou em Siríaco, do Aramaico; não estou bem certo.

Max apontou para o projetor de imagens, que depois de linhas retorcidas mostrou a frase em hebraico.

— Olha isso! — disse Max, espantado.

— Deve ter quebrado, não pode ser! — disse Tales, também espantado,

olhando para Max.

No painel de pontos do filtro de voz o marcador apresentava uma violenta sequência de números nove que ninguém se atreveu a contar. Só ficaram olhando.

— Muito bem, vamos traduzir — disse Tales.

Max apertou um dos botões da máquina e alguns no computador.

— Já está pronto! — disse Max, olhando para Tales, assustado.

Tales estava mais para curioso. Com alguma experiência de vida a mais que a dos rapazes ali, ele sentia ter a sabedoria para concluir que nada de valor viria assim tão facilmente. Ele já havia dedicado muitos anos de sua vida nesse projeto e estava certo de que para conseguir alcançar seu objetivo, ou somente algum considerável avanço, que pudesse vir a somar à busca de alcançá-lo, ele ainda haveria de queimar alguns milhões de neurônios.

— Então vamos ver — disse Tales.

Max, num ato de total descomprometimento com a normalidade de uma rotina, subitamente modificada, apertou o botão da máquina. O que não se podia prever era que, naquele exato momento, suas vidas mudariam de tal forma que o futuro nunca mais seria uma possibilidade.

Então, depois de um sem fim de onde, quando e como, aquela voz pode, afinal, ser ouvida:

“Faça-se a luz!” — disse uma voz muito forte e grave: a voz de Deus, no exato momento em que ele ordenou o início de tudo.

O som que há séculos sempre fora buscado por todos, na verdade, era somente o som da voz de Adão, o primeiro homem na Terra. Mas depois que ouviram o som que era nada mais nada menos que a voz de Deus, todos ficaram perplexos, arrepiados e sem saber o que fazer.

— Cara, o que é isso? — perguntou o estagiário das anotações.

Max olhava para Tales esperando uma reação, mas Tales não se via na obrigação de demonstrar nada, porque já estava fazendo muito ficando em pé.

— Que brincadeira é essa? — perguntou Tales, assustado e com medo.

— Misericórdia! Ninguém aqui fez nada, eu garanto! Tales! Você consegue

imaginar isso? — perguntou Max, que, arrepiado, tremia como uma folha num galho ao vento. Ele se segurava em alguma coisa, como se dessa maneira fosse conseguir se proteger ou se esconder da descarga de um trovão que acabava de cair, bem na sua frente.

CAPÍTULO 30

Então o começo, o pedaço que cai e a voz que fica.

De repente começou um tremor que parecia ter alcançado uns cinco graus na escala Richter. Juntamente com o tremor ouviu-se um zumbido muito forte. Todos procuravam se segurar; o que era difícil, pois eles também precisavam segurar algumas máquinas e objetos. Um *flash* de luz, extremamente incandescente, iluminou todo o lugar, assim como todo o planeta. Contudo, tudo isso durou apenas alguns segundos.

Durante o terremoto, Jack se segurou na porta de entrada da sala, onde todos estavam. Assim que o tremor parou, ele entrou rapidamente. Inconformado, seguiu em direção a Tales.

— Vocês acharam a voz? — perguntou Jack.

Ao lado de Jack, Kim e Bill continuavam nervosos, não entendendo nada.

— Ah, eu sabia que era uma piada! — disse Tales — Eu conheço você! De onde é mesmo?

Jack sentou-se em uma cadeira, demonstrando agora estar muito mais do que inconformado. A princípio, ele parecia impassível, mas o seu desespero interior era tão intenso que nesse momento ele estava mais para inconsolável.

— Tales! Olha isso aqui! — disse Max, apontando para uma imagem que mostrava alguns números na máquina.

“A voz localizada teve a sua origem numa distância absurda. Em anos-luz... vejamos aqui... ela veio quase do final da nossa galáxia” — concluiu Max.

— Eu tentei avisar — disse Jack — lembra?

— Acho que sim... você tentou avisar o que mesmo? — perguntou Tales.

— Tentei avisar sobre o fim do mundo — disse Jack.

— Sei... você está querendo dizer o que com isso? — perguntou Tales.

— Quero dizer isso mesmo. Vocês encontraram a voz de Deus: “Faça-se a luz”, que foi a frase que deu início a tudo. Não foi?

Todos procuravam entender, mas temiam a compreensão de uma história dessas.

— Como sabe o que encontramos? — perguntou o estagiário das anotações.

— O *Big Bang* é a teoria cosmológica que sugere a grande expansão, ou seja, a origem ao universo. Ocorre, no entanto, que o *Big Bang* teve o seu volume inexistente descomprimido bem no final aqui da nossa galáxia. Se tivesse ocorrido ou começado no final do universo, ao final de milhões de galáxias daqui, certamente não teríamos problemas. Não haveria nada com o que nos preocuparmos por muitos anos, mas... — disse Jack.

“Um novo universo está nascendo aqui dentro da via láctea. Não vai demorar e todos os planetas e estrelas irão se chocar, abrindo caminho e dando ao novo universo, em formação, espaço suficiente para se expandir e... a verdade é que nós temos só alguns minutos antes que o planeta seja totalmente destruído e lançado fora de sua órbita.”

A reação foi de perplexidade e sucumbência. Max foi até à janela, onde pode ver o final de um tipo de explosão no céu. Quando Max apertou o botão, recondicionando o som de origem, ele acabou reiniciando o momento onde Deus começou a criação. A única coisa que eles puderam ver foi a imagem de uma espécie de buraco negro que tinha um formato estranho, parecendo ter dentes de vampiro. Não foi possível dizer se aquela coisa era a mente deles lhes pregando uma peça. Aquilo foi assustador.

Algumas noites mal dormidas ou o solitário descomedido era agora o júbilo razoável inalterado?

“A não ser que...” — disse Jack, que em seguida levantou-se da cadeira e correu para fora do prédio, deixando todos na sala sem ação.

Já do lado de fora do prédio Jack, Kim e Bill correram para o helicóptero.

“Já sei onde poderemos ir e como poderemos fazer” — disse Jack.

— Ir aonde? — perguntou Kim.

— Venham! Confiem em mim! — disse Jack, pegando Kim pela mão.

Eles entraram no helicóptero e se prepararam para a decolagem. O policial que fazia a vigilância, de longe, viu quando eles chegaram e também agora, quando retornaram para a aeronave. Suspeitando da rápida ação deles, ele quis pará-los, para se certificar de que aquilo não se tratava de um possível roubo. Chegou até a atirar em Jack, que revidou os tiros com uma pistola que tinha a bordo do seu helicóptero. A propósito, do lado da pistola, havia uma metralhadora e um machado incrivelmente antigo e clássico do velho Wood, avô de Jack. A relíquia parecia já ter vocação própria e destino certo na vida de Jack. A troca de tiros por parte de Jack parecia ser um ato desesperado, mas dadas as circunstâncias foi a ação mais lógica. Assustar o policial para que eles pudessem prosseguir. Contudo, Jack não contava que um helicóptero da polícia estava por perto. Imediatamente após o policial ter feito o comunicado de fuga pelo rádio, a perseguição começou. O helicóptero da polícia seguiu atirando atrás deles. Tudo que eles não precisavam naquele momento.

Do helicóptero, Jack tentava se desvencilhar dos policiais, ao mesmo tempo em que corria para chegar logo ao seu destino, à base secreta.

— Jack, você pode me dizer o que está acontecendo aqui? — perguntou Kim, impaciente, do banco de trás.

— Mas o que é que você quer que eu diga? Eu já disse o que vai acontecer!

— Você quer que acreditemos nisso? — perguntou Kim, inconformada.

Bill, que estava no banco da frente, olhou para Kim e disse um sim, balançando a cabeça. Mesmo pilotando com muita pressa, Jack precisava esclarecer as coisas. Então, ele lembrou parte do que aconteceu quando ficou sabendo do fim do mundo, antes de voltar ao passado.

— Ok... eu estava em meu escritório, na nova base secreta no deserto, sozinho, revisando o último ponto do projeto, quando então tocou o telefone. Não havia mais ninguém em todo o setor 05 do subsolo 03, que é o setor do sifão do tempo. Exceto pelo doutor Albert, que estava na recepção da base secreta conversando com outro cientista. Todos os convidados estavam na conferência em

que seria apresentado o nosso projeto responsável por implementar algumas aplicações nos diversos setores da pesquisa avançada do governo. Eu estava terminando a revisão para levá-lo ainda a tempo de sua apresentação na conferência, quando então...

Aí ele foi relembando e contando tudo a eles o que aconteceu.

(— Olá, Charles! — disse Jack, em sua mesa, numa chamada de vídeo.

— Jack, aconteceu uma desgraça! — disse Charles do outro lado da chamada.

Charles era um tipo inglês, tinha orelhas de abano e usava óculos. Era membro do conselho de engenharia espacial da NASA, no observatório central, e marido de Carol, que era colega de trabalho de Jack.

— Vou passar para o presidente — disse Charles virando o vídeo em direção ao presidente, que estava ao seu lado.

— Passar para quem? — perguntou Jack.

“Senhor presidente” — disse Charles, dizendo ao presidente que já poderia falar com Jack.

— Jack — disse o presidente.

— Senhor presidente?! — disse Jack.

— Como vai, filho? — perguntou o presidente, carinhosamente. Ele nem mesmo o conhecia, mas agora ele dependia de Jack para uma tarefa muito difícil.

— Não muito bem, senhor presidente.

— Nós acabamos de detectar, do observatório central da NASA, uma espécie de *Big Bang* que sobreveio em nossa direção, inexplicavelmente, depois de surgir, aqui mesmo, dentro de nossa galáxia — disse o presidente.

“Ele está fazendo com que planetas e estrelas sejam arremessados, em várias direções do universo, colidindo com outros corpos celestes, enfim... isso começou no final da galáxia e não vai demorar muito para que chegue aqui.”

“Tem uma coisa... pode ser coincidência, mas há alguns minutos eu falava com o doutor Tales, em uma conferência... ele é o responsável pelo projeto da máquina dos sons” — disse o presidente.

— Eu sei quem é ele.

— E ele havia acabado de localizar o som de uma voz, que segundo ele era a voz de Deus. A voz de Deus dava a ordem para a criação do universo.

— O que? — perguntou Jack.

— Você sentiu o tremor? — perguntou o presidente.

— Sim. Também vi, pela janela, um clarão, uma luz muito forte.

— Aquilo foi o momento da explosão — disse o presidente.

— Que absurdo! — disse Jack.

— Jack, eu preciso que você volte no tempo e nos salve — disse o presidente — você acha que pode fazer isso?

Aquilo era ininteligível. Já não havia mais tempo para nada. O presidente sabia que Jack era a única pessoa que poderia evitar que aquilo tudo acontecesse. E ele não poderia deixar de atender ao seu pedido, ou seja, evitar que a existência da humanidade terminasse submetida à extinção. Jack, no entanto, estava atônito; em choque, mal conseguia se controlar. Contudo, depois de alguns instantes ele respirou fundo e disse:

— Eu sinto muito, senhor. Receio que eu não seja a pessoa mais qualificada para essa missão.

O presidente virou o vídeo em direção ao seu amigo Charles, que era também o seu mentor, junto à sua esposa Carol.

— Jack, você lembra quando nós não tínhamos como saber se a continuação daquele outro projeto nosso com o doutor Albert daria certo? Se não fosse por você nós não teríamos conseguido! Você acreditou que devíamos tentar! Mesmo que vier a dar errado, ao menos teremos tentado, você me disse. Você veio a mim e me disse isso, lembra? — disse Charles, tentando convencê-lo.

— Aquilo era diferente, Charles. Eu só não tive medo de arriscar.

— Por isso mesmo, é você quem cuidará disso pra mim, Jack! Você consegue! — disse Charles.

Charles passou novamente para o presidente, que disse:

— Jack, fale comigo!

— Sim, senhor presidente!

— Você pode fazer isso? — perguntou o presidente.

Jack percebeu que mesmo que ele não conseguisse, havia outro motivo que era mais do que um consolo para ele. Então ele disse:

— Não há mais nada a perder, senhor! — disse, sentindo que precisava fazer aquilo.

“Sim, senhor presidente. Vou fazer!”

O presidente, Charles e todos os que estavam na sala com o presidente, ouviram a decisão de Jack e comemoraram muito.

— Jack, eu não vou ter tempo de avisar a minha esposa. Nesse momento ela está sem comunicação, mas se você a vir no passado e no caso de não haver como evitarmos isso, diga para ela se proteger, aí mesmo no subsolo, e diga também que eu a amo — disse o presidente.

— Ok, senhor. Vou dizer!

— Mais uma coisa: algumas estrelas estão vindo em nossa direção... e o sol está bem no caminho delas... seja rápido! — concluiu o presidente.

Jack desligou, sem saber o que fazer. Ele estava travado. Não sabia se corria ou se esperava dali mesmo a chegada do fim. Sua vontade era a de não ter vontade. Muito confuso, ele foi até à janela e pode ver aquele clarão da explosão diminuído, porém, à sua frente, ele viu também alguns planetas e algumas estrelas, aumentando cada vez mais de tamanho.

Ele viu também aquela espécie de buraco negro que tinha um formato estranho, parecendo ter dentes de vampiro. Jack não acreditou no que viu. Porém, não teria sido tão insólito se aquilo não tivesse acontecido. No instante em que Jack olhou para aquele “monstro” algo ainda mais misterioso aconteceu. Seus olhos mudaram de cor e brilharam por alguns instantes. Eles mudaram para um tom vermelho-sangue e depois para um dourado topázio bastante destacado.

“Mas o que é essa coisa?!” — disse Jack, em pânico.

“Deus! Eles estão vindo mesmo para cá!”

Jack levou a mão à cabeça. Como ele poderia saber o que fazer numa

situação daquela?

“Isso não está acontecendo! Vou ligar para...!”

Jack pegou o celular, e até começou a fazer uma ligação, mas desistiu, e em seguida reagiu, inconformadamente, com muita raiva.

CAPÍTULO 31

O estrondo do pedaço do sol que caía.

“Ok! Alguém precisa mesmo usar esse sifão do tempo de vez em quando! É simples. Eu volto alguns dias, vou até à universidade, falo com esse tal de Tales e evito que tudo isso aconteça!” — disse Jack, ainda meio agitado, mas tentando acalmar-se. Ele continuava relembando tudo ao Bill e à Kim.

Jack digitava uma sequência de números no computador. E então aconteceu um grande tremor. Livros e objetos pequenos caíam no chão da sala; a placa na porta dizia: SALA RESTRITA. Jack a invadira por arrombamento com o despojamento de um Bruce Lee.

“Acho que 10 dias são o bastante!” — disse Jack, em pânico, ainda digitando. O estrondo era muito maior do que o de um trovão. Esqueçam os adágios, alegros, andantes; aquilo era o horror multiplicado. Ecoava como num acorde grave que se enriquecia com diversos outros, os quais eram ainda, cuidadosamente, somados a diversos estouros e a impactos metálicos ensurdecedores. Algo inimaginável. Não havia como alguém um dia ter presenciado nada parecido. Era como se o centro da Terra viesse à superfície e esta ao centro da Terra; como se o planeta estivesse sendo vítima de um “vira-aí-do-avesso-para-mim”: vira aí do avesso pra mim.

As luzes piscavam avisando um blecaute; o lugar estava tão quente, que parecia ser o interior de uma caldeira: o inferno. Como alguém poderia reimaginar o holocausto contemporâneo e enfim reinventá-lo?!

Era preciso que ele conseguisse fazer o que pretendia logo, no entanto, uma queda de energia fez todos os computadores e máquinas pararem. Até que o gerador viesse a restabelecer tudo, em uma questão de segundos um momento mágico então aconteceu.

A sala estava escura e as paredes tinham rachaduras por onde passavam luzes muito fortes. Entre as rachaduras havia uma janela redonda alta, de mais ou menos dois metros e meio de diâmetro.

Jack se levantou, mas por causa de um forte tremor, caiu. Caiu debaixo da janela redonda. Através dela, ele viu o que só poderia ser visto por meio de um telescópio de grande potência.

Um inexplicável e imenso pedaço do sol caindo em sua direção. Era possível ver, maravilhosamente, todos os detalhes de seu formato: como uma pessoa que só está acostumada a ver os helicópteros no céu e um dia acaba vendo um descendo em terra, bem em frente à sua casa. Em outras palavras, era possível ver todos os detalhes daquele gigantesco pedaço do impossível. Ver um helicóptero nessas condições realmente causaria uma bela surpresa. Por outro lado, diferentemente de uma bela surpresa, aquilo vinha a ser o espanto elevado a um número infinito.

“Santo Deus!” — disse Jack.

Um segundo depois a energia voltou. Ainda com dores nas costas por causa da queda, Jack arrastou-se até à mesa, deu sequência aos números recuperados pelo sistema antes da queda de energia e concluiu com um breve suspiro de alívio.

“Vamos lá, máquina! Mostre alguma coisa!” — disse Jack, apertando a tecla ENTER.

Num segundo, ele estava em uma espécie de túnel. Como ele mesmo dissera numa entrevista: “uma fenda no tempo que surge depois de uma combinação de fatores tridimensionais, adicionados às dimensões de tempo-espço, observadas após o nascimento de um universo de ondas “para-gravitacionais”.”

O começo do túnel era similar ao interior de um anelídeo em grandes proporções, que se tornava mais espesso e largo do meio para o fim.

A minhoca era grande! — ele diria, em um momento de descontração.

Passar por aquele túnel era como estar na pele de um surfista, que encara o maior tubo do Havaí.

O interior daquele túnel exibia a porcaria de uma iluminação, altamente, incandescente, assim como um circuito de lasers, que sofria alterações simultâneas

de cores “curto-circuíticas”!

Jack levou alguns segundos dentro do túnel até que seu corpo, inexplicavelmente, viesse a se dizimar em milhões de pedaços.

Ao seu final, o mesmo túnel criou uma distorção de imagem que se afunilava, gradualmente, na parede lateral de uma padaria por aonde ele veio a bater a cabeça depois de ser jogado.)

Relembrar tudo aquilo a eles, dadas às circunstâncias, acabou provocando reações mais do que esperadas.

— Mas... você era só o meu Jack! — disse Kim.

— Que horas são? — perguntou Jack, pilotando o helicóptero.

— Está quase na hora! — disse Bill.

Já se podia ver a base secreta, perdida em meio ao deserto, quando também se pode ouvir o estrondo.

Era um planeta desconhecido se chocando com o sol; possivelmente já há muito menos de cento e cinquenta milhões de quilômetros da Terra, distância do sol em relação à Terra antes da nova explosão do *Big Bang*. Quase impossível de se explicar. Três pedaços do sol seguindo em direção à Terra.

Quando Bill era criança ele ouvia sempre de seu pai algumas frases soltas como: se quiser ser alguém na vida nunca se preocupe com o que os outros vão pensar de você. Procure sempre refletir depois de fazer alguma coisa errada, para que você não erre novamente, por que errar é humano, mas persistir no erro é burrice. Você não precisa obter o reconhecimento das pessoas para ser feliz. Você pode mudar o mundo começando consigo mesmo.

Quero mudar um pouco o mundo, agora. Se possível, um pouquinho mais para esquerda! Socorro!

— Isso não pode estar acontecendo — disse Kim.

Jack pousou o helicóptero no estacionamento da base onde não havia muitos carros. Os seguranças e a maioria das pessoas acharam a chegada muito suspeita e inusitada. Antes de descer do helicóptero, contudo, Jack pegou a metralhadora que estava do lado do banco. Sem pensar nas consequências, ele a colocou por baixo de

sua jaqueta, que também encontrou por ali, e foi saindo.

— Isso é uma metralhadora? — perguntou Bill.

— Eu nunca quis isso aqui, mas agora me parece bem apropriado — disse Jack.

“Venham! Depressa!” — disse Jack, decididamente.

Eles conseguiram passar pelos seguranças da portaria, sem que eles percebessem, pois estavam distraídos se comunicando pelo rádio.

Na recepção da base, eles encontraram o doutor Albert.

— Não acredito! — disse doutor Albert, que parecia estar vendo um fantasma.

Jack estava desaparecendo e reaparecendo na frente deles.

— Ah, não! De novo, não! — disse Kim, pausadamente.

— Doutor! — disse Jack, ainda “piscando” da mesma forma com que a sua voz era emitida; falhada, com lapsos de pronúncia. Era uma espécie de emissão de frequência desarmônica, como uma imagem distorcida que se restabelecia aos poucos — eu já estive no passado, mas deu tudo errado lá. Vou ter que voltar novamente.

— Você é o início, a máquina, o elemento Z, o V... — disse o doutor Albert, pondo a mão no ombro de Jack, com os olhos marejados.

— Jack, eu preciso lhe dizer! Aconteceu alguma coisa depois que você viajou no tempo! A máquina criou e ativou novas sequências em sua cadeia genética e por essa razão agora você é outra coisa. Para a máquina, você morreu no momento em que você passou por ela. Por essa razão, ela só encontrou uma maneira de fazer com que você voltasse à vida: criando e ativando em você o elemento zumbi. Você também recebeu outros elementos, como o vampiro, mas eu ainda não saberia lhe dizer o que esses outros elementos fariam com você ou mesmo se eles já estão ativos ou não. Eu acredito também que o evento no cosmos pode ter ativado um gene licantropo herdado de sua família, ou seja, um gene lobisomem — disse o doutor Albert, depois de ver os olhos de Jack mudando um pouco de cor.

“Do fim surgirá o início!” — completou o doutor.

Os seguranças repararam e acharam estranha a atitude de ambos. Em seguida, o que parecia ser o chefe deles recebeu uma chamada da polícia pelo rádio e de imediato começou a gesticular em várias direções. Nesse momento, o helicóptero da polícia já pousava no campo.

— Preciso voltar! — disse Jack, saindo apressadamente.

— Jack! O que você disse à máquina para dar certo, no momento em que você passou pelo sifão? — perguntou o doutor Albert. Jack somente sorriu.

O doutor Albert sabia que o padrão humano de Jack havia mudado e que a causa teria sido a viagem no tempo. Sabia que aquilo era o início de um novo tempo e quando ele viu Jack desaparecendo, teve a certeza de que já havia acontecido. O doutor já contava com isso. Ainda bem que essa extraordinária consequência, que só o doutor Albert e parte de sua equipe sabiam, estava em boas mãos.

Uma movimentação começou e os seguranças e a polícia começaram a persegui-lo, implacavelmente.

Depois de descer pelo elevador até o subsolo 03, Jack avistou o outro Jack.

Escondido, ele pôde ver o momento em que o outro Jack executou aquele belo salto “parafuso” em direção ao sifão, embarcando naquela viagem no tempo.

A perseguição continuava, mas quando Jack chegou à sala do sifão ele realizou todo o processo de ignição da máquina, acionando cada *play*.

“Estabilizador! Linha de contato interior! Imagem! Tradução suspensa do tempo! Vou colocar vinte e quatro horas, aí vai dar certo!” — disse Jack, acionando o painel do sifão.

“Dessa vez eu não vou bater a cabeça! Não vou bater a cabeça!”

Os mesmos tremores, como os da primeira vez, tornaram a derrubar mais livros da estante, assim como também outros objetos pequenos da sala. As luzes piscaram novamente anunciando um novo blecaute. Jack sabia que tinha somente alguns poucos segundos. Ele não podia errar. Lá fora, um imenso pedaço do sol aumentava ainda mais de tamanho, enquanto vinha em direção à Terra. Ele parecia

estar vindo direto para a base; como de fato aconteceria.

A energia voltou. Os seguranças tentavam capturá-lo.

“Droga!”

Jack olhou para a metralhadora perto dele e sem pensar nas consequências começou a metralhar todo o lugar, principalmente na direção dos espelhos onde eles estavam. Havia ali muitas divisórias daquelas com vidro, transparentes, na metade superior.

Depois que Jack descarregou toda a munição, o local ficou totalmente destruído. Aquilo foi um belo estrago; uma demolição de causar inveja a qualquer clube da ruína. Um “naufrágio” vítima de “águas” bélicas.

Uma ova! Dane-se! Já estou de saco cheio! — Jack teria dito.

Mas foi o que o fez ganhar algum tempo. Em seguida, Jack vestiu a roupa especial, tomou distância do sifão e lá foi ele.

O ruído do pedaço do sol que caía era ensurdecador.

Jack correu com poucas pernadas e pulou para o sifão, dizendo:

“Ah, meu Deus!” — disse isso com uma pronúncia esticada; assim como o seu corpo, que se alinhou, olímpicamente, naquele salto.

Ele foi fragmentado em milhões de pedaços e em seguida absorvido por milhões de máquinas do tempo, que mal tinham o tamanho de um grão de mostarda.

Logo depois, o pedaço do sol caiu em direção ao deserto, bem em cima da base, destruindo tudo, apocalipticamente, num raio de milhares de quilômetros.

CAPÍTULO 32

O retorno ao passado e o começo do fim.

Uma fenda no tempo foi aberta, um pouco antes do portal. Este apareceu em uma biblioteca como se fosse um lustre.

Jack passou mais uma vez por aquele túnel: o que era similar ao interior de um anelídeo, em grandes proporções, tornando-se mais espesso e largo do meio para o fim. Dessa vez, ele esperava chegar ao outro lado de uma forma mais tranquila ou, no mínimo, menos traumatizante.

Então, Jack surgiu por aquilo que realmente parecia ser um lustre, mas que na verdade era a abertura do portal. Para sua sorte, ele caiu de ponta batendo as duas mãos no chão, mas como amorteceu a queda, dessa vez, ele não bateu a cabeça.

Ouviu-se um barulho. Depois disso, um homem, com roupas estranhas, se mexia e tentava se levantar no meio do átrio maior da biblioteca, meio que gemendo e resmungando alguma coisa.

“AH! AH!” — disse Jack, encolhido no chão.

A abertura do portal se fechou.

Todos ficaram olhando para Jack, que por sua vez olhou para todos os lados e depois somente para baixo, tentando sair discretamente daquele lugar.

Em meio às mesas e cadeiras estavam algumas vultosas prateleiras repletas de livros antigos. Era a biblioteca municipal da cidade.

“Ufa! Pelo menos dessa vez eu não bati a cabeça!” — disse Jack, já levantado e se ajeitando para sair dali.

Eu quase teria conseguido se não fosse pelo escorregão! — ele diria, depois do feito.

Na biblioteca havia poucas pessoas, a maioria funcionários. Algumas pessoas estavam sentadas lendo os seus eBooks pelos eReaders ou celulares. Era permitido falar, mas somente em voz baixa.

Vocês devem cochichar! — diria uma funcionária.

O prédio da biblioteca tinha três andares, mas somente um deles era de acesso ao público. Os outros dois eram utilizados pelos funcionários para organização e recuperação de obras castigadas pelo tempo. Sua fachada lembrava a das construções barrocas do norte da Itália no século XVII. No teto, as madeiras entalhadas eram recobertas com um tom dourado. Os pilares e janelas onduladas, com esse mesmo tom, estavam por toda a biblioteca. O barroco aparecia também nas escadarias e nas linhas ou fendas moldadas em posição diagonal.

Depois que Jack saiu de lá, ele reparou que uma senhora gritava, muito agitada, do outro lado da rua em frente a uma loja.

— Amigo, que dia é hoje? — perguntou Jack a um skatista adolescente.

— Hoje é só mais um dia. Por que você se importa? — respondeu o adolescente de cabelos longos, que levava o seu *skate* com a mão direita.

Jack atravessou a rua em direção à loja, curioso para saber o que havia acontecido com aquela mulher para que ela entrasse em pânico daquele jeito. Ele estava sentindo muito calor.

“Essa roupa é muito quente!” — disse Jack.

“Ah, não! Não é possível!” — disse Jack, espantado.

Já na loja, ele pode acompanhar, na transmissão de um programa, a imagem dos três pedaços do sol que partiam em direção à Terra, depois de surgirem em decorrência do impacto com o planeta gigante. Então o repórter disse:

“Segundo pesquisadores, a “gravidade específica”, na correlação com a circunspecção do sistema solar em sua gravidade, que fora recentemente descoberta, poderia justificar a causa disso depois do surgimento desse novo *Big Bang*.”

“De acordo com essas imagens que captamos, há alguns instantes, através da rede do observatório central da NASA, nós seremos atingidos em alguns segundos!”

Jack pôde ver o pedaço do sol já muito próximo da Terra.

“Minha nossa, vai destruir toda a base e também o sifão! Não há como chegar até lá a tempo!” — disse, pausadamente.

Quando se virou para a biblioteca, ele se lembrou de uma coisa que o doutor Albert dissera e então disse:

“Eu não consigo chegar até o sifão, mas acho que consigo voltar por aonde cheguei!”

Então, um terremoto começou a atingir todo o lugar. Jack correu em direção ao prédio da biblioteca a fim de tentar voltar ao futuro pela mesma passagem pela qual ele chegara.

O cenário apocalíptico era tão evidente que nem mesmo a mente mais brilhante seria capaz de imaginar ou expressar com detalhes tamanha tragédia.

A câmera lenta parecia ser uma das poucas formas, senão a tentativa menos frustrante, ou quiçá ainda a única ferramenta capaz de recriar aquilo tudo. Seria, todavia, a maneira menos insensata de se chegar a uma descrição próxima do aceitável.

Ainda assim, tal descrição não aconteceria sem o consolo participativo da grandiosa obra-prima do piano de Mozart, a partir do primeiro minuto do alento de seu concerto em Dó maior.

Subindo as escadarias barrocas em direção ao seu destino, na esperança de voltar e mudar o curso da história, distraidamente, ele acabou tropeçando num dos degraus do século XVII. O que foi bom, porque logo à sua frente no mesmo instante uma rachadura se abriu.

Aquele fora o seu único lance de sorte entre todos os outros daquela secular escadaria, pois se ele não houvesse rachado Jack não teria se afastado, pondo tudo a perder.

Com grande esforço, Jack pulou por cima daquela rachadura, caiu rolando do outro lado e depois seguiu correndo. Em seguida, passou por algumas colunas barrocas e pelo rol de entrada até chegar ao átrio maior.

A tão agraciada ou condecorada arquitetura barroca acabou sendo subjugada. Forçada a macular um intrépido passado com a permissão de abertura de impiedosas fissuras desbravadoras, que já nasciam a serviço de um irascível “expediente” sísmico.

A cidade estava sendo destruída de tal maneira que um cenário aterrorizante como aquele parecia ser o menor de todos os status.

Jack precisava dar um jeito de consertar tudo. As pessoas mais próximas a ele já estavam passando por todo aquele pânico.

O forte tremor já atingia também a Kim e o Bill do passado. Bill precisou parar o seu carro no meio da grande ponte, quase caindo dela. Kim teve de correr para fora do prédio, no meio do seu plantão. Depois de poucos segundos, o prédio acabou vindo abaixo.

O Tio da banca não sabia se corria ou tentava salvar as coisas que carregava,

no momento em que sua querida banca era tragada por um dos terríveis tornados.

A recepcionista de óculos pequenos se segurava por trás do balcão. Na loja de roupas masculinas os atendentes corriam para fora dela, tentando se esconder.

Os cientistas de Harvard tentavam entender o que poderia estar acontecendo.

Mas depois que não viam nenhuma saída, tudo era resumido em: se proteger e sobreviver.

Os funcionários e os pacientes do hospital deixavam os seus quartos para buscar abrigo em um ginásio.

Os cientistas da máquina do tempo simplesmente não encontravam explicações para o que estava acontecendo.

O tio de Kim, na fazenda, se segurava em sua varanda e os peões de rodeio tentavam acalmar os seus animais que estavam muito agitados.

A tragédia toda não tinha nenhum precedente, pois os oceanos dissolviam as suas correntes marítimas por sobre as estradas, fazendo delas o cenário perfeito para os gigantescos tornados.

Os mares invadiam, violentamente, os litorais de todo o mundo com ondas que castigavam a natureza, as pessoas e tudo o que elas encontravam pela frente.

Enormes rachaduras, iniciadas nos desertos e florestas de todo o mundo, enterravam, severamente, muitas grandes cidades.

Os maiores edifícios do mundo tombavam ou simplesmente se “autoexplodiam”, inexplicavelmente, como se fossem dinamites, diante da maior força já vista na Terra.

Aviões desgovernados caíam sobre as grandes cidades, onde carros, caminhões e outros transportes se amontoavam. A catástrofe era tamanha que o caos generalizado já era o menor dos problemas. Os povos tinham o seu destino tido como o sem rumo.

As pessoas procuravam alguma segurança no centro de apoio da total insegurança: no impossível. Em outras palavras, elas buscavam o alento em um tranquilo, confortante e acolhedor lugar ao fim do mundo. Como alguém poderia expressar, naquele instante, a esse mundo apocalíptico alguma coisa que não fosse

o reflexo de sua própria expressão: em pânico, eufórico, incontido, indefinido e perpétuo.

Florestas e montanhas se partiam ao meio frente aos gigantescos incêndios: como se tudo aquilo facilmente se quebrasse. Como quando se divide ao meio um pequeno saquinho de muda de planta, cortando-o com uma tesoura ou um facão. Novamente, uma câmera lenta surgiria como o único recurso, num relato desses. A maneira menos insensata de se chegar a uma descrição próxima do aceitável.

Já neste momento, era possível ouvir outra grandiosa obra-prima. Johann Sebastian Bach parecia ter criado a sua *Tocatta and Fugue* naquele instante, como um instrumento de consolo. Como se fosse um triste acolhimento àquele desafeto cósmico. Assim, era possível ouvi-lo em todos os seus recônditos acordes, pois o som da desdita era, sem dúvida, o fim, e se superava em toda a sua genialidade apocalíptica.

No átrio central da biblioteca, mesmo com o tumulto das pessoas correndo e gritando, Jack conseguiu localizar o exato lugar por aonde chegou. Contudo, para ir até lá, ele teve de encarar mais uma rachadura, bem no meio desse átrio. Dessa vez, a rachadura ficou tão grande que para saltar sobre ela, Jack teve que tomar certa distância. E assim ele o fez, porém a distância tomada para o salto acabou não sendo a suficiente, deixando-o pendurado bem na beirada da rachadura. E lá estava ele a um passo de ser tragado por aquela armadilha.

Eu só quero que tudo isso acabe, pensou Jack, quase sem forças.

“Preciso subir! Há muita gente precisando de mim! Não posso decepcioná-los!” — disse Jack, se esforçando para sair de dentro da fenda.

Do lado de fora da ruptura, ainda recém-escapado da degustação da mãe Terra, Jack correu para debaixo de onde havia sido aberto o portal, ou sob o local, subiu em uma mesa e pulou de ponta, com os braços à frente no mesmo salto parafuso, para cima em direção ao portal que começava a surgir.

Subitamente, o portal se abriu e o puxou para dentro. Até mais ou menos a região peitoral, ele foi sugado lentamente, o que o levou a acreditar que aquilo não

iria funcionar, contudo, depois ele praticamente foi arremessado para dentro.

“AH! AH!” — gritou Jack, instantaneamente já de volta na sala do sifão por onde ele foi lançado. Ele foi arremessado longe.

Quando se levantou do chão, correu em direção ao mesmo sifão do tempo, para que pudesse fazer o novo ajuste no espaço tempo da máquina, mas foi novamente vítima daquele mesmo terremoto.

Jack caiu, mas da mesma forma, se levantou. Depois, foi até ao sifão e digitou alguns números. Faltavam poucos segundos para que o pedaço do sol, mais uma vez, caísse sobre ele.

“O que vem dando errado? Espera aí. Da primeira vez, eu coloquei dez dias; voltou dez anos. Na segunda, coloquei um dia; voltou um minuto. Menos/mais, mais/menos! Então, se eu colocar menos, nessa lógica, vai dar mais! É isso!”

“Vou colocar um minuto!” — disse, digitando. Em seguida, afastou-se do sifão tomando distância para o salto.

E lá foi ele. O pedaço do sol já estava muito próximo da superfície da Terra.

Deu a mesma corrida e novamente o mesmo salto para dentro da máquina.

Dessa vez a sua entrada no sifão aconteceu juntamente com toda a catástrofe iniciada. As máquinas do tempo, dentro do sifão, acessaram as células de Jack simultaneamente à queda do pedaço do sol, em cima da base secreta.

Isso aconteceu com tudo ali ao redor da máquina já em processo de derretimento. No entanto, alguma coisa fez com que, no último segundo, um novo elemento interagisse ao DNA de Jack. A máquina, depois de reduzir sua vida a nada, pareceu ter acrescentado a ele uma volta à vida a partir de um gene bem específico: o zumbi.

Então, uma última voz bradou diante daquele que, seguramente, seria o final apocalíptico jamais imaginado para a humanidade:

“Por favor, volte um dia! AH!”

CAPÍTULO 33

O que há no final de tudo, depois da última estrela?

No momento em que o garoto de bermudas abaixava-se para pegar a bola,

perto de um dos bancos da praça onde uma senhora tricotava, o gramado aparado da praça do parque público se encontrava, quando dividia o seu espaço com algumas calçadas de um mosaico muito distinto.

No parquinho infantil, o escorregador, o balanço e a gangorra eram os mais disputados. Por ali mesmo, próximo ao garoto, aquele “abajur oval do tempo”, que dessa vez veio a surgir ao ar livre, arremessou lentamente o heroico Jack.

AH! Merda! — disse Jack, se lamentando das dores do impacto.

“Isso é muito engraçado! O tempo é outro, mas as minhas dores são as mesmas! Essa bisnaga é cumulativa! Inocência minha ter pensado que com o passar “desse tempo” elas sumiriam! Se com o passar do tempo normal elas só aumentam, o que poderia ser diferente?” — disse Jack, mais aliviado e feliz.

Aproximando-se de uma mulher que passava empurrando um carrinho de bebê, Jack perguntou:

— Por favor, que dia é hoje?

Como a mulher respondeu a ele que o dia era o mesmo do retorno no tempo, então ele logo olhou o horário no celular dela e constatou que havia voltado somente vinte minutos. Jack virou para trás, levando as mãos à cabeça, e disse: “Merda! Eu voltei vinte minutos! Isso só pode ser brincadeira! Que droga! E isso me dá pouco mais de dez minutos para tentar chegar lá, com alguma folga, antes que os palermas, com aquela maldita máquina, estraguem tudo!”

Jack viu um carro no acostamento da rua do lado de fora do parque e percebeu que o motorista estava saindo dele. O motorista era um senhor de pele avermelhada aparentando ter aproximadamente sessenta anos. Era aquele tipo de italiano que possuía “levemente” um característico temperamento sanguíneo. Jack correu, passando pelos brinquedos do parque e por todas as pessoas que ali estavam, pulou a cerca de ferro baixa e a tela do parque, para então se posicionar, sorrateiramente, por trás do italiano.

— Senhor, vou precisar do seu carro! — disse, tomando as chaves das mãos do escolhido e o afastando de perto do veículo.

— Caspita! Me devorvi essa chave! Disgraziato! Maledetto! — disse o

italiano, gritando muito alto, com sotaque. Não que aquilo fosse muito diferente de um bate-papo para ele.

Jack deu partida no carro, xingou de volta, como se fosse um patrício siciliano, e depois foi embora.

— Tornare qui! Maledetto! Figlio di un cane! — disse o italiano, erguendo os braços, expressivamente. — Tua madre morirà con un fuoco nel gluteo!

Aquilo não parecia ser a gentileza que eles considerariam compartilhar, mas dadas às circunstâncias, a ocasião acabou fazendo o ladrão ou o Maledetto.

Jack enfrentou o trânsito com manobras arriscadas a cada rua e avenida. Em meio a uma daquelas manobras arriscadas, em que tentava ultrapassar uma van escolar, carregada de crianças, ele notou que a van estava muito acima da velocidade. Ao se aproximar da porta lateral, a motorista, uma moça com a roupa da empresa de transporte escolar, gritava muito:

— Socorro! O freio não quer pegar! — disse, em pânico, olhando para Jack.

A reação dele foi tão imprevisível e impulsiva, que nem mesmo ele, depois de tantas dificuldades, teria pensado que faria algo como aquilo.

As crianças gritavam muito. Como se estivessem em uma montanha-russa que as levaria, ao final de um *loop*, para um grave descarrilamento.

— Calma, moça! Vou tentar uma coisa! Não saia dessa linha reta, ok?! — disse Jack, acenando para a moça. Ela respondeu que sim.

Então, Jack acelerou o carro e se posicionou em frente à van escolar, mantendo a mesma velocidade dela. Quando o seu carro encostou a traseira na parte da frente da van, houve um grande impacto. Os dois veículos quase perderam o contato, mas no instante em que Jack retomou o controle ele começou a frear e fez isso até que conseguiu parar ambos os carros. As crianças gritaram como loucas de felicidade, assim como a moça. Jack saiu do carro, se aproximou da van e disse:

— Está tudo bem com vocês?

— Sim! — gritaram todas as crianças.

— Agora sim — disse a moça, muito agradecida, com um belo sorriso e um

brilho nos olhos.

Depois disso, Jack voltou para o carro e seguiu. No caminho, viu o outro Jack almoçando com Kim no restaurante. Quando chegou à Harvard, saiu do carro, passou por dois seguranças da universidade, que estavam na entrada das dependências do prédio, e seguiu direto para a sala de Tales. O que Jack não contava era que os seguranças desconfiaram daquela pressa toda e o seguiram até a sala, para se certificarem de que não havia nada errado.

Todos lá na sala ainda estavam comentando sobre o achado da voz de Cristóvão Colombo. Jack entrou, como se estivesse arrombando a porta, foi até a parte de trás da mesa da máquina dos sons e quando se preparava para puxar os fios de energia, que a desligaria, foi surpreendido pelos seguranças, que o impediram. Naquele momento, a sala ainda estava repleta de estagiários, centenas deles, que estavam ali para conhecer o projeto. Imobilizado pelos seguranças, Jack tinha poucos minutos até que a voz fosse localizada. Então, com um discurso improvisado, mas emocionante, ele disse:

“Eu prometo que saio pacificamente, mas eu poderia dizer uma coisa antes de sair daqui?”

O silêncio tomou conta do lugar. Até os seguranças abaixaram a cabeça.

Aquele foi o consentimento que ele precisava.

“Eu não estou aqui por mim, e se estivesse não faria a menor diferença porque...”

A manifestação era a expressão latente em todo aquele silêncio. Jack estava um pouco emotivo, por isso precisou conter-se logo quando começou a falar.

“Tem alguém aqui que nunca fez nada de estranho? Por toda a nossa existência sempre somos levados a crer que sem a nossa razão nós não sobreviveríamos! Nós vivemos em um mundo em que só evolui quem está à frente de seu tempo! Qual a razão da nossa existência se não for a de experimentar ou a de fazer algo diferente do que sempre fazemos ou, até mesmo, a de fracassarmos? Vocês estão aqui para serem somente mais um ou para fazerem a diferença? Faça algo por alguém! Se ajudem! Eu estou aqui porque estou lutando, não desistam de

mim, porque eu não vou desistir de vocês! Vou lutar até o fim!”

“Ninguém aqui me conhece, então como vocês poderiam garantir que o motivo de eu arrancar esses fios aqui, hoje, não é aquele que vai ser a diferença entre um presente desastroso e sem vida e um futuro de conquistas?”

— É! Isso aí, amigo! Vai lá! Arranca logo essa fiação! — gritou um dos estagiários, muito motivado.

Aos poucos começaram a gritar. A manifestação ficara tão intensa que os dois seguranças não resistiram e o soltaram. Inesperadamente, os dois também levantaram os braços e clamaram para que Jack arrancasse os fios. O que foi bem engraçado.

Sem pensar duas vezes, já com o tempo quase esgotado, Jack puxou todos os fios que estavam plugados na parte traseira da máquina dos sons.

A reação de todos, depois que ele puxou os fios, superou a de um time ao conquistar uma vitória muito esperada. Talvez porque aquilo tudo tenha sido realmente muito inesperado.

— Ei amigo, por que você teve que desligar a máquina? Quem é você? — perguntou Max, que a princípio mal sabia o que haveria de acontecer.

— Acho que vou fazer melhor! — Jack pegou dois dos fios desplugados, os enrolou e os segurou consigo.

— Mas o que está acontecendo aqui? — perguntou Tales.

— Se eu fosse te explicar você não iria acreditar, mas pode ficar tranquilo que, por hora, tudo vai ficar bem! Depois repensamos a respeito da existência dessa máquina — disse Jack, com um gesto amigável, mais aliviado. Tales não entendeu nada.

Jack saiu da sala, mas quando virou o corredor, a caminho da saída para o estacionamento, viu que o outro Jack se aproximava juntamente com o Bill e a Kim logo atrás.

Que droga! Parece que o futuro do pretérito, “mais que imperfeito”, deu futuro ao pretérito!

Ele esperou atrás da porta e logo depois que o outro Jack virou o corredor

ele apareceu para o Bill e a Kim, subitamente. Eles nem teriam notado a diferença, se não fosse pela roupa.

— Jack, que brincadeira é essa? — perguntou Kim.

— Eu sabia que era tudo uma piada! — disse Bill, aliviado, retribuindo o sorriso de contentamento de Jack.

“Onde é que você arrumou essa roupa, cara?” — perguntou Bill.

— Venham comigo! — Jack levou os dois para fora da entrada do prédio, em frente ao gramado.

Ele precisava falar com Kim, pois ainda há pouco, atrás da porta, ele viu o seu braço desaparecendo e reaparecendo novamente. Isso fez com que entendesse aquilo que estava acontecendo com ele, afinal.

— Agora eu sei! — disse Jack, segurando a mão de Kim, emocionado. Ele segurava a mão dela com as suas duas mãos, quando novamente aconteceu a surpreendente e inexplicável “oscilação”. Foi como quando ele acordou do coma. Sua mão direita “piscava”, aparecendo e desaparecendo lentamente. Kim, de imediato, se lembrou daquele dia e justificavelmente se emocionou muito.

— Sabe o que? — perguntou Kim, agora com lágrimas nos olhos.

— Estou como naquele dia, lembra?

— Sim — ela disse também emocionada.

— Mas agora eu percebi que aquilo que faltava não falta mais — disse Jack, feliz — por isso eu tenho que ir.

Kim tentava disfarçar sua emoção.

“Quando nascemos passamos a fazer parte. Quando morremos, também, mas de uma forma diferente. Nós sempre somos parte de um todo e jamais imagináramos algo que não fosse assim. Agora eu terei que ir!”

O corpo todo de Jack oscilou desaparecendo e reaparecendo algumas vezes, lentamente.

— Não! — disse Kim, agora com uma paz inexplicável.

Jack se afastou um pouco, mas ainda segurava a mão dela, quando o seu corpo começou a oscilar novamente. Em seguida, Kim ficou esmorecida, pois não

conseguia mais segurar a mão de Jack. Sua alma era a nítida expressão da ausência de uma. Ela não tinha mais uma alma. O vazio era o seu completo arranjo. A ideia de perda atrelada àquilo que de fato parecia estar acontecendo, e de uma maneira que, inexplicavelmente, era a mais traumatizante possível, era algo inaceitável.

Jack agiu como se tentasse tocar o rosto dela.

Sinta isso!

— Não! — disse Kim, que sorria numa mistura de reações.

Jack olhou para Bill, se despedindo, e depois voltou a olhar para Kim.

Depois de alguns segundos, Jack desapareceu e Kim foi consolada por Bill.

De frente à entrada do prédio da universidade era possível ver o prédio.

E mais alto um pouco, a universidade.

E ao mesmo tempo em que se viu, se disse:

“Numa sucessão, via-se o planeta, tão rapidamente, que quase se confundia com a galáxia” — dizia Jack, mas era somente a voz dele, contudo era possível ver tudo claramente à medida que Jack ia narrando, pois ele vivenciara cada momento daquilo.

“Que sumia depois de milhões delas... até que se viu a última estrela. E então... somente um “som mudo”, vasto e descortinado do espaço. Sozinho, profundo, oculo, sombrio, submerso, assustador, com medo..., mas soberano!”.

CAPÍTULO 34

O nascimento do herói.

No dia seguinte, a voz de Jack narrava alguma coisa a alguém:

“Imagine-se viajando da Terra até depois da última estrela! Mas o que há após a fronteira do universo? O nada? O “uniuniverso”? Então, o que há? Você consegue imaginar isso?” — disse Jack, calmamente, deitado num divã.

“Se você consegue é porque você existe! Mas e se você imaginasse isso do lado de lá da fronteira, você estaria imaginando? Ou o fato de lá ser o “nada” resultaria no paradigma de que lá você não teria uma imaginação; pelo simples fato de que lá você não teria uma existência?!”

“Se você acha que não conseguiria, contudo, imaginar isso do lado de lá, depois da fronteira, porque lá você não teria uma existência, a conclusão levaria a outra pergunta: como você poderia então dizer que existe, levando-se em conta o caso de aqui você também não encontrar uma resposta? A conclusão para isso parece ser a de que, nem aqui, nem lá, simplesmente, você não existe. Isso pode nos levar a crer que algumas conclusões podem ser, na verdade, inconclusivas.”

“E se houvesse essa possibilidade de entendimento ou existência, ou simplesmente “houvesse”?”.

“Basicamente isso foi o que eu entendi e também é o que eu me lembro!”

Sentado à mesa de um consultório, o analista, quase sem rosto, devido ao reflexo da luz do sol, perguntou com uma voz forte:

— Você estava dormindo?

— Sim — disse Jack — sonhando.

Você sabe que eu estou aqui somente porque a universidade me pediu isso, não é?!

— Claro que sim — respondeu Jack.

— Muito bem — disse o analista — fica evidente que o seu inconsciente é a manifestação clara do reflexo de todo um complexo conjunto de informações ora confusas ora imprecisas; resultado de uma insistente forma de deturpação dos bons costumes, do conceito do que é correto e verdadeiro.

“Tudo isso pode ser uma forma de contraposição ao amor, onde o orgulho e o egoísmo são os responsáveis por essa corrente maligna que confunde a associação de ideias das pessoas. Em que a concretização das prioridades, na busca da satisfação dos mais favorecidos, se manifesta a partir do apelo empregado pelos meios de comunicação, sendo isso parte integrante do inconsciente coletivo.”

Em seguida, Jack se despediu do analista, saiu da sala e desceu as escadas do prédio.

Já do lado de fora, em frente a uma praça, cercado de muita grama, árvores e pássaros, ele se encontrou com Kim, próximo à Ferrari de Jack. O dia estava muito bonito. Logo que eles entraram no carro, Jack disse:

— Espere aqui um segundo, Kim! Eu só preciso resolver um assunto. Não saia daqui, eu já volto!

— Tá bom — respondeu Kim.

Jack desapareceu do carro e reapareceu no passado no exato momento em que o outro Jack saía do laboratório da universidade para ir ver a doutora Beth, depois de ter sido humilhado e considerado louco. Todos viram a sua chegada ao laboratório, com espanto. Jack atravessou pela porta de entrada, que estava fechada, como se estivesse, inexplicavelmente, atravessando por uma parede. Em seguida, Félix, como os outros, olhava para ele, quando então ele desapareceu da porta da entrada e reapareceu bem em frente ao Félix.

“E aí, Félix, ainda acha um absurdo?” — disse Jack.

Félix olhava para Jack como alguém que via um fantasma. Em seguida, ele desapareceu de onde estava e reapareceu bem em frente ao Michael, e disse:

“E você, Michael, ainda acha que nada acontece, assim, tão de repente? Eu pareço um agente oculto agora, ou será que você anda tomando chá de cogumelo? Você não está me parecendo muito bem, amigo! Quer que eu ligue para alguém?”

Como Félix, Michael também não se atreveu a dizer nada. Ele até teria tido a mesma reação de Félix, se não tivesse molhado as calças. Susan, já acompanhava aquilo tudo, no mínimo, assombrada.

“A propósito!” — disse Jack, olhando para Susan.

“Olá, Susan!”.

“Ah! Espere um pouco!” — Jack sumiu e reapareceu no mesmo lugar.

“Atenda ao telefone, Susan!”

O telefone tocou e era a doutora Beth. Susan atendeu, mas não soube o que dizer.

“Eu voltei no passado e disse pessoalmente a ela para que ligasse nesse exato minuto para você” — disse Jack, se desdobrando para não rir.

“Ainda quer ligar para uma amiga, Susan?”

Susan, assim como os outros, abaixou a cabeça, porém dessa vez, de vergonha. Tales, agora passara a considerar a sua própria insanidade.

— Vou alegar insanidade. Será que exagerei na filosofia? Preciso de ajuda —

— disse Tales, em voz baixa, com os olhos arregalados.

Depois disso, Jack desapareceu do laboratório e reapareceu no exato momento em que o outro Jack deu o seu primeiro salto no sifão. Atrás da porta, ele esperou até que todos saíssem da sala, o que aconteceu após o envio do outro Jack para dentro do sifão. Então, ele surpreendeu o doutor Albert, que havia permanecido na sala, e apareceu na sua frente, dizendo:

— Olá doutor Albert.

Como Jack estava diferente, o doutor logo percebeu algo estranho.

— Mas o que é que está acontecendo? — disse o doutor Albert.

Jack somente sorria para ele.

“Ah, minha nossa! Você está vindo de que época?” — perguntou o doutor, que parecia estar vendo um anjo.

“Tem tanta coisa que eu quero saber, Jack.”

— Também tenho muita coisa a dizer, doutor — disse Jack, sorrindo, cheio de paz.

“Agora preciso ir, mas nos veremos em breve, doutor!”

E Jack desapareceu nos segundos seguintes. Retornando à sala, os companheiros de projeto do doutor Albert acabaram vendo Jack desaparecendo, nos últimos segundos, diante dos olhos deles.

Aquilo fez com que alguns deles, que já compartilhavam de pequenos segredos e suspeitas, tivessem a mesma reação do doutor. Lopes, que era amiga de Jack, ficou muito emocionada e sorriu para ele, que retribuiu o sorriso, pouco antes dele desaparecer. Todos comemoraram e, emocionados, aplaudiram muito. Em câmera lenta aquele momento certamente poderia ser descrito como o seu glorioso retorno, onde ele conseguira, com a ajuda dos seus amigos, sobrepujar aquilo que parecia impossível. Não seria difícil imaginar uma música para esse momento. Certamente, ela haveria de ser uma das mais comoventes já compostas, pois o trabalho do doutor Albert e de seus dedicados assistentes não poderia deixar de ser comparado a mais bela sinfonia já composta.

Na Ferrari, Kim ficara sozinha somente um segundo, como ele prometera, pois Jack retornara de sua rápida viagem no segundo seguinte ao qual partira.

— Você não disse que iria resolver um assunto? — perguntou Kim.

— Sim, disse pra você esperar aqui um segundo.

— Nesse piscar de olhos aí você resolveu tudo? — perguntou Kim.

— Não — disse sorrindo — acho que só estou começando — Jack disse isso e depois piscou o olho para ela.

— Depois eu quero te perguntar como foi com o analista, mas antes temos que dar uma passadinha em um lugar — disse Kim, cheia de mistério.

— Agora é você — disse Jack, sorrindo.

Eles saíram e seguiram até o Lowell Memorial Auditorium. Chegando lá, ela disse:

— Venha comigo, Jack!

— O que vamos fazer? — perguntou Jack.

— Você vai ver! — disse Kim, ainda fazendo mistério.

Eles entraram. O teatro estava lotado e todos assistiam a um filme que resumia a trajetória de Jack.

Jack é surpreendido por todos os seus amigos e por milhares de estudantes que o aguardavam no teatro para parabenizá-lo.

Depois disso, o doutor Albert veio até Jack e disse:

— Esse filme estava junto com essa carta que aparentemente foram deixados pelo outro você do futuro. E a carta dizia que eu acabei insistindo no futuro para que você voltasse e entregasse os vídeos para mim no passado.

Jack disse, se divertindo com aquilo: “lá vem pedrada!”

O doutor Albert pegou o microfone e disse:

— Senhoras e senhores, eu ainda não sei se o chamo de 7WOOD ou ZUMBIE TIME... o que eu sei é que é com grande satisfação que eu chamo aqui o responsável por estarmos aqui hoje! Jack Wood, venha para cá!

Então, com aquele teatro totalmente lotado, Jack pegou o microfone e calmamente começou a falar:

“Sabe o que eu aprendi com isso tudo?”

“A vida pode nos levar a um caminho que jamais poderíamos imaginar. O que ela não pode fazer é nos levar a um caminho que jamais poderíamos percorrer ou suportar.”

“Nossa vida pode não ser assim tão incomum, mas ela também não é assim tão comum. O que faz com que ela seja especial é justamente o dever que temos de fazer dela a melhor vida possível com aquilo que temos. Buscar um algo a mais também pode ser deixar aquilo que nos é mais valioso, por um bem maior ou por uma missão; uma que não tenha o foco em si mesmo.”

“Já que não somos perfeitos, devemos lutar até o fim para sermos o quanto menos imperfeitos, porque os outros precisam disso. Por isso, agora, por pior que sejam as dificuldades, eu não vou desistir! O que nós conquistamos com isso no final de tudo nada mais é do que a redenção daquele que precisa de nós. A sua felicidade é a nossa maior recompensa. Ela é a confirmação e o sinal de que o amor pode chegar a lugares jamais imaginados!” — disse Jack, com um discurso que emocionou até aos mais frios ou aqueles que duvidaram de sua capacidade.

Aquele Lowell Memorial Auditorium veio abaixo e a multidão que havia se sentado, levantou-se, e o aplaudiu numa comoção memorável. Um discurso como aquele, depois de assistirem ao belo resumo de sua história, pareceu ser o bastante para que se estabelecesse ali um marco na história da humanidade.

E com uma saída mais do que triunfal, Jack segurou a mão de Kim, acenou a todos do teatro e depois desapareceu com ela diante de todos.

— Depois daquela marcante saída do Lowell Memorial Auditorium, eles retornaram aos jardins da mansão Wood. Assim que Jack estacionou, eles saíram do carro, começaram a caminhar e Kim logo perguntou a ele:

— E então, você ainda não me disse como foi com o analista? Conseguiu convencê-lo? — perguntou Kim, sorrindo.

— Eu devia tê-lo levado ao Memorial. O que fiz foi confundir a cabeça dele — disse Jack, se divertindo.

— Você é mesmo muito bom em mexer com a cabeça das pessoas — disse

Kim, sorrindo.

— Achei que a especialista nisso fosse você?! — disse Jack, retribuindo.

De frente para Kim, Jack segurou sua mão com firmeza, porém com o cuidado de quem cuida de algo com carinho. Como haveria ele de interpelar a alguém que descreve o voo de Cipselas do campo? Ela era o seu poema.

Com essa atitude, ela já esperava alguma declaração carinhosa por parte dele. O que ela não esperava é que, ao recitar uma poesia, alguém fosse capaz de expressá-la com tanto amor. Ele, da mesma forma, não esperava e não pode acreditar que alguém pudesse ouvi-la, com tamanho encantamento, como ela o fez.

E foi assim que a mais esperada de todas as poesias foi declamada:

“O carinho com o qual a própria doçura tocou os meus sentidos, foi o mesmo com o qual a ternura, numa tênue brisa, haveria de tocar, tão suavemente, as mãos de um príncipe. O quão não seria ela, então, uma princesa, se em um jardim ela é a mais pura e reluzente manifestação do amor” — declamou Jack à Kim.

Kim olhou para as mãos dele, no momento em que ele as abria, e viu o pequeno botão de rosa que Jack havia apanhado. Ela ficou muito emocionada e foi tomada por uma paz indescritível. Aquilo para ela, depois de tudo o que eles haviam passado, fora tão forte, mas tão forte, que não haveria como ela reagir de outra maneira.

O silêncio que tomou conta se encarregou de todo o resto. Depois disso, seus olhos brilhavam como faróis, a ponto de não precisarem dizer mais nada para ver o futuro todo deles. A alegria e a paz, que ali se estabeleceram, fez com que as lágrimas de felicidade de Kim escorressem.

Jack, da mesma forma, também não conseguia conter-se diante de todo o amor que sentiam.

Então, subitamente, Jack puxou Kim pelos braços e a beijou. Como se o mundo fosse tão somente aquele momento. O vento soprou mais forte, o calor era tão intenso quanto o frio. E as palavras não mais seriam úteis, pois o amor era agora ainda maior. Aquilo fora tão intenso que mal poderia ter sido explicado.

Depois disso, eles caminharam de volta à Ferrari, que era a de um modelo muito encantador, mesmo para Kim que não entendia nada de carros, aquela Ferrari era um sonho que faria brilhar os olhos de qualquer pessoa. Gentilmente, ele abriu a porta para ela e depois de entrarem, ele deu a partida. O som da aceleração daquela Ferrari era música para os ouvidos dele.

Começando a dirigir, Jack disse, quase não acreditando em tudo o que estava acontecendo:

— O que mais vai acontecer? Agora eu tenho ao meu lado a princesa mais linda. Só de pensar em um lugar eu já consigo viajar no tempo e estar lá. E ainda posso ficar invisível — disse Jack, desaparecendo totalmente, por alguns segundos, enquanto o volante do carro ainda continuava girando; em outras palavras, ele continuava pilotando a Ferrari, invisível.

— Hum... esse tipo de piloto automático eu ainda não conhecia — disse Kim, se divertindo.

A visita de Jack ao analista acabou fazendo com que ele se lembrasse aos poucos de cada detalhe vivido por ele recentemente.

Ele se lembrou de que naquele dia junto à Kim e Bill, da mesma forma como ele desapareceu e foi levado para o final ou para além do final do universo, em seguida, ele também voltou. E voltou pelo mesmo percurso, no mesmo tempo, quase que instantaneamente, para o mesmo instante em que praticamente ele acabara de se despedir de Kim e Bill.

Lembrou também que, depois daquela despedida emocionante em que, inexplicavelmente, ele desaparecera, bastaram poucos segundos pra que ele também reaparecesse. Quando então ele pode retornar para os braços de seu amor, Kim, assim como para o convívio de seu amigo, Bill.

Apesar da aparente impressão de que tudo já havia se estabilizado, na sala em que estava a máquina dos sons, uma coisa ainda parecia estar acontecendo.

Algo que poderia fazer com que tudo fosse por água a baixo.

Atrás da máquina havia um gerador de energia, que deveria ser acionado no segundo seguinte a uma queda de energia. Porém, um defeito em seu

funcionamento fez com que ele não fosse acionado, ao final do episódio do discurso, quando Jack efetuou o desligamento dos cabos. Contudo, parece que algo muito inesperado aconteceu.

O gerador que parecia estar definitivamente desativado foi subitamente acionado, religando a máquina. O mesmo visualizador de imagens ainda mostrava em seu painel, inesperadamente, a frase da voz de Deus: “faça-se a luz!”. Tudo que não deveria acontecer depois disso era a entrada de algum desavisado que, desastrosamente, viesse a apertar o botão de ouvir a voz.

E como as coisas nem sempre saem da maneira como a gente espera, de alguma forma alguém que não se poderia esperar apareceu por lá com o pretexto de que precisava pegar o celular que havia esquecido no dia anterior. Esse alguém era ninguém menos do que o Max. Ele mesmo, o rapaz bonzinho. Aí ele acabou vendo a máquina ligada. Seus propósitos já não pareciam ser os mesmos, algo que para ele superava todas as expectativas; ele estava diferente. Depois de ler a frase, algumas vezes, em meio a uma olhadela e outra para os lados, ele resolveu fazer com que a vida seguisse o seu curso enigmático. Ao apertar o botão, Max fazia algumas alterações, como quem sabia o que estava fazendo. Ele digitou algumas palavras em um idioma desconhecido. Uma das palavras era *Vampire*. Contudo, teria ele puxado os novos fios do gerador, dessa vez, antes de apertar aquele botão? Ou suas intenções já seriam as menos improváveis desde o começo disso tudo?

— Aquela máquina me deu poderes e genes que eu jamais imaginei que teria. Sei exatamente o que fazer com o que agora tenho. Eu só não sei em que século — disse Jack à Kim, dirigindo a sua Ferrari. Ele olhou para o banco de trás e o seu machado agora tinha algumas adaptações, como um painel digital do tempo, que possibilitava ao próprio machado, sozinho, viajar no tempo e executar tarefas como um super *drone* do tempo teleguiado.

Assim, Jack acabou percebendo que ele havia dado início a um novo tempo e se tornado a própria ferramenta do tempo tão almejada ao logo dos séculos. “Uma nova máquina do tempo deve dar ao próprio tempo o equilíbrio que a civilização tanto buscou”.

Jack olhou para Kim, abriu sua camisa, arrebetando os botões, mostrou a ela a letra “Z” em seu macacão e disse:

— Cortesia do doutor Albert. O que você acha? — disse Jack

Kim adorou aquilo. Ela olhou para Jack, já imaginando o que iria querer fazer ou em que época iria querer estar com o seu Jack.

Assim, pode ser ouvido pela voz de Jack, que agora de posse de seus novos poderes era uma voz ainda mais marcante, aquilo que viria a ser o prelúdio de uma nova era; a do elemento zumbi:

“Sabe o que eu aprendi com isso tudo?”

“A vida pode nos levar a um caminho que jamais poderíamos imaginar. O que ela não pode fazer é nos levar a um caminho que jamais poderíamos percorrer ou suportar.”

“Nossa vida pode não ser assim tão incomum, mas ela também não é assim tão comum. O que faz com que ela seja especial é justamente o dever que temos de fazer dela a melhor vida possível com aquilo que temos. Buscar um algo a mais também pode ser deixar aquilo que nos é mais valioso, por um bem maior ou por uma missão; uma que não tenha o foco em si mesmo.”

“Já que não somos perfeitos, devemos lutar até o fim para sermos o quanto menos imperfeitos, porque os outros precisam disso. Por isso, agora, por pior que sejam as dificuldades, eu não vou desistir! O que nós conquistamos com isso no final de tudo nada mais é do que a redenção daquele que precisa de nós. A sua felicidade é a nossa maior recompensa. Ela é a confirmação e o sinal de que o amor pode chegar a lugares jamais imaginados!”

De frente à entrada do prédio da universidade era possível ver o prédio.

E mais alto um pouco, a universidade.

E ainda pela voz de Jack, ao mesmo tempo em que se viu, se disse:

“Numa sucessão, via-se o planeta, tão rapidamente, que quase se confundia com a galáxia... que sumia depois de milhões delas... até que se viu a última estrela. E então... somente um “som mudo”, vasto e descortinado do espaço. Sozinho, profundo, oculto, sombrio, submerso, assustador, com medo..., mas

soberano!”.

THE END

